

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### Uma vida humana

Cada um de nós nasce enquadrado. Acordamos do nada e nos encontramos jogados dentro de uma classe, de uma raça, de uma nação, de uma cultura, de uma época. Nunca mais conseguimos nos desvincilhar completamente desse enquadramento. Ele nos faz o que somos.

Mas não tudo o que somos. O indivíduo sente e sabe, também, ser mais do que essa situação ao mesmo tempo definidora e acidental. Ela nos quer aprisionar num destino específico. Contra este, rebela-se, em cada pessoa, o espírito, que se reconhece como infinito acorrentado pelo finito. E tudo o que quer o espírito é encontrar uma moradia no mundo que lhe faça justiça, respeitando-lhe a vocação para transgredir e transcender. Por isso, as raízes de um ser humano deitam mais no futuro do que no passado.

Entretanto, o indivíduo cedo precisa abandonar a idéia de ser tudo para que possa ser alguém. Escolhendo e abrindo um caminho, ou aceitando o caminho que lhe é imposto, ele se mutila. Suprime muitas vidas possíveis para construir uma vida real. Essa mutilação é o preço de qualquer engajamento fecundo. Para que ela não nos desumanize temos de continuar a senti-la: a dor no ponto da amputação e os movimentos fantasmas dos membros que cortamos fora. Precisamos imaginar a experiência das pessoas que poderíamos ter sido.

Depois, já mutilados e lutando, vemo-nos novamente presos dentro de uma posição que, por melhor que seja, ainda não faz jus àquele espírito dentro de cada pessoa que é o infinito preso no finito. Rendendo-nos, por descrença e desesperança, a essa circunstância, começamos a morrer. Uma múmia se vai formando em volta de cada de nós. Para continuar a viver até morrer de uma só vez, em vez de morrer muitas vezes e aos poucos, temos de romper a múmia de dentro para fora. A única maneira de fazê-lo é nos desproteger, provocando embates que nos devolvam à condição de incerteza e abertura que abandonamos quando aceitamos nos mutilar.

É do hábito de imaginar como outros sofrem a mesma trajetória que surge a compaixão. Aliada ao interesse prático, ela nos permite cooperar no enfrentamento das condições que tornam o mundo inóspito ao espírito. E é

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

para torná-lo mais hospitaleiro ao espírito que precisamos democratizar sociedades e reinventar instituições. Temos de desrespeitar e reconstruir as estruturas para poder respeitar e divinizar as pessoas.

Vivemos, porém, em tempo biográfico, não em tempo histórico. Precisamos de soluções que nos atendam no espaço das vidas que temos para viver. Qualquer construção institucional precisa, para avançar, beber na seiva de frustrações e aspirações pessoais.

Uma doçura gratuita, calor misterioso, já une o Brasil. Será que nasce da sabedoria a respeito das coisas mais importantes? A maioria dos brasileiros parece saber, instintivamente, a verdade sobre o drama do espírito -- tudo que eu trabalhei tão penosa e tardiamente para descobrir. Não conseguimos, porém, passar da intuição da realidade existencial à imaginação das possibilidades coletivas. Ainda nos faltam clareza sobre um rumo para o país e confiança em nossa capacidade para desbravá-lo. Desiludidos da vida pública, temos de passar pela desilusão da desilusão e nos fazer profetas de nossa própria grandeza.

## Natal

O cristianismo não é, como supôs Nietzsche, a religião dos ressentidos. Mais razão teve Unamuno ao defini-lo como a religião dos derrotados. Vitoriosos, compreendeu ele, são os que se adaptam ao mundo, aceitando como horizonte a circunstância que encontram. Derrotados, de início, são aqueles que exigem que o mundo se adapte a eles. Desses derrotados, derrotados porque inconformados, depende o avanço da humanidade.

Se há sinal de que a vida não é o que parece ser é a carreira do cristianismo. Não há mensagem que contradiga mais o bom senso mundano do que a mensagem cristã. Ela surge de acontecimentos enigmáticos e paradoxais.

Um jovem judeu de periferia começa a ensinar um caminho de salvação. Intransigente e mal cercado, preocupa as autoridades políticas e religiosas, que se acertam para matá-lo. As expectativas que acalentou se frustram. Seus seguidores o renegam. Depois, sua existência e suas

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

palavras são entendidas como prenúncios de vida maior para todos. Acabam virando diretriz de uma civilização que inventa mil maneiras de descarecterizá-las para poder domá-las.

O cristianismo recolheu do judaísmo a idéia da transcendência radical de Deus sobre o mundo e da supremacia da personalidade humana, feita à imagem e semelhança de Deus, sobre o bem impessoal. Há mais em nós -- mais em cada indivíduo e mais na raça humana -- do que há em todas as sociedades e culturas. Elas são o finito. Nós, em comparação com elas, somos o infinito preso no finito. Temos de quebrar os ídolos -- inclusive as instituições estabelecidas e as idéias reinantes -- para poder respeitar as pessoas, o espírito inexaurível enjaulado dentro de cada um de nós. Temos de construir idéias e instituições mais compatíveis com a condição do espírito.

A reafirmação da transcendência convive no cristianismo, entretanto, com a idéia que está associada ao Natal. O espírito se encarnou no mundo porque o espírito é amor. Embora transcendentem sobre o mundo, somos carentes das outras pessoas.

O mundo, porém, não está preparado para a primazia do amor porque no mundo cada um de nós está crucificado, em separado, na cruz das limitações que nosso destino social e genético nos impôs. Temos, por isso, de mudar o mundo, começando por transformar nossa relação com ele. Para isso, precisamos romper a múmia de rotinas e rendições que se vai formando em torno de cada um de nós. Desproteger-nos para poder imaginar o possível e aceitar os outros é a essência da sabedoria e o rumo da divinização.

No ambiente de semi-crença e confusão em que habitualmente vivemos, as fórmulas e os rituais da religião convencional não exprimem adesão a esse ideário. Servem apenas como encantamento para espantar o medo da morte e para compensar a incontrollabilidade da vida.

Melhor faríamos se rejeitássemos essa falsa religião, camada da múmia que nos sufoca, e passássemos, apóstatas intranquilos, a ver o ensinamento de Cristo como a doutrina deestabilizadora que ele é. Melhor se, desprovidos do encantamento, tivéssemos de enfrentar o contraste, que o cristianismo nos revelou, entre o espírito ilimitado e a situação constrangedora. A hora da nossa apostasia seria o momento da nossa

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

conversão. Isso sim seria Natal.

### Adeus a Godot

Nos Estados Unidos, o assunto é quase sempre o futuro dos Estados Unidos. No Brasil, quase nunca o assunto é o futuro do Brasil. Até mudarmos essa situação, não haverá esperança para nós.

Durante meses, o tema que fascinou os informados e os endinheirados no Brasil foi a agonia da Argentina. Como um condenado aguardando a vez na fila do cadafalso, nossas elites falantes, paralisadas pelo medo e pela desorientação, contemplavam o destino do vizinho. Agora, essa matéria foi trocada por outra: o ataque terrorista contra os Estados Unidos. Qual será o próximo episódio a nos eximir de cuidar do salvamento do nosso próprio país? Sofremos uma desvantagem crucial em relação aos americanos: ao contrário deles, ainda não nos levamos a sério.

Enquanto isso, o prefeito de Campinas foi assassinado. O crime vem sendo tratado como ocorrência policial corriqueira. Estivesse o Brasil na posse espiritual e prática de si mesmo, esse assassinato teria levantado o país num movimento, indignado e resoluto, de auto-preservação. O Estado brasileiro, desafiado impunemente pelos assassinos, estaria mobilizado para encontrar, prender e punir os culpados. Os poderes da República colaborariam para mudar a legislação penal e processual e para fortalecer a capacidade efetiva de proteção e investigação. Em vez de conversar ociosamente sobre o Taliban, estaríamos tratando de fazer justiça, e assegurar a ordem, no Brasil.

Daqui a uma ano teremos uma eleição que poderá abrir um período de reorientação nacional. Um conjunto de medidas sensatas e moderadas de política interna e externa poderá dar início a novo padrão de desenvolvimento. Um padrão que difunda oportunidades econômicas e educativas, que unifique os mercados formal e informal de trabalho e que reduza a pequenos resíduos nossos dois grandes bolsões de miséria, nas periferias das grandes cidades e no campo.

Já há uma cultura de auto-ajuda e iniciativa no Brasil. O que nos falta é um governo que tenha como projeto dar a essa cultura braços e asas.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

A realização desse projeto não exige mágica. A mobilização da poupança de longo prazo para o investimento de longo prazo, a desoneração tributária da produção e da folha salarial, a consolidação de um núcleo de excelência na educação pública e na saúde pública com o engajamento e a liderança da classe média, a ampliação do acesso ao conhecimento, ao crédito, à tecnologia e aos mercados em favor de milhões de brasileiros sedentos de oportunidades para trabalhar e produzir e o aproveitamento do nosso extraordinário potencial para ação diplomática que nos abra espaços em todo o mundo são os instrumentos básicos.

Com isso, problemas como o do desequilíbrio das nossas contas externas se resolvem. Sem isso, eles se tornam insolúveis.

Nenhum país reúne hoje melhores condições do que o Brasil para uma experiência inovadora e exemplar de reconstrução social, econômica e política. E nunca houve momento mais favorável: enquanto esperamos por Godot, muitos no mundo esperam por nós. Colegas meus que visitam o Brasil e compartilham minha visão das nossas possibilidades voltam chocados: encontram-nos acorrentados com correntes invisíveis e conceituais que nos impedem de reagir e atuar. Quebrá-las é nossa tarefa mais urgente.

### Suécia tropical

A ilusão que domina o discurso político brasileiro é supor que o objetivo de nossos esforços deva ser fundar no Brasil uma Suécia tropical. Nada tem a ver com a Suécia real ou com o Brasil real; só com uma idéia falsa de ambos. Enquanto continuarmos a perseguir essa miragem, não construiremos o país.

Descrever essa ilusão é resumir em um parágrafo a quase totalidade das idéias programáticas em evidência no Brasil. O binômio perverso -- juros altos, câmbio baixo -- deve ser substituído pelo binômio virtuoso -- juros baixos, câmbio alto. A condição para isso é reduzir drasticamente o gasto público, sem deixar de pagar os juros da dívida pública. Essa mudança deve ser combinada com reforma tributária que extraia renda dos endinheirados para financiar política social compensatória, dirigida aos

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

brasileiros mais pobres. Afora isso, basta educar o povo e melhorar a eficiência do governo. O mercado e o social produzirão juntos a Suécia tropical.

Tudo nesse projeto é enganoso. Não é possível passar de juros altos e câmbio baixo para o oposto por meio da simples redução abrupta da despesa pública. A nação recusar-se-á a trabalhar, sem ter governo que invista nela, só para enriquecer os rentistas, os credores da dívida pública. A única maneira realista de executar a transição é tensionar com os mercados financeiros (evitando ao máximo ruptura dos contratos), preparar-se para controlar movimentos de capital quando for necessário controlá-los e organizar bases de crescimento econômico socialmente includente que não dependam apenas da confiança financeira, desvinculada do financiamento da produção. Uma dessas bases é a mobilização da poupança de longo prazo para o investimento de longo, graças a reformas e inovações no mercado de capitais. Outra base é o aprofundamento do mercado interno, calcado na valorização e na qualificação dos assalariados por meio de iniciativas que não ameacem a estabilidade da moeda. E que acabem com o predomínio do trabalho sem carteira assinada. Entre tais iniciativas figuram participação dos assalariados nos lucros das empresas, incentivos tributários ao emprego e à qualificação dos trabalhadores mais pobres e abolição de todos encargos sobre a folha de salários.

Não é possível promover redistribuição de renda usando o sistema tributário e o gasto social focado nos mais pobres para anular os efeitos de desigualdades gigantescas de acesso às oportunidades econômicas e educativas. As transferências compensatórias teriam que ser maciças para serem eficazes. Nunca chegariam lá. A maneira de chegar lá é democratizar radicalmente oportunidades econômicas e educativas. Usar os poderes e os recursos do Estado para instrumentalizar o empreendedorismo que emerge de baixo na sociedade brasileira. E para oferecer a todos ensino público de qualidade. Ensino capaz de atrair a classe média à escola pública, em proveito de todos.

Vivo angustiado com o seguinte problema. Não há no pensamento brasileiro alternativa clara ao devaneio da Suécia tropical, que fascina os social democratas e os social liberais brasileiros: proposta de rumo pronta para ser traduzida em projeto de poder. Daí a necessidade de fazer o caminho inverso. Entrar na luta pelo poder. Apelar para a intuição do povo

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

brasileiro: seu instinto de sobrevivência e sua vontade de afirmação. E organizar o ideário no curso da construção coletiva de outro futuro.

### A cópia como causa da tristeza

O tema da hora é o pessimismo que ameaça tomar conta do país. Por que não conseguimos romper de vez as barreiras que encurralam a maioria dos brasileiros? Por que os surtos de progresso são seguidos por períodos de estagnação e desalento?

A razão principal dessa inconstância em meio a tanta vitalidade é a falta de governos que subordinem tudo à causa da educação. Educado o povo, a estrutura física da produção pode ser destruída e reconstruída à vontade; o incômodo será apenas transitório. Por demorar a surtir efeito, educação exige sacrifício nacional. E o sacrifício só se faz aceitável se acompanhado pela distribuição ampla de oportunidades para aprender e produzir. Para distribuí-las, temos de inovar em políticas e instituições.

Aconteceu diferente. A classe média não se dedicou a tirar o poder das mãos de homens, quase sempre de classe média, que trataram o ensino como apenas mais uma preocupação entre muitas e tiveram como programa a cópia das nações que deram certo. Minada pela combinação de sua precariedade econômica com sua ambivalência cultural, a classe média quis construir um país de "primeiro mundo", como os Estados Unidos ou a França. Não compreendeu que só podia seguir o exemplo dessas nações se lhes reproduzisse o arrojo, a resistência e a originalidade. Não conseguiu organizar uma vida pública que pudesse ter permitido ao Brasil superar o conformismo e a cópia e educar o povo.

A tentativa de promover o esclarecimento político dos trabalhadores nunca compensa a desorientação política da classe média. A confusão desta acaba por contaminar aqueles. E um projeto renovado de país requer novos quadros dirigentes. Só a classe média pode, por enquanto, fornecê-los.

Identificado o problema, tratemos de resolvê-lo. A única solução é formar um ideário e uma força política que o represente, que o desenvolva e que o execute. E que alcance os trabalhadores sem pretender pular por cima da classe média. É um esforço que requer clareza, paciência e

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

despojamento. Factível, porém, é.

Venho dedicando grande parte do meu tempo a viajar pelo mundo, participando do debate que se trava a respeito das estratégias nacionais compatíveis com a globalização. Constatado que dos países continentais periféricos -- a China, a Rússia, a Índia, a Indonésia e o Brasil-- nenhum reúne melhores condições do que o nosso para iniciar um desenvolvimento incluyente, igualizador, vibrante e duradouro. Os outros têm de superar ódios, obsessões ou tiranias. Nós só temos de convergir num caminho que generalize os instrumentos do ensino e da produção. Muitos dos elementos desse pacto estratégico já estão esboçados no debate brasileiro.

Os problemas do Brasil são menos econômicos do que políticos e menos políticos do que espirituais. Nossa corrupção não é a bandalheira de pequenos políticos. É a perda de confiança na nossa própria grandeza e na possibilidade de engrandecer o brasileiro e a brasileira comuns. É o cansaço, o tédio, o desencanto. É a falta de visão que resulta na falta de esperança. Nosso salvamento está dentro de nós, e antes de existir como política e economia tem de viver como emoção e idéia.

### Os três espíritos do Brasil

Qualquer transformação de uma sociedade é ao mesmo tempo mudança de instituições e mudança de atitudes, de premissas, de esperanças. Quem propõe ao país uma reorientação de rumo não pode ficar só no debate das alternativas institucionais; precisa entrar também na luta a respeito das alternativas de consciência coletiva.

A vida brasileira foi sempre marcada por contraste entre duas orientações de espírito. Uma primeira orientação é a dos que aceitam, como natural, a mistura de troca, prepotência e lealdade -- a sentimentalização das trocas desiguais -- que funcionou como fórmula regente de nossa vida social. Esse espírito serviu de base para a corrente de opinião que mais comumente governou o Brasil e que o governa hoje, o partido da onda. A proposta do partido da onda é surfar na onda. A onda é a correlação de forças no mundo. Nosso destino seria aceitar a sina do atraso relativo, adaptando-nos às forças e às idéias dominantes da época e aguardando

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

nossa vez para subir, degrau por degrau, a escada inexorável da evolução dos povos.

Um segundo espírito insurgiu-se contra essa desesperança acomodada, repudiando a sentimentalização das treocas desiguais como perpetuação da escravatura sob o desfarce da liberdade. Quis reconstruir o Brasil à luz dos exemplos dados pelos países do Atlântico norte. A intransigência casou com a imitação. E produziu em política o partido da mensagem -- dos liberais e socialistas clássicos brasileiros. Ao partido da mensagem faltou, paradoxalmente, uma mensagem que não fosse apenas a mensagem da cópia. E a cópia foi derrotada pela realidade.

Essas duas consciências sobrevivem, e continuam a se enfrentar, no Brasil. Surgiu agora, porém, uma terceira consciência. Seu agente social é a nova classe média -- a classe de emergentes -- que está mudando o Brasil silenciosa e pontualmente. Desenvolve cultura de esforço pessoal, de cumprimento da palavra dada e de cooperação conduzida na base da igualdade. O fortalecimento dessa visão de mundo ajuda a explicar a inconformidade crescente do país não só com a corrupção mas também com os hábitos da esperteza malandra e da enganação conveniente. É para essa terceira cultura que se volta, cada vez mais, o imaginário da gente comum do Brasil. A maioria identifica nos emergentes a vanguarda a seguir, tanto na maneira de atuar quanto no jeito de sentir.

Dois traços distinguem a nova cultura de auto-ajuda da velha cultura dos inconformados. Não se deixa fascinar por modelos estrangeiros. E não tem a menor idéia -- nem mesmo uma idéia errada -- de como tornar a sociedade brasileira menos hostil a seus interesses e a seus valores. É um estado de espírito que se refugia em seus micro-mundos e que desespera da política. Mas seu advento cria condições para superar de maneira inesperada a dialética tradicional entre as outras duas culturas públicas do país.

A revolução brasileira urgente hoje é assegurar oportunidades de trabalho e de ensino à energia que se expressa nesse terceiro espírito do Brasil. A condição para que essa revolução ocorra é que milhões de brasileiros não mais se contentem com buscar abrigo nos micro-mundos que estão construindo. E que se decidam a reimaginar e a refazer o Brasil. Em meio ao desalento com a política, chegou a hora da política, a hora da

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

imaginação.

## Religião e política

Ao contrário das democracias européias, as tres maiores democracias do mundo -- a Índia, os Estados Unidos e o Brasil -- compõem-se majoritariamente de crentes em Deus. Em todas as tres, é crucial a relação entre religião e política. Em todas as tres, essa relação representa tema desgostoso para as elites do dinheiro e da cultura.

Tratemos de fazer diferente da Índia e dos Estados Unidos. Na Índia, a democracia contemporânea mais vibrante, religião e política misturam-se como maneiras convergentes de expressar as aspirações mais poderosas; não se confunde lealdade aos princípios republicanos com tentativa de isolar a política da religião. O mal é que a abertura da fronteira entre religião e política tem servido na Índia para insuflar ressentimentos sectários e violentos: embate de temores as vezes substitui concurso de esperanças.

Nos Estados Unidos, as convicções religiosas também influem decisivamente nos posicionamentos políticos. O dogma constitucional, porém, é fechar a fronteira entre religião e política e tratar religião como matéria apenas privada. Há tabu contra a crítica religiosa das religiões dos outros. Cada um pode esconder-se atrás de um escudo, dizendo: aqui não mexa; é minha religião, sem expor-se a luta aberta de formas de consciência. O resultado é empobrecer imensamente a experiência religiosa e política dos americanos.

E o Brasil? A vida política do povo brasileiro é pobre, mas sua vida religiosa é rica. Trava-se hoje entre nós conflito desconhecido de formas de fé. Surge nova cultura de auto-ajuda e de iniciativa. Seu maior protagonista social é uma classe média de emergentes, que desenvolve, longe da política, exemplos de vida que representam a antítese daquela mistura de subjugação e de doçura -- aquela sentimentalização das trocas desiguais -- que marcou a sociedade brasileira tradicional. Cultuam o esforço e a responsabilidade individuais ao mesmo tempo que revelam pendor para as práticas de associação. Abraçam uma fé que dispensa intermediários entre Deus e a humanidade e que insiste no sacerdócio de todos. Procuram uma

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

teologia de sacrifício e de libertação que não se esgote em sectarismo de esquerda. Avançam tanto por obra do movimento evangélico quanto por meio de de uma tentativa, ainda sem voz ou doutrina, para reconstruir o catolicismo brasileiro.

Que maneira de ligar religião e política convém a um povo de crentes que vive tais transformações? Comprometamo-nos com uma república laica. Evitemos partidos políticos confissionais, instrumentos de igrejas. Ampliemos o espaço republicano no qual cidadãos de convicções divergentes possam conviver e cooperar. Não confundamos, porém, república laica com privatização da religião. Nossa construção nacional exige confronto vigoroso de concepções do mundo -- em política e em religião, em discurso secular e em discurso profético.

Ao contrário dos Estados Unidos, derrubemos as muralhas entre política e religião que cerceiam o aprofundamento do debate nacional e que impedem a mobilização declarada -- e portanto também sujeita a crítica e a confronto -- da energia religiosa na vida pública. Ao contrário da Índia, ponhamos tais muralhas abaixo sem transigir com ódios, confiando em nossa capacidade, repetidamente demonstrada, para combinar diversidade com tolerância. Construindo uma república que não exija de seus cidadãos calar em público sobre as coisas mais importantes, daremos liberdade a nós mesmos e exemplo para a humanidade.

### Dois votos de ano novo

Só um voto de ano novo? Peço licença para fazer dois. Meu pretexto é que são dois lados da mesma transformação. Apenas iniciadas essas mudanças, trariam em seguida todas as outras. A primeira custaria pouco; a segunda, nada.

O Brasil é pujança frustrada. De todas as fontes dessa frustração nenhuma é mais poderosa e menos percebida do que o sufocamento da genialidade dentro da nação. Onde estão nossos Darwins e Einsteins, nossos Pascals e Leibnizs, nossos Rembrandts e Beethovens? Jazem em suas sepulturas, para onde desceram, mudos e cegos quando ainda viviam, sem serem conhecidos por si mesmos ou pelo mundo.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Quando o papel da genialidade na vida nacional se reduz a escassíssimos lampejos, produtos isolados do privilégio, da sorte e do sofrimento, perde-se sua luz, sem benefício imediato. Quando se multiplicam os exemplos, tudo começa a mudar. A luz vira clarão. O clarão transforma.

Não precisamos aguardar o trabalho lento e indispensável de melhorar a qualidade da educação pública para começar a identificar, em todos as etapas do ensino, os alunos pobres mais talentosos e esforçados; para lhes oferecer apoios econômicos abrangentes e oportunidades acadêmicas extraordinárias, desde o ensino fundamental até a pós-graduação no Brasil ou no exterior, e para fazer dessa vanguarda republicana terreno fértil em que possa medrar a inspiração genial. Essa iniciativa -- ao mesmo tempo modesta e revolucionária -- começaria a surtir seus efeitos desde o primeiro dia: a nação pressentiria o poder de transformar sua energia vã em clarividência criadora. Ganharia aquela fé em si mesma sem a qual ficam fracos os fortes. Que nos comprometamos com essa obra é meu primeiro voto de ano novo.

Esse compromisso seria menos difícil e menos importante se não nos acorrentasse a perda da esperança, se não vingasse entre nós brasileiros, que continuamos a depender desesperadamente de política, o horror à vida pública, se a confusão do realismo com a mediocridade não fosse hoje o princípio que norteia nosso governo e nossa sociedade e se toda a nação não estivesse tentada a cometer aquele pecado contra o espírito, para o qual, advertem as escrituras, não haver perdão. Renovação de nossa vida interior e coletiva, que nos sacuda de cima a baixo e que nos faça sentir vergonha de nossa tristeza e medo de nossa pequenez, é o de que mais precisamos.

Nenhum de nós tem o poder e a autoridade para inspirar esse levante do espírito. Formulo, por isso, meu segundo voto de ano novo. Que, dentro de uma de nossas selvas, onde a imagem da grandeza se contrapõe a nossa mesquinharia, mão invisível e irresistível desfira, de um arco feito de nossas falhas evidentes e de nossas aspirações secretas, uma flecha; que ela voe silenciosa na noite de nossa desesperança, carregada pelos ventos do amor e da imaginação; que, no meio da escuridão, ela se parta em 180 milhões de flechas e que todas caiam no país, ferindo, ao caírem, um dos olhos de cada brasileiro; que a ferida, em vez de cegar, desvende, fazendo-nos não apenas ver o Brasil que há mas também vislumbrar o Brasil que

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

pode haver; que essa visão inesperada e perturbadora acenda em cada de um nós ardor sem fim e que desse ardor nasça para o povo brasileiro, no ano novo, nova vida.

### Acordo e contraste na sucessão

O Brasil reúne condições para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento, marcado pela extinção da miséria e pelo acesso das maiorias trabalhadoras aos instrumentos do ensino, do emprego e da produção. Depende da política.

Faltam-nos partidos fortes, mas não candidatos sérios. O elenco de candidatos potenciais à Presidência da República é comparável ou superior às pessoas que ocupam posição liderante na política dos Estados Unidos e da Europa.

Há convergência ampla sobre a obra do futuro governo. Tem de assegurar a estabilidade da moeda, o realismo fiscal e a abertura criteriosa da economia brasileira para o mundo. Fortalecer e reorganizar a poupança privada, sobretudo previdenciária, e estreitar seus vínculos com a produção, tornando o país, com isso, menos vulnerável aos capitais e aos choques externos. Construir um sistema tributário que desonere a produção e facilite o emprego dos trabalhadores de menor renda. Desenvolver práticas de coordenação estratégica entre o poder público e a iniciativa privada que nos libertem da escolha emprobrecedora entre um governo que nada faz pela produção e um governo que se rende a clientelas. Usar essas práticas para aumentar tanto o volume quanto a qualidade das nossas exportações. Para consolidar, na empresa privada e nas universidades, uma vanguarda de alta tecnologia. E para abrir o acesso ao crédito, à terra e ao conhecimento em favor dos milhões que buscam uma atividade empreendedora nas cidades e no campo..

As grandes tarefas sociais do futuro governo são tão claras quanto suas tarefas econômicas. Generalizar o ensino público secundário. Melhorar o hospital público e a escola pública, de primeiro e segundo grau, a ponto de atrair a classe média, que será fiadora da qualidade em proveito de todos. Impor a ordem contra o crime, inclusive pela combinação do agravamento das penas com a humanização das prisões. E tratar, com

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

arrojo e sem preconceito, dos nossos dois grandes focos de pobreza: as periferias das grandes cidades e a população rural.

Tanto a obra econômica do futuro governo quanto sua responsabilidade social passam por uma reorganização dos partidos e da política: financiamento público das campanhas eleitorais, regime eleitoral de voto em listas partidárias e superação do amontoado de casuismos, acertos e medidas de exceção em que degenerou nossa vida republicana.

Esse é o projeto que conta com respaldo mais amplo no Brasil de hoje. Em vez de ver a sucessão presidencial como ocasião para debater a conveniência desse projeto, tratemos de transformar a sucessão num contraste entre diferentes maneiras de traduzir essas generalidades consensuais em soluções práticas e em apoios políticos.

Tenho evitado usar esse espaço para defender a candidatura presidencial com que me identifico, a de Ciro Gomes. Um episódio dos últimos dias, porém, revela a dimensão de uma ameaça à fecundidade do processo sucessório. Quando Ciro Gomes aproveitou sua resposta a uma nota do PSDB para resumir, em páginas densas, sua proposta programática, os meios de comunicação focalizaram apenas os dois parágrafos iniciais, sobre a complacência do governo com a corrupção.

É preciso persistir na proposta. Não há salvamento para o Brasil sem que se instaure um debate sobre as alternativas nacionais.

### Transparência mata

A primeira verdade da sucessão é que há convergência entre muitas vertentes da opinião brasileira sobre o conteúdo do projeto alternativo de que o Brasil precisa. Esmiucar esse programa -- e discutir tanto os obstáculos que tem de transpor quanto as oportunidades que pode aproveitar -- vem sendo o tema central dos meus artigos nesta coluna.

O Presidente da República alega que ninguém propõe alternativa ao projeto malgrado a que ele dedicou seis anos e meio de governo. Não dá para levá-lo a sério. Nunca, em qualquer momento da história brasileira, a não ser talvez nos anos que logo antecederam a revolução de 1930, houve

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

consenso tão amplo, tão explícito e tão pormenorizado quanto há hoje sobre a mudança de rumo necessária ao país.

Basta ler, como exemplo, os editoriais desta Folha. Parecem identificar-se com a classe média operosa que constitui o leitorado básico do jornal. Passei a estudá-los para me sentir mais seguro: quando tratam das questões nacionais, quase sempre coincidem com a posição programática que defendo aqui toda semana.

Certos grandes empresários estão entre os que resistem a esse projeto. Tramam a candidatura e a eleição do Ministro da Fazenda, "um homem de mercado", que, se fosse eleito, ajudaria a enterrá-los de vez. Nada de novo: alguns nunca conseguiram vislumbrar nem o contexto maior de seus próprios negócios.

A segunda verdade da sucessão é que o projeto alternativo que o Brasil reivindica, ora com relativa clareza, ora no meio da confusão em que costumamos avançar, não se reduz a pequeno ajuste na gestão do país. O Brasil tem rumo (como gosta de dizer o Presidente) e na opinião geral, confirmada em todas as pesquisas qualitativas de opinião, é um rumo que não presta. Consultados sobre se preferem um aperfeiçoamento ou uma mudança profunda, brasileiros de todas as classes e regiões respondem, em esmagadora maioria, que querem uma reorientação decisiva do país: não uma ruptura, mas uma virada.

O primeiro defeito do rumo atual é sacrificar os imperativos da produção e do ensino ao jogo da confiança financeira, impondo políticas recessivas no meio de uma recessão. O segundo defeito é confundir neocolonialismo mental com modernização. Nossos governantes abdicaram de uma estratégia de desenvolvimento e de um projeto de país para parecer modernos e entregaram a política aos bandidos (isto é, ao regime das trocas) para poder entregar a economia aos americanos (isto é, aos únicos americanos que falam com eles).

O Presidente tem um plano para que tudo possa ficar como está: assegurar que um candidato ainda mais fatalista e rendido do que ele próprio se encontre no segundo turno da eleição presidencial com Lula. Este é visto como ou fácil derrotar na eleição ou fácil de domar no poder. Os outros candidatos de oposição, menos tragáveis, se anulariam. Tudo graças aos astros, que lá do céu continuariam a proteger quem, por fazer

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

pouco e falar muito, não atrapalha os ditames do destino.

Esse plano é tão engenhoso quanto previsível. Sofre, porém, de uma falha: a de ser, ao contrário das outras iniciativas do governo, transparente. Como pode ser visto, pode ser frustrado por aquilo que nele não se contempla, que é o desejo dos brasileiros de fazer do Brasil um país grande e justo.

### Mais do que um caso de polícia

Os escândalos sacudiram o país. Não mostraram, porém, o rumo a seguir. Logo mais a nação vai virar as costas para os denunciados e os denunciantes e procurar uma saída por cima. Nesse momento, terá de lutar contra a escuridão que paira sobre nossa vida pública: como abrir novos caminhos e encontrar novos agentes quando não se instaurou o debate sobre as alternativas?

Em hora de perplexidade, de provação e de angústia, muitos dos quadros políticos e intelectuais mais influentes do país insistem em mensagem cômoda e mentirosa. É o discurso oficial sobre o conserto do Brasil. Resume a visão de mundo que inspirou os governos tucanos e petistas.

A acreditar nesse discurso, os escândalos apenas confirmariam que, entre nós, bom senso econômico ainda precisa ser sustentado por bandalheira política. Bastaria reformar a política para não mais ter de pedir proteção à máfia. Continuar a compensar sacrifício econômico com assistência social, focalizada nos mais pobres. E educar o povo para que, daqui a trinta anos, tudo comece a melhorar.

Enganação. Os escândalos não interromperam nossa marcha triunfal em direção à modernidade. Revelaram alguns dos mecanismos com que se fabrica nosso atraso. Antes que eles eclodissem, o Brasil já vinha vegetando, por um quarto de século, na mediocridade e na quase estagnação; ser credor do governo já havia passado a ser muito melhor negócio do que trabalhar e produzir; parte assombrosa da receita do governo já estava absorvida pelo pagamento dos juros da dívida pública; o sacrifício tributário acachapante imposto à população já não bastava para impedir o crescimento ininterrupto dessa dívida; a parcela da renda

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

nacional que cabia aos salários já caía mesmo quando a produtividade do trabalho aumentava; quase dois terços da população economicamente ativa já trabalhava, desprotegida, na economia ilegal e a classe média já havia abandonado de vez o sistema público de educação e saúde, com que só os muito necessitados se conformavam. Esse caminho não levou à modernidade. Tornou o Brasil um país triste.

O discurso dos falsos modernos se apóia numa falácia. Confunde teses abstratas admiráveis -- a importância da estabilidade monetária, do realismo fiscal, e da integração da economia brasileira na economia mundial -- com uma agenda concreta que subordina a economia real aos interesses financeiros, que aceita como inevitável o aviltamento salarial e que denuncia como retrógrada qualquer gesto de resistência contra nossa volta ao equivalente dos ciclos do ouro e do açúcar. Sob esse regime, o social é o bálsamo aplicado para atenuar a dor das feridas. E as homenagens vazias à importância da educação viram uma ladainha para nos encantar com as belezas de um salvamento que demorará muitos anos para chegar.

Isso tudo não é remédio; é veneno. O primeiro antídoto é ser intransigente em distinguir entre disciplina econômica e superstição colonial. Mercado, responsabilidade e abertura, sim. Sacrifício dos assalariados e dos produtores aos rentistas, não. O segundo antídoto é ser intransigente em fazer da melhora da qualidade do ensino público a prioridade máxima da política social. Escola pública só para pobre não presta para ninguém. Encontrar saída para o país não é caso de polícia. É problema para eleitor. Só idéias e votos resolvem.

### Paz sem marasmo

Proponho um tema obscuro e inconveniente, de importância capital para o entendimento do que o Brasil é, e pode a vir a ser, no mundo que está surgindo: guerra e paz.

A maior diferença entre o Brasil e as nações ricas e poderosas de hoje é que todas elas foram formadas pela guerra enquanto que o Brasil não foi. Ao contrário do que escreveram os pensadores sociais mais influentes

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

dos últimos dois séculos, a guerra foi muito mais do que um acidente sangüinário na história das sociedades modernas. Funcionou como detonador das grandes transformações.

Foi graças à guerra que as nações mobilizaram seus recursos: a mobilização militar, não o keynesianismo, venceu, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, a depressão da década de 30. Na guerra e para a guerra, fortaleceu-se o sentimento nacional e enfraqueceram-se as hierarquias de classe. E da guerra surgiu um antídoto selvagem ao marasmo a que uma sociedade comercial, dedicada ao consumo e ao dinheiro, parecia condenar a humanidade.

Duas vezes no século passado, pais e mães, ricos e pobres, apresentaram seus filhos para morrer. Foi como se Deus não houvesse poupado Abraão de sacrificar Isaac. Muitos dos que lutaram viveram a experiência como uma libertação, em meio à matança, do apequenamento a que as rotinas do trabalho e da família ameaçavam reduzi-los.

Agora, essas mesmas sociedades, sacudidas e acordadas pela guerra, parecem desorientadas e mumificadas pela paz. Não encontraram ainda outra maneira de tornar a vida ardorosa e de credenciar o ardor com o sacrifício.

Cristo e Buda ofereceram uma solução. A solução deles, porém, é exigente demais para dispensar preparativos, já que é mais difícil amar o outro do que enfrentar a morte.

O mundo precisa de uma etapa intermediária entre o heroísmo profano da guerra e o heroísmo sagrado da compaixão. Daí a necessidade de instituições e de idéias que mutipliquem as oportunidades de inovação no dia-a-dia, capacitando as pessoas para viverem mais intensamente. Devemos organizar a sociedade para que ela ajude cada um de nós a morrer só uma vez, como quem morre na guerra, e não morrer aos poucos muitas mortes pequenas.

O Brasil é um país semi-cristão, avesso à guerra, embora acostumado com a violência. Vivemos longe dos dois heroísmos, do profano e do sagrado. Quem aqui emerge da pobreza arrisca perder-se entre trabalhos embrutecidos e diversões embrutecedoras: quando não somos vítimas da falta de justiça, somos vítimas da falta de imaginação. Agora, toda a

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

humanidade começa a compartilhar conosco uma situação que sempre foi nossa.

A cultura brasileira, sobretudo a cultura popular, resiste a essa degradação: sua mensagem é uma promessa de casar a pujança com a ternura. Nossa tarefa é cumprir essa promessa por meio de soluções sociais que, acabando com a miséria e diminuindo as desigualdades, também confirmem maior poder às pessoas comuns e maior intensidade à experiência cotidiana. Soluções que facilitem o experimentalismo na economia, na política e no pensamento e que tornem a guerra desnecessária como parteira da mudança.

Ao mostrar como se pode viver a paz perpétua sem sofrer o marasmo moral, o Brasil dará luz e esperança à humanidade. Essa será a base da nossa grandeza.

### A civilização brasileira e seu futuro

Pode o Brasil construir civilização original que traga proveito e alento à humanidade?

Não importa que nos falte uma cultura secular e centrada em si, como a da China ou a da Índia. Nossa cultura é a do Ocidente. A mensagem emancipadora da cultura ocidental se renova pelo aprofundamento de suas variações nacionais e pela rebelião contra as ideologias caras às potências dominantes de cada época. Em época de democracia, a profecia fala mais alto do que a memória: a originalidade a construir conta mais do que as diferenças herdadas.

O cerne da civilização brasileira está na insistência em reconciliar a vitalidade com a ternura. É uma variante da dialética mais importante na formação da cultura ocidental: a luta entre a idéia pagã da grandeza e a idéia cristã do amor. A tentativa de juntá-las está na raiz de todas as maiores realizações do gênio brasileiro. E ajuda a decifrar o enigma decisivo da nossa vida nacional: a coexistência de uma energia imensa, difusa, frustrada, quase cega, com uma doçura, um calor humano, que sobrevive, misteriosamente, aos traumas da vida cotidiana no Brasil.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

A sentimentalização das trocas desiguais, que pautou a vida social brasileira, foi uma maneira mentirosa e opressora de reconciliar a vitalidade com a ternura. Agora que o Brasil começa a destruir o regime do favor e da prepotência no dia-a-dia, teremos de ver esfriado nosso calor e contida -- porque disciplinada -- nossa energia? Ou será possível afinal celebrar o casamento do ardor com a suavidade, com quer o coração brasileiro?

Depende das respostas que dermos a três conjuntos de problemas práticos.

A energia está sem meios. Ela irradia das práticas de auto-ajuda econômica, educativa, física e espiritual que vem transformando silenciosamente o Brasil. A massa popular aspira ascender à condição do pequeno empreendedor, do técnico, do profissional. A tarefa é dar aos emergentes, atuais ou potenciais, acesso ao ensino capacitador, ao crédito e à tecnologia. Assegurar-lhes as vantagens da escala produtiva, quer pela associação com grandes empresas, quer pela aliança com o Estado, quer pelos mutirões de recursos e de esforços. E engajá-los em responsabilidades sociais que os afastem do egoísmo familiar.

A doçura está sob ameaça. Ela assenta na vida da família, precária e deestruturada para parte cada vez maior da população. Dar apoio à mãe e a seus filhos. Ampliar as redes de creches e de escolas de apoio integral que envolvam as crianças num manto protetor. Fazer do associativismo comunitário o complemento da família desfalcada. Reformar leis e pagar subsídios para que as mães possam trabalhar em empregos de tempo parcial e cuidar dos filhos.

E tanto a energia quanto a doçura estão envenenadas pela mistura da desigualdade com o racismo. Identificar, em todas os níveis do ensino, as crianças pobres e de cor mais aplicadas e talentosas e promovê-las é a iniciativa de maior impacto. Impacto imediato, pela revolução de expectativas que geraria. E potencializado pela proliferação de escolas públicas que sejam melhores do que as particulares.

Não, não é preciso esfriar o calor nem cercear a energia para instaurar a decência e a justiça no Brasil. Com pouco, poderemos fazer muito para reconciliar a pujança com a ternura, se soubermos onde começar o trabalho de reorganização nacional. E se tivermos diante dos olhos uma visão do nosso engrandecimento.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### A tarefa do jornalismo brasileiro

Aos jornalistas, num dia em que talvez só eles leiam jornal, dedico essa reflexão sumária acerca do presente e do futuro do jornalismo brasileiro.

Nossa imprensa continua constrangida por três forças: o controle exercido por dinastias empresariais preocupadas em manter boas relações com os detentores do poder, a precariedade das empresas jornalísticas, quase sempre encalacradas e sedentas de dinheiro, e, para a imprensa escrita, a estreiteza do meio social a que se dirige, parte reduzida da população adulta do país.

Dentro dessas limitações, o jornalismo brasileiro espelha os talentos e as debilidades da nação. Nossos jornais são cheios de vida. E temos alguns jornalistas quase geniais que desvendam um pouco desse país escondido de si mesmo que é o Brasil.

Sofre, porém, o jornalismo brasileiro de três defeitos que negam ao país um meio indispensável de auto-conhecimento e libertação. O primeiro defeito é o triunfo das opiniões sobre as informações. Os jornais brasileiros estão repletos das opiniões de jornalistas que têm pouco a dizer. Opiniões são baratas e, em geral, valem o que custam.

O segundo defeito, a contrapartida do primeiro, é a pobreza e a inconfiabilidade das informações. A maior parte do que se publica como informação relata ou fantasia as conversas e as conspirações dos membros vitalícios de um pequeno clube de pessoas que só morrem politicamente quando morrem fisicamente. Difícil, ao ler nossos jornais, chegar a qualquer conclusão a respeito de fatos decisivos. Por exemplo, paga o governo ao menos os juros de sua dívida ou toma cada vez mais emprestado para não pagar a maior parte, adiando, calamitosamente, o dia do acerto? Ainda mais difícil saber o que está mudando, ou deixando de mudar, na sociedade brasileira. No lugar das informações, primam as colunas de fofocas políticas, em que fatos, invenções e intrigas se confundem e o jornalista se reduz a mensageiro maledicente do clube, debochando dos outros para aliviar o apequenamento de si mesmo.

O terceiro defeito, embora comum no jornalismo mundial, é

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

intolerável numa democracia como a nossa que precisa de uma imprensa que seja melhor do que ela. Quem, como o jornalista, observa a luta sem poder lutar, conhece os defeitos dos lutadores melhor do que seus ideais. Trata os operadores do sistema como aproveitadores e os inimigos do sistema como aventureiros. Do distanciamento irônico e passivo nascem a descrença e o fatalismo. Para combatê-los é preciso cultivar a imaginação disciplinada. Só ela nos deixa ver mais possibilidade e portanto mais realidade: só compreendemos o que existe à luz do que pode vir a ser.

Essa crítica indica o rumo de um jornalismo que sirva ao Brasil. Privilegiará a informação, representando-a de muitos ângulos diferentes e chegando, graças à multiplicação dessas perspectivas, a uma verdade mais completa. Tratará os poderosos como as figuras efêmeras que são. Revelará ao país sua variedade oculta e os fatos sociais e econômicos de que dependam seu futuro. Sacrificará o prazer de opinar ao esforço para entender. Aprofundará a compreensão do existente ampliando a visão do possível.

A leitura do jornal, escreveu Hegel, é a oração matinal do realista. Numa democracia precisa ser também uma profissão de fé no nosso poder coletivo de mudar o mundo.

### Morte e legado da terceira via

A "terceira via" é um dos rótulos que descrevem a suposta modernização da social-democracia no Atlântico norte. Reconciliaria a flexibilidade econômica dos americanos com a proteção social dos europeus. Os partidos e os governos que a abraçaram vem sendo derrotados em toda a parte. Por quê? Que legado deixarão? E o que tem isso a ver com o Brasil? Participando de encontro entre líderes e administradores da social-democracia européia, deparo-me com experiência rica em ensinamentos para nós.

A terceira via não foi avanço. Foi retirada -- motivada por imperativos de eficiência e de justiça. De eficiência, porque era preciso reformular os direitos sociais de maneira que facilitasse a renovação econômica, estimulasse a auto-ajuda individual e limitasse o crescimento

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

do gasto público. De justiça, para impedir que esses direitos beneficiassem alguns -- os trabalhadores relativamente privilegiados -- à custa de excluir outros.

O resultado, porém, foi menos a síntese da flexibilidade econômica com a proteção social do que a generalização da insegurança social e econômica. Relativamente seguras ficaram apenas as elites internacionalizadas. Contra a insegurança generalizada rebelam-se agora esses civilizados prósperos, desiludidos e temerosos que são os europeus de hoje.

Para fazer diferente, não basta flexibilizar os direitos sociais, como quiseram os governos da terceira via. É preciso atenuar as divisões entre setores adiantados e atrasados da economia. Capacitar todos os cidadãos. E obrigar cada um a combinar responsabilidades produtivas com responsabilidades sociais: sustentar-se e cuidar dos outros.

Só acontecerá sob a pressão de novas instituições políticas que engajem as pessoas, sem a provocação de crises ou de guerras, no encaminhamento coletivo dos problemas coletivos. Para chegar a isso, os social-democratas teriam de retomar a tarefa que abandonaram no início do século 20, quando trocaram o esforço de reorganizar a economia e a política pelo compromisso de regular o mercado e de diminuir, por via compensatória, as desigualdades.

Ao soçobrar, porém, a terceira via deixa herança que precisa ser salva do malogro de seu projeto maior. Implícita em suas realizações mais bem-sucedidas está uma prática revolucionária de administração pública. Prática definida por três traços. O Estado delega a provedores privados competitivos e fiscalizados a prestação dos serviços sociais corriqueiros. O Estado organiza a participação das comunidades organizadas na formulação e na execução das políticas públicas: representações da sociedade civil passam a atuar ora em parceria com os provedores privados, ora como vigias deles. E o Estado concentra sua atuação direta em iniciativas que ainda não se deixam padronizar: soluções desconhecidas para problemas que pareciam insolúveis. Com isso, assume o Estado a lógica da inovação permanente e do experimentalismo prático, vinda dos setores mais avançados da economia e do conhecimento. Passa a operar na fronteira do novo.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Não precisávamos ter assistido ao desmanche da terceira via na Europa para saber que não humanizaremos o Brasil sem reorganizá-lo. Não executaremos, porém, a obra reorganizadora sem avançar naquilo que os militantes da terceira via vislumbraram: a possibilidade de construir um Estado inovador e provocador de inovações. Não é luxo de país rico. É, para nós, exigência de soerguimento nacional.

### A vez do Brasil

Armou-se grande confusão no mundo. Ela começa a se dissipar. Desse avanço pode o Brasil ser ao mesmo tempo agente e beneficiário.

A discussão programática contemporânea parece se estreitar cada vez mais. Três correntes de idéias vem dominando o debate. A primeira corrente -- de neoliberais -- abraça o que lhe parece mero bom senso. Mercados devem ser livres. Governos devem viver dentro dos seus meios. O livre comércio entre as nações deve aumentar para que os países mais pobres se possam desenvolver sob a influência da imitação e da integração econômicas.

Os neoliberais sérios sempre tiveram, porém, o cuidado de distinguir esse ideário da rendição aos interesses financeiros: muitos defendem, inclusive, limites fortes à livre movimentação dos capitais. E insistem na importância do investimento social, sobretudo em educação.

Um segundo grupo, de social-democratas, identifica no esforço de reconciliar a tradição européia de proteção social com a flexibilidade econômica das práticas americanas a única maneira segura de preservar a essência dos seus compromissos históricos. Encolhe a social-democracia para salvá-la. E acaba convergindo com os neoliberais críticos na defesa dos compromissos sociais e das restrições aos interesses financeiros.

Um terceiro grupo - de esquerdistas ou ex-esquerdistas -- reconhece a morte do estatismo. Quer dar conteúdo institucional à alternativa progressista que procura. Mas não sabe como. Termina empurrado para o mesmo programa mínimo dos neoliberais comedidos e dos social-democratas amedrontados.

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Os três grupos desejam abrir rumos divergentes. Não conseguem. Acabam na prática propondo mais ou menos a mesma coisa. Esse minimalismo compartilhado não presta porque não resolve os problemas reais, a começar pela desigualdade incapacitadora no acesso aos meios de auto-ajuda e de iniciativa.

A confusão começa a ser desfeita pela descoberta de um contraste que se transforma no novo eixo organizador do debate programático em todo o mundo. De um lado ficarão aqueles que aceitam as instituições políticas e econômicas atuais como horizonte que não pode ser ultrapassado. Apenas pode ser humanizado. Do outro lado, estarão aqueles para quem uma sequência de inovações institucionais pode aprofundar a democracia e democratizar o mercado, abrindo a sociedade para o experimentalismo. Estes aceitam a globalização, mas insistem em reorientá-la. E sabem que essa reorientação exige a redescoberta de projetos fortes de desenvolvimento nacional. Para eles, não há meio termo entre ser país de verdade e decair à condição de protetorado.

No plano das idéias surgem propostas que enfrentam doutrinas reinantes sem regredir a ideários peremptos. (Vejam, por exemplo, os textos no site [www.sopde.org](http://www.sopde.org))

Na experiência da política ganham corpo, em alguns dos grande países periféricos, as pequenas inovações institucionais que podem servir de material às alternativas fecundas.

Chega, com isso, o momento do Brasil. Como alguém que tem viajado pelo mundo participando do novo debate, posso afirmar não haver país que reúna melhores condições do que o nosso para protagonizar construção desenvolvimentista e democratizante que abra caminhos para muitos. Preparemo-nos, por atos de despojamento e por esforços de imaginação, para uma hora de grandeza.

Poder sem perdição

Em vez de tratar da política ou da economia, trato hoje dos corações. À medida que se aproxima a eleição presidencial, aumenta, entre os aliados

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

e os colaboradores de cada um dos candidatos presidenciais o fervor com que avaliam as oportunidades que lhes serão abertas ou fechadas pelo resultado eleitoral. Os que apoiam os candidatos com melhores chances são abordados efusivamente, como se tivessem comprado bilhete ganhador na loteria. Nada mais insensato. Em primeiro lugar, porque a campanha eleitoral está apenas começando. Em segundo lugar, porque em país como o nosso a perspectiva do poder só pode ser encarada com temor reverencial. Temor da tarefa que cairá sobre os ombros de quem vier a compartilhar a responsabilidade do governo. Nesse temor começa o reconhecimento de verdades paradoxais.

É vital manter o foco na proposta em cujo nome se ganhou a eleição. Não confundir, porém, compromissos programáticos com dogmas intelectuais. Mesmo o mais inteligente e culto de nós é um obtuso e um ignorante diante das vastidão dos problemas que o país enfrenta e dos recursos secretos -- de engenho e de energia -- com que pode, pouco a pouco, resolvê-los.

É indispensável enfrentar os interesses organizados que reprimem nossas oportunidades de desenvolvimento e de justiça. O único meio eficaz para enfrentá-los é a mobilização das maiorias desorganizadas. Jamais, porém, o desfecho do enfrentamento será legítimo e fecundo se não passar também pela negociação paciente com os interesses ameaçados ou se derrespear as prerrogativas das instituições que se opuserem às reformas pretendidas.

É preciso cada dia decidir, pondo limites a divergências de equipe e escolhendo o momento em que a discussão tem de ceder lugar à opção, produtora de novas encruzilhadas. Decidir, entretanto, sabendo que nunca sabemos o bastante para decidir sem risco de erro.

É necessário participar dos embates inerentes ao conflito de ambições e de entendimentos. Mas sem que cada participante perca o sentido da relatividade de seu próprio ponto de vista e da dificuldade de separar o que cada um quer para o Brasil e o que quer para si .

Para enfrentar tais contradições não há fórmula. Há, porém, método. O método é aprender. Aprender de correligionários e de adversários. Sobretudo aprender do país. O Brasil, essa fábrica de vitalidade, erra no varejo, mas acaba acertando no atacado. Tratem-se de aprender do país

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

como superar, na conduta de cada um de nós, esses dilemas aparentemente insuperáveis.

Sinal de êxito nesse esforço será mudança na maneira de ser. Todos que se aproximarem do poder devem poder dizer que se transformaram. Imagino-os descrevendo essa transfiguração da seguinte maneira. Na oposição, quando vagávamos no deserto político, viram-nos intransigentes e guerreiros, cantando vitória em meio à derrota, compensando nossa fraqueza com visões heróicas de resistência e de engrandecimento. No poder, porém, nossos concidadãos, atônitos, nos encontrarão mudados. Ver-nos-ão humildes e magnânimos, relutantes em falar, atentos em ouvir, penetrados pelo sentimento da nossa própria falta de importância, sabedores de que qualquer indivíduo está sempre despreparado para suas responsabilidades maiores e portanto conscientes do lado cômico do poder. E misteriosamente alegres por conta da entrega da vontade às tarefas e à vida. Quem executar esse plano de auto-transformação não estará perdido, mesmo que seja poderoso.

### Descobertas de campanha

Para quem dela participe com espírito de aprendiz, a campanha eleitoral em curso serve como lição de Brasil e como lição de vida mais do que como lição de política. Perdoem-me os leitores por compartilhar com eles algo do que venho aprendendo.

Em primeiro lugar, a campanha me está ensinando que quase todos nós que participamos da vida pública tendemos a exagerar o poder dos interesses contrariados e a subestimar os efeitos da confusão intelectual. Há no Brasil, como em boa parte do mundo, um desejo sincero e generalizado de desbravar um caminho que seja ao mesmo tempo produtivista e social e que faça do experimentalismo construtivo o traço marcante da experiência quotidiana. Na política de todos os países, ricos ou pobres, muitos querem ser Roosevelt. Não sabem como. É nesse ambiente de desorientação que os interesses organizados deitam e rolam.

Em segundo lugar, a campanha mostra como o esclarecimento pode surgir de repente, no meio da confusão. Há muitos anos estudo os problemas brasileiros à luz da experiência de outros países. Só agora,

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

porém, vejo com clareza o que muitos dos meus concidadãos também estão descobrindo, no calor do conflito eleitoral. A reorientação que buscamos passa pela reconciliação de duas agendas: uma, cheia de sacrifícios, de reafirmação do realismo fiscal; a outra, cheia de esperanças, de ampliação do acesso às oportunidades para aprender, trabalhar e produzir. Não é correto supor que o realismo fiscal seja preocupação de curto prazo e a retomada do crescimento, acompanhada de democratização das oportunidades educativas e econômicas, obra de longo prazo. Precisam ser iniciadas simultaneamente. O país só aceitará sacrificar se sentir que o sacrifício será legitimado pela ampliação do acesso às oportunidades. Desse princípio, cada vez mais reconhecido por todas as classes sociais, virá o ponto de partida para a nova estratégia nacional que nascerá das eleições de outubro.

Em terceiro lugar, a experiência da campanha revela a rapidez com que o relacionamento direto pode destroçar os preconceitos. O Brasil que encontro nessa campanha é caldeirão de energia e de engenho. Entretanto, os colaboradores potenciais na formulação e na execução do projeto que o país procura se deixam cegar pelas imagens falsas que acalentam uns a respeito dos outros. Imaginei-me relativamente imune a essa cegueira, mas não estava. Surpreendi-me ao encontrar entre nossos grandes empresários alguns dos aliados intelectuais e políticos mais clarividentes e criativos no esforço não apenas de retomar mas também de democratizar o desenvolvimento brasileiro. O Brasil está à beira de poder tornar-se um país de verdade, capaz de trazer luz e alento à humanidade. Para isso, porém, precisa tanto de reconciliação generosa quanto de idéia clara.

Em quarto lugar, a vivência da campanha me mostrou que nenhum de nós pode cumprir tarefa transformadora sem transformar-se a si mesmo. Descobri -- antes tarde do que nunca -- que não posso fazer o que preciso fazer sem tentar mudar meu jeito de ser. É mais fácil mudar um país do que mudar uma pessoa. A autotransformação acontece devagar e custa caro. Traz, contudo, vida e força. É, ao mesmo tempo, sacrifício e libertação. Ter de mudar-se para ser fiel a si mesmo é uma das melhores razões para entregar-se a uma grande luta. Todo o Brasil intuitivamente o compreende.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### A transformação possível

A tarefa do novo governo se define por contraste com dois erros. Compreender por que rejeitá-los e como substituí-los é vislumbrar o rumo que permitirá ao Brasil diminuir a desigualdade no ato de retomar o desenvolvimento.

O primeiro erro é o de identificar no compromisso com o sacrifício fiscal o triunfo dos interesses financeiros. É verdade que os países ricos não praticam o que nos recomendam: aperto fiscal em hora de recessão. Não é, porém, para agradar ao capital financeiro que devemos aumentar o superávit fiscal; é para nos tornarmos mais independentes dele. A coincidência superficial desse imperativo de independência com as reivindicações dos credores do Estado é vantagem a ser aproveitada.

O segundo erro é o de reduzir a obra do futuro governo ao uso da ortodoxia econômica como base para as políticas sociais compensatórias. Superadas as fantasias ideológicas, o que sobraria para o governo das forças progressistas no Brasil seria a social-democracia, entendida como o esforço do Estado para corrigir, por programas sociais, as desigualdades geradas pelo mercado. Os conservadores pacientes dizem entre seus botões: que bom que a esquerda ganhou no Brasil. Seu governo exorcizará a idéia da alternativa e confirmará o que o resto do mundo já sabe: não há alternativa; só há a humanização do inevitável.

Peca, em primeiro lugar, por incompreensão histórica. A social-democracia não foi inventada na Europa em 1946. Resultou de gerações de inovação institucional, democratizadoras da economia e do Estado, sob o trauma de lutas sociais e de guerras. As políticas sociais foram e são instrumento meramente acessório. Para caminhar em direção semelhante, sem conflitos violentos, temos de democratizar oportunidades e de aprofundar, por meio da valorização gradativa dos salários, o mercado interno. A humanização da sociedade passa pela democratização do mercado.

Falha, em segundo lugar, por não interpretar corretamente os requisitos para que o Brasil volte a crescer e comece a ser justo. O

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

restabelecimento da confiança financeira é condição necessária, mas não suficiente. Precisamos mobilizar, em prol de um projeto democratizante que ainda está longe de ser consensual, um conjunto de reformas que já conta com amplo apoio: simplificação dos impostos para manter a receita, mas atenuar o ônus sobre a produção; reforma previdenciária para controlar a despesa e para canalizar a poupança de longo prazo ao investimento de longo prazo, diminuindo nossa dependência do capital estrangeiro; consequente reforço do poder de barganha do Estado para baixar juros sem quebrar contratos; política industrial e agrária que estimule a formação de grandes empresas nacionais capazes de competir em escala mundial ao mesmo tempo que amplie o acesso ao crédito, à tecnologia e ao conhecimento em favor dos empreendedores emergentes. O eixo do crescimento includente e igualizador está em combinar tais medidas dinamizadoras com iniciativas que democratizem as oportunidades econômicas e educativas e que fortaleçam a participação dos salários na renda nacional.

Não existe pronta e acabada a doutrina econômica que mapeie esse caminho. Nem precisa. Basta ter idéia clara da direção e dos próximos passos, amealhando, com voz baixa e com cabeça arrojada, exemplos, êxitos e apoios. Visão ampla, vontade férrea, confiança serena na nossa capacidade de combinar moderação e gradualismo com ímpeto transformador -- é disso que o Brasil precisa para que se cumpra a vontade nacional expressa em 27 de outubro.

## Rumo

O mundo, segundo lugar-comum, vive sob a ditadura da falta de alternativa. As formas tradicionais do esquerdismo malograram. Entretanto, a social-democracia convencional, que recorre a políticas sociais compensatórias para humanizar a ordem existente, também se mostrou insuficiente. Incapaz, mesmo nos países ricos, de superar desigualdades debilitantes. Ou de difundir a capacidade de inovar sem que se precise, para criar o novo, da pressão exercida por guerras e crises econômicas.

Hoje, porém, combinação de experiências práticas e de descobertas

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

intelectuais começa a subverter a ditadura da não-alternativa. De um lado, as nações em desenvolvimento que mais êxito vem tendo em se fortalecer são justamente aquelas, como a China, mais férteis em inovações institucionais. É a supressão das liberdades o que limita, nesses países, o potencial do impulso inovador. De outro lado, o pensamento conclui, pouco a pouco, que reformas podem ser profundas no desfecho sem deixarem de ser gradativas no método. A idéia da substituição por inteiro de sistemas sociais e econômicos era apenas fantasia que nos desviava das oportunidades transformadoras.

Não há país que sofra mais do que o nosso com a falta de alternativa. Nenhum reúne agora melhores condições para desbravar caminho que dê alento à humanidade.

Para ter rumo, não é preciso mapear toda a trajetória. Basta escolher a direção e conhecer os primeiros passos. Políticas aparentemente corriqueiras podem, por seu efeito combinado, produzir transformações radicais. Para isso, dogma não presta. Vontade e visão são, porém, indispensáveis.

O Brasil já tem a idéia desse rumo e os meios para trilhá-lo. Oito séries de medidas marcam seus primeiros passos. Primeiro, conseguir aprovar reformas da previdência e da tributação que consolidem a situação fiscal do Estado, mas desonerem, ao máximo possível, a produção. Segundo, forjar instituições que mobilizem a poupança de longo prazo para o investimento de longo prazo, diminuindo nossa dependência do capital estrangeiro. Terceiro, construir mercado de consumo em massa graças ao aumento progressivo da participação dos salários na renda nacional e à unificação dos mercados formal e informal de trabalho. Quarto, transformar a política industrial e agrária em instrumento para descentralizar o acesso ao crédito, à tecnologia e aos mercados, fazendo dos empreendedores emergentes novo motor de crescimento, ao mesmo tempo que se facilita a formação de grandes empresas, capazes de competir em escala mundial. Quinto, melhorar a qualidade do ensino público e da saúde pública para capacitar os brasileiros e para formar base duradoura de apoio à ação democratizadora do Estado. Sexto, ajudar diretamente os que mais sofrem, nos extremos da miséria, para que a indecência não envenene o desenvolvimento. Sétimo, usar o financiamento público das campanhas para conter a influência do dinheiro sobre a política. Oitavo, reposicionar o

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Brasil no mundo, multiplicando as parcerias políticas e econômicas que nos abram espaço não somente para exportar o que produzimos, mas também para mudar o que somos.

Basta juntar elementos, ainda que incompletos, de cada uma dessas oito iniciativas para transformar a fundo a situação e as perspectivas do Brasil. Essa é a obra, modesta nas aparências, viável nos meios e revolucionária nos efeitos, que o novo governo tem tudo para executar . Executando-a, será fiel a si mesmo e à nação.

### Contra a corrente

Como se pode acreditar em reconstrução da sociedade após um século de derrocada das utopias? O mundo assiste à vitória do conformismo, travestido de realismo. Não se formulou projeto que ultrapasse os limites da social-democracia européia, cada vez mais esvaziada de conteúdo e carente de impulso. A esquerda atua e fala como se escondesse um plano que não tem. Temerosa da reação econômica a qualquer iniciativa transformadora, esforça-se para parecer confiável aos que manejam o dinheiro. As vantagens dessa aceitação são tão palpáveis, e o risco de perdê-la tão ameaçador, que a pressão para conformar parece irresistível.

Os perigos da reorientação são reais. Exigem medidas acauteladoras, como o fortalecimento da situação fiscal, que ampliam a margem de manobra dos governos. Não justificam, porém, o encolhimento dos progressistas, reduzidos hoje à condição de proponentes de políticas sociais compensatórias. As lições da experiência contemporânea são inequívocas: os países que avançam são os que insistem em fazer diferente, os que inovam nas práticas e nas instituições. Foi assim com as economias do nordeste asiático em gerações recentes. É assim com a China hoje. Quem faz o que mandam a ciência constituída e as autoridades imperiais não se estabelece.

O conformismo é inexplicável sem a confusão. Todas as forças mundanas seriam insuficientes para obter a rendição íntima dos progressistas se elas não contassem, como aliada, com o silêncio das idéias.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

É também por falta de confiança e de clareza a respeito de outro rumo, que os progressistas se entregam. Daí a importância da situação retrógrada e mistificadora em que se encontram as disciplinas sociais, a começar pela teoria econômica. Destituídas de consciência crítica de suas próprias premissas institucionais, essas disciplinas tendem a racionalizar a ordem existente. Só se comovem diante das mudanças e das crises que não conseguem entender ou controlar.

Dois movimentos convergem, entretanto, para reverter o triunfo do conformismo: um vem do pensamento; o outro, da experiência. Pouco a pouco, as doutrinas que justificam como necessária a organização atual das sociedades estão sendo desacreditadas dentro de cada disciplina. E as vantagens da heresia se vão tornando patentes na experiência comparada dos países. Descobre-se, por exemplo, que, para uma nação latino-americana, não há meio termo entre ser Porto Rico e ser país de verdade. Falta agora juntar o pensamento com a política. Aconteceu nos grandes momentos de transformação. Acontecerá de novo.

O problema é a distância entre a imaginação do amanhã e o sofrimento de hoje, e entre o tempo histórico das alternativas e o tempo biográfico em que vivemos. A solução é lutar para construir elos entre a visão programática e a prática política: nenhuma alternativa merece fé se não puder ser traduzida em exemplos atuais, ainda que fragmentários e imperfeitos, do que se propõe. E qualquer serviço a uma tarefa transformadora desumaniza e desorienta seu agente, se ele não se submete, corajosamente, aos desapontamentos da ação e aos encantamentos das pessoas que encontra pelo caminho.

A obra do pensamento é compreender o mundo e mudá-lo. A primeira tarefa de um homem, porém, é não morrer aos poucos: viver de tal maneira que possa morrer de uma vez só. O preço da vitalidade é a renúncia às defesas com que nos protegemos contra a desilusão e a derrota. Quem pagar esse preço, pagará pouco por muito.

### A ética após a rendição

Suponhamos que o novo governo tenha adiado a reconstrução do modelo econômico; que se sinta constrangido a essa opção pelo excesso de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

dívidas e pela falta de dólares, fatos que deveriam, ao contrário, tornar mais urgente a demarcação de outro rumo; que, movido por confusão de idéias e por sentimentos de inferioridade pessoal e nacional, haja caído sob a hegemonia do ideário dominante; que se proponha, portanto, a persistir no que se tem feito no Brasil, que é combinar a busca da confiança financeira com políticas de compensação social e com socorros concedidos às grandes empresas e que tenha, enfim, adotado as lições dos manuais que os países ricos escrevem para os pobres. Depois de tanta rendição antecipada, pode haver mudança em direção ao desenvolvimento democratizante?

Pode, desde que o governo radicalize na moralidade. Moralizar a política significa romper os elos entre poder público e privilégio privado. Um exemplo mostra o que isso representa. Imaginem que um grande empresário, chegado ao presidente, deu-lhe dinheiro na campanha. Agora, apresenta a conta. Quer continuar obra de vulto, iniciada por estrangeiros. Cobre-se com a bandeira do nacionalismo econômico. Sua empresa, porém, não está sequer qualificada no ramo. O empresário tenta comprar prerrogativa e vender proximidade. Se o presidente aceitar, começa a destruir seu governo. Se rejeitar, começa a construí-lo.

O divórcio entre poder público e privilégio privado significa culto de transparência, guerra contra o tráfico de influência, substituição de favores casuísticos por regras impessoais e por critérios de desempenho e apoio aos emergentes como condição de ajuda aos estabelecidos. Nada de telefonemas do empresário suplicante ao governante cúmplice para perguntar se este gosta do que aquele pretende fazer. Distância e dignidade. Desprivatização do Estado e privatização do setor privado. Essa ética é gêmea da eficiência e mãe da justiça. É o mesmo espírito que insiste em colocar meritocracia no lugar de nepotismo, cooperação no lugar de hierarquia e concorrência no lugar de conluio.

Duas iniciativas são decisivas para romper o vínculo entre poder público e privilégio privado. A primeira é o financiamento público das campanhas eleitorais para tirar os políticos dos bolsos dos endinheirados. A segunda é a privatização das falências para tirar o Estado da atividade corruptora de garantir qualquer grande negócio no Brasil. O problema não é, como diz a propaganda conservadora, que o credor não tem como cobrar do devedor (nenhum país foi historicamente mais favorável aos devedores do que os Estados Unidos); é que faltam mecanismos privados suficientes

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

para recuperar as empresas e para decidir quando são irrecuperáveis. Na nossa prática, só o Estado salva e decide. Organizemos processo que dê prazo e meios para o auto-salvamento das empresas. E que deixe o governo fora.

Se o governo fôr fundo nesse esforço para moralizar a ação do Estado, iniciará duas dinâmicas transformadoras convergentes. A primeira dinâmica é resgatar espaço público livre do domínio dos interesses poderosos. Espaço que poderá ser preenchido mais tarde pela estratégia nacional que agora faltou. A segunda dinâmica é criar condições para que a sociedade brasileira faça a mudança com as próprias mãos. A decência no trato da coisa pública começará a desfazer os resultados da rendição e a abrir o caminho da resistência. Será o primeiro passo para reconciliar o Brasil com a idéia de sua própria grandeza.

### Como sair dessa?

O debate mundial a respeito das alternativas, ou da falta delas, chegou a situação paradoxal. Nunca se difundiu tanto a convicção de que não basta o projeto dominante -- de responsabilidade fiscal, de políticas sociais compensatórias e de desenvolvimento de instituições que tranquilizem os "investidores". Não basta para desenvolver as sociedades, muito menos para democratizá-las. O êxito da China e até da Índia em trilhar caminhos ricos em heresias institucionais, ainda quando maculados pelo despotismo ou pela corrupção, e o malogro persistente das economias que se submeteram ao ideário dominante, abalaram a autoridade e a autoconfiança dos guardiães de uma ortodoxia malograda.

Entretanto, sucessivos governos eleitos em nome de uma agenda de desenvolvimento democratizante se vem rendendo, antes mesmo que a rendição lhes seja exigida. Essa longa sequência de abdições preventivas não têm gerado retomada de crescimento nem democratização de oportunidades. Os acontecimentos no Brasil são apenas o último episódio de uma história que se vai tornando cada vez mais desconcertante. Tentemos compreender esse colapso da vontade transformadora, ocorrido numa hora em que a resistência ao experimentalismo democrático se

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

enfraqueceu.

Dois fatores são decisivos: um tem a ver com os meios de pensamento; o outro, com os instrumentos de ação.

Os que propomos, em diferentes regiões do mundo, um rumo produtivista, voltado para inovações institucionais que capacitem os indivíduos, democratizem o mercado e aprofundem a democracia, não conseguimos ainda traduzir nossas propostas em práticas, de análise e de organização, que possam ser facilmente entendidas, reproduzidas e desdobradas. A falta de clareza a respeito das alternativas confunde e suprime o impulso transformador.

Ao vazio das idéias se sobrepõe uma força que estreita a margem de manobra dos governos. O padrão-ouro, que alcançou o apogeu nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, restringia drasticamente a autonomia dos governos nacionais. Após o intervalo libertador do Keynesiasmo, resurgiram equivalentes funcionais ao lastro da moeda em ouro. Nas economias centrais, essa equivalência reapareceu na forma relativamente branda do abandono de políticas anticíclicas. Em algumas economias periféricas, como as da América Latina, tomou a forma de síndrome específica: baixas reservas, pouca poupança, liberdade cada vez mais irrestrita de movimento dos capitais, independência das autoridades monetárias e primazia atribuída à confiança financeira. A vulnerabilidade dos governos aos ditames dos mercados financeiros é tratada como solução, não como problema, porque impõe a disciplina do dinheiro às aventuras da política; qualquer deslize pode resultar em crise no balanço de pagamentos. Os países em desenvolvimento que estão avançando, porém, são aqueles que rejeitaram esse sucedâneo ao padrão-ouro. Acumulando reservas, mobilizando poupança de longo prazo para investimento de longo prazo, e subordinando as prerrogativas do capital financeiro às necessidades da produção, afrouxaram a corda em volta do pescoço dos governos.

Aí está, para nós, como para qualquer país, a maneira de iniciar a fuga do cárcere -- de estagnação, de exclusão e de desigualdade -- em que nos encontramos: uma idéia clara de como usar o poder público para ampliar o acesso a oportunidades de aprender, trabalhar e produzir, associada a iniciativas que resguardecam as condições de originalidade nacional. Não é a porta do paraíso; é apenas o começo da libertação.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### A fonte moral da reação

Nesse espaço trato quase sempre de alternativa para o Brasil. Evito a primeira pessoa do singular; já basta o espetáculo do narcisismo, que, entre nós, como em todo o mundo, acompanha a política como lembrança de nossa queda original. De vez em quando, porém, convém aproveitar experiências pessoais para encarar, de maneira mais direta, problema coletivo. Meu tema hoje é a idéia da grandeza como motivo das ações. A grandeza nunca é narcisista; credenciando o ardor com o sacrifício, distingue-se pela entrega da pessoa a uma tarefa exigente, generosa e transformadora. Transformadora tanto da situação quanto do agente.

Os primeiros passos do governo do PT só podem provocar tristeza em qualquer cidadão informado. Sinalizam rendição que, embora defendida em nome da cautela, não pode trazer desenvolvimento ou justiça ao país. Isso não significa que a manutenção do rumo atual vá quebrar o Brasil: a quebradeira pode ou não acontecer, dependendo de um conjunto de circunstâncias, externas e internas. Mais provável é que a nação e seu governo continuem afundando na mediocridade.

Para ter a dimensão dessa tragédia, é preciso lembrar os últimos quarenta anos. O golpe de 1964 interrompeu evolução que vinha transformando o PTB no maior partido brasileiro e no agente de um trabalhismo que se purgava de suas mazelas. Uma geração de ditadura foi seguida por outra geração em que o PT se estabeleceu como principal força progressista. O Brasil, tradicionalmente país muito desigual que crescia, passou a ser país muito desigual que não cresce. Na chegada ao poder, depois de tudo isso, os petistas se arriscam a virar bando de perdidos ou de falsários. Os que levamos a sério o compromisso de organizar um desenvolvimento baseado na democratização das oportunidades para aprender, trabalhar e produzir temos agora de começar de tudo de novo e formar novos instrumentos de ação política.

Quando, ao lado de outros, passei a criticar o governo recém-empossado e a propor caminhos diferentes, nem um início de debate vi surgir. A resposta foi plantar nas colunas de fofocas dos jornais (uma

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

criação original, irresponsável e amesquinhadora do nosso jornalismo) a informação de que eu quisera fazer parte do governo. E, de fato, num primeiro momento, teria adorado trabalhar num governo de que imaginava poder vir reorientação nacional.

O que faz substituir a discussão pela desqualificação, e nos impede de acender as luzes no Brasil, não é a vilania; é a pequenez. O traço moral e psicológico mais constante nos brasileiros, generalizado entre todas as classes e entre todos os temperamentos, é o sentimento de ser pequeno. Dele resultam, por exemplo, o culto da esperteza, a subordinação da bondade ao charme e a impaciência com qualquer esforço que não renda benefícios imediatos e tangíveis. Quando passei a conviver com poderosos e ricos no país, surpreendi-me ao descobrir a pouca conta em que, sob o disfarce da vaidade e da arrogância, eles se têm.

Dessa falta de fé e de esperança de cada um em si mesmo, advem nossos maiores males. Um indivíduo e um povo podem carecer dos instrumentos de iniciativa -- de capital, de educação e até de liberdade. Se, contudo, guardarem intuição de seu próprio engradecimento, construirão mundos e reconstruirão a si mesmos, ainda que o tenham de fazer em meio a ruínas. Inspirar nos nossos concidadãos a idéia da grandeza deve ser o objetivo supremo de nossa ação pública.

### Mudar o Brasil de vez

Hoje ponho o noticiário de lado e trato de fatos -- obscuros e até misteriosos -- que decidirão nosso destino nacional. Para isso, é preciso armar o espírito contra algumas das obsessões que marcaram as disputas ideológicas dos últimos dois séculos.

Uma dessas disputas foi o contraste entre práticas de mercado e práticas dirigistas. Como explicar, à luz desse contraste, que as nações mais bem sucedidas são aquelas que parecem manejar bem tanto o mercado quanto o dirigismo? Países atrasados costumam oscilar entre orientações liberais e estatizantes, com resultados igualmente ruins.

Os Estados Unidos, por exemplo, cedo se identificaram com a fé na

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

anarquia organizada das forças de mercado. Ao se lançarem à guerra em 1941, entretanto, descartaram os preconceitos ideológicos. Reorganizaram toda sua economia sob regime de coordenação planejada, porém flexível, entre o governo e o setor privado. Confiscaram grande parte da renda privada: a alíquota superior do imposto sobre a renda da pessoa física chegou a 92%. O resultado foi espetacular: em quatro anos, o PIB quase dobrou. É a implosão do debate ideológico: quem fôr bom de mercado, será bom também de estatismo. Mudará de modelo de acordo com as circunstâncias.

Três fatores são determinantes para explicar essa capacidade de usar qualquer modelo bem. O primeiro fator é o êxito em atenuar a contradição entre os dois imperativos básicos do progresso prático: a cooperação e a inovação. Qualquer atividade produtiva é cooperativa. O próprio mercado representa forma simplificada de cooperação entre estranhos; exige generalização da confiança. É preciso privilegiar as formas de cooperação mais hospitaleiras à inovação. Para que isso aconteça, impõe-se um segundo fator: difundir na população, tão amplamente quanto possível, o acesso às oportunidades educacionais e econômicas para poder aproveitar a energia de todos. E esses dois fatores são potencializados por um terceiro: atitude despreconcebida, de experimentalismo irrequieto, que penetre toda a cultura e toda a sociedade.

O que tem isso a ver com o Brasil? A mudança mais importante ocorrida no Brasil nos último quarenta anos foi a difusão, no meio popular, de nova cultura de iniciativa e de auto-ajuda. Mais pequeno-burguesa do que proletária, essa cultura procura, instintivamente, formas de cooperação abertas à inovação. Reivindica equipamento econômico e educativo. Rebelar-se contra os dogmas. Falta-lhe, porém, tudo.

A tarefa pública mais importante a executar hoje no Brasil é ir ao encontro desse espírito, por todos os meios, inspirados em todos os figurinos, dotando-o dos instrumentos de que carece, resgatando-o do egoísmo familiar e da fórmula restritiva do pequena propriedade isolada e munindo-o de universo mais amplo de opções. A condição mais importante para que se dê esse encontro entre a nação e o Estado é a radicalização da meritocracia: a promoção dos esforçados e dos talentosos. Para isso, é preciso travar guerra incansável contra o privilégio, a influência, o favor, o nepotismo, em todos os departamentos da vida nacional. Tratemos de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

descobrir ou de inventar as instituições e as práticas mais capazes de instrumentalizar a energia frustrada desse Brasil emergente. Tratemos de imaginar nossa própria grandeza.

### A tragédia do povo brasileiro

O momento brasileiro precisa ser vivido e entendido à luz dos constrangimentos persistentes que enquadram e amesquinham o Brasil.

Avanços na história brasileira sempre foram liderados pela classe média. Ocorreram nos momentos em que ela deixou de ser massa de manobra de uma plutocracia de viés colonial e passou a propor, em nome da maioria, outra idéia do país. Todos esses episódios reorientadores caminharam na mesma direção: mudar as estruturas que, no Brasil, tornam as pessoas dependentes e, por serem dependentes, pequenas.

Hoje revolução de atitudes magnifica esse papel da classe média. Grande parte dos trabalhadores aspira à condição, de relativa independência e prosperidade, que identificamos, historicamente, com a pequena burguesia. Vida livre de humilhação, em que a auto-ajuda produza resultados fecundos, é o que essa gente mais quer. Nela, a classe média encontraria o aliado que lhe faltou.

A capacidade para efetivar essa aliança em prol de uma transformação do país está, entretanto, comprometida pelo terror, econômico e espiritual, a que a classe média, tradicional ou emergente, está submetida. Presa à mensalidade da escola particular e ao plano privado de saúde, cada vez mais carente, graças à desestruturação das carreiras públicas e das empresas públicas, de oportunidades de ascensão meritocrática, e informada pelos ideólogos da época de que o único projeto realista é a humanização do inevitável por meio da justaposição de políticas econômicas de rendição com políticas sociais compensatórias, a classe média não tem para onde ir. Esse é o primeiro elemento na tragédia do povo brasileiro.

A tarefa sempre foi a mesma: desenvolver práticas e instituições que enfrentassem, em favor dos objetivos de crescimento, justiça e democracia,

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

as realidades soturnas de uma sociedade tão desigual quanto a nossa. Não seria possível copiando o que países mais ricos e livres já haviam feito. Só seria factível inovando na maneira de organizar a economia e o Estado. Ao contrário do que supunha o mimetismo encabulado que contaminou os líderes da classe média, inovar nas instituições não seria refugiar-se nas ilusões de um nativismo romântico. Seria tomar assento entre as grandes nações ocidentais usando o mesmo método que elas usaram. Não perceber que o mais precisamos imitar no exemplo histórico delas é o espírito de rebeldia representa o segundo componente na tragédia do povo brasileiro.

Em que veia de inspiração podemos deitar para nos reconstruir? Nada mais original no Brasil do que a anarquia, devoradora de dogmas, que vibra em nossa cultura popular. De mil maneiras diferentes, exprime a esperança de reconciliar o ideal pagão da grandeza com o ideal cristão do amor. A voz predominante em nossa alta cultura, porém, foi sempre a de um ceticismo desiludido e alexandrino: mais para Tchekov do que para Tolstói -- a senilidade arvorada em sabedoria. Daí a dificuldade em traduzir em idéias e em palavras o que há de mais vital no Brasil. Esse é o terceiro aspecto da tragédia do povo brasileiro.

Compreender a tragédia do povo brasileiro é o começo do esforço de superá-la. O resto é energia para consumir o casamento da imaginação com a política e paciência para circundar as muralhas e soar o clarim sete vezes.

### Desmoralização incapacitadora

Há mais de vinte anos, o país é governado sob a égide da idéia de que só a salvaguarda da confiança financeira nos permitirá recuperar os instrumentos da política econômica, voltar ao crescimento e cuidar do social. O conteúdo do que se entende como exigido pela confiança financeira vem sendo paulatinamente ampliado a ponto de excluir hoje quase tudo que seria necessário para fincar as bases de crescimento socialmente includente.

Enquanto não conseguirmos destronar essa ideário no Brasil, a nação continuará prostrada. A economia crescerá, em surtos passageiros, quando sobrar liquidez no mundo e vegetará na estagnação quando o capital se

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

retrair.

O primeiro requisito para romper com o dogma que nos asfixia não é, porém, renovar as idéias econômicas que nos orientam. É desfazer os acertos que, com força cada vez maior, corrompem nossa democracia e mantêm o país desinformado, acorrentado, impotente.

Acertos? Em primeiro lugar, acertos dos governos com os partidos políticos, tratados menos como base de apoio do que como claqué desprezível, pronta para ser contratada por preço de ocasião. Em segundo lugar, acertos dos governos com os grandes empresários, convencidos de que não se faz negócio de vulto no Brasil sem o beneplácito do governo, aterrorizados, coniventes, calados. Venham discutir conosco seus planos empresariais e não se esqueçam de depositar na caixinha do partido, dirão os governantes aos plutocratas. Nessas conversas ao pé do ouvido, será fácil confundir reconstrução de setores da economia com remanejamento de interesses privados e abrir portas para o aproveitamento partidário e pessoal. Em terceiro lugar, acertos dos governos com a mídia, quase toda ela quebrada e sedenta de publicidade oficial e de financiamento. Como posso ajudá-los?, perguntarão os detentores do poder aos magnatas da mídia. E o resultado do entendimento entre eles logo aparecerá na cooptação da maior parte da imprensa televisiva e escrita, sonogando ao país meios para conhecer a realidade.

Sem reverter essa redução da alta vida política e empresarial no Brasil a um prostíbulo secreto, o país não encontrará alternativa de desenvolvimento com justiça. Se encontrá-la, não conseguirá levar ao poder forças que possam executá-la. Se levá-las ao poder, não terá como evitar que, no governo, elas se frustrem e se percam.

O que fazer? Que a sociedade reivindique e imponha reformas que enfraqueçam o vínculo entre o poder e o dinheiro, financiando com recursos públicos as campanhas eleitorais, limitando a propaganda eleitoral pela televisão a fala de candidato contra fundo branco e obrigando o Estado a abandonar seu hábito de investir o dinheiro dos pobres nos negócios dos ricos. Que os jornalistas, nas ilhas de independência que ainda existem na imprensa brasileira, acendam as luzes e revelem as negociatas que pulularem à base da mistura venenosa do poder público com o interesse privado. Que os procuradores e os juizes não faltem, mais uma vez, à

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

República. E que muitos de nós cidadãos nos deixemos sacudir por movimento íntimo de nojo e de indignação que nos permita dar respeito ao país e a nós mesmos. Se ainda não podemos ter esperança, que pelo menos tenhamos vergonha. Envergonhados, ganharemos mais tarde direito e condição de sermos esperançosos.

### Tarifas como lições

A controvérsia a respeito das tarifas telefônicas revela confusão perigosa não só no governo mas também no país. Raciocínio em três etapas mostra qual o caminho certo e por que ainda temos dificuldade em trilhá-lo.

O primeiro passo do raciocínio é constatar o que mandam as leis. As leis que governam os contratos de concessão entre o governo e as operadoras prevêm os termos de reajuste de tarifas. A agência reguladora cumpriu a lei ao aprovar os reajustes anunciados. Se a Anatel tivesse recusado o reajuste integral de acordo com os índices previstos, as operadoras poderiam ter exercido seu direito legal de aumentar o preço de certos serviços. O resultado geral ficaria na mesma. Não se cumprem leis apenas quando são sábias; cumprem-se até que se mudem por meios constitucionais. Em sua defesa constrangedora dos reajustes, disse o Ministro da Fazenda que o Brasil precisa continuar a respeitar leis e contratos para demonstrar seriedade aos investidores estrangeiros. O governo brasileiro precisa respeitar leis e contratos para demonstrar seriedade aos cidadãos brasileiros. Agências reguladoras, no Brasil ou em qualquer democracia contemporânea, não se subordinam a Ministros ou a Presidentes, nem atuam como correias de transmissão de decisões de governo.

O segundo momento do raciocínio é reconhecer que o regime regulador instituído na época das privatizações está viciado pela obsessão com os investidores estrangeiros e pelo esquecimento dos cidadãos brasileiros. Em sua concepção original o regime das agências funcionou como funciona agora a proposta de autonomia para o Banco Central: como maneira de resguardar os investidores estrangeiros (que se queriam atrair para as privatizações) contra as iniciativas de futuros governos. Colocou-se

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

em segundo plano o que deveria estar em primeiro: os interesses dos consumidores e do país. Isso explica, por exemplo, a insuficiência, em todos os setores privatizados, das exigências legais e contratuais de investimento. Precisamos redefinir, por lei, as tarefas dos reguladores e as responsabilidades das empresas. E encontrar no maior grau de concorrência que seja sustentável a longo prazo a melhor disciplina de tarifa.

Com isso, chega o raciocínio a seu terceiro e mais penoso desdobramento. Foi em vão todo esse agrado aos investidores estrangeiros. Novos não vêm, e a maioria dos que estão aqui, inclusive nos setores privatizados, iria embora amanhã se descobrisse como sair sem perder quase tudo. A razão é simples. O império da lei é indispensável para os cidadãos; não o é, apesar do que ensina o ideário dominante, para os investidores. Do contrário, não teriam elegido esse caos jurídico que é a China contemporânea como destino predileto do capital internacional de risco. Para os investidores o que conta é o que falta agora no Brasil: crescimento econômico e as oportunidades de ganho que ele propicia, mesmo em meio à insegurança jurídica. País governado por gente que troca a defesa da economia real pela busca da confiança financeira e depois tenta atenuar os efeitos dessa rendição empobrecedora com zoadas popularescas acaba abandonado por todos. Não deu certo o hábito de fazer demagogia cara para estrangeiro (em tema como regime de agência reguladora ou autonomia de Banco Central) e demagogia barata para brasileiro (em matéria como discurso inconsequente contra aumento de tarifa). Semeou confusão e ruína.

### Pena que sejas tão frouxo

É mais fácil mudar um país do que mudar uma pessoa. Há, porém, ponto em que a mudança dos países cruza com a mudança das pessoas. É a transformação de padrões de comportamento e de consciência. A reforma de algumas das tendências mais íntimas e mais características de nossa maneira de ser é meu foco hoje. Abordo-o por meio de comparação entre o Brasil e os Estados Unidos.

Não há país menos compreendido do que o mais poderoso. Os

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

brasileiros raramente deciframos os enigmas dos Estados Unidos, talvez porque desvendá-los nos obrigaria a auto-crítica penosa. Em junho passado, compareci a cerimônia de fim de ano acadêmico em escola pequena e famosa dos Estados Unidos, onde estudam crianças, de seis a quatorze anos, de algumas das famílias mais influentes ou ricas do país. Por noventa minutos os alunos, divididos em grupos, recitaram trechos de discursos e de poemas e cantaram canções populares, representativos de todos os períodos da história americana.

Dois temas predominaram: um, político; o outro, moral. O tema político era o imperativo de promover revolução mundial libertadora e igualitária que derrubasse despotismos e hierarquias. Pacificamente quando possível e por força das armas quando necessário. Em nenhum outro país, com a exceção parcial de Cuba, seria possível agora ouvir profissão coletiva de fé revolucionária tão desabrida.

O tema político cedia, porém, a primazia ao moral: a condenação dos conformados e a exaltação dos que, por convicção, enfrentam os hábitos atuais e a ordem constituída. Por isso, a culminação do ritual foi cantiga boba, que termina: "You're a good man, Charlie Brown. If only you weren't so wishy-washy." ("Você é homem bom, Charlie Brown. Pena que você seja tão frouxo.") Cantadas essas célebres palavras, todos se levantaram em algazarra digna das aclamações do povo romano aos que desfilavam em triunfo na Via Sacra. Exorcizar o espírito de acomodação havia sido o objetivo de toda a cerimônia.

Abandonei aquela festa escolar pensando, com o coração apertado, no Brasil longínquo. Nada contribuiu mais ao êxito dos Estados Unidos do que a determinação de rejeitar práticas superadas, custasse o que custasse. Essa intransigência acelerou a evolução das práticas, ainda que a preço de conflito. O avanço das práticas substituiu a genialidade das pessoas. No Brasil, ao contrário, acomodamos as práticas novas entre as antigas, como rio que se vai entupindo de aluvião e que acaba em pântano antes de alcançar o oceano. Como progredir sem enfrentar?

É fraqueza que parece indissociável de força: do pendor brasileiro para a tolerância e da valorização brasileira da ternura. Parece, mas não é. Resgatar a ternura e a tolerância do conformismo que as corrompe e que as apequena entre nós, e fazê-lo não apenas pela reconstrução das instituições

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

mas também pela reforma dos corações, é a tarefa suprema dos brasileiros hoje. Não descobrimos ainda como cumpri-la. Já sabemos, porém, que é essa a obra a executar para que os brasileiros consigamos o que mais queremos: ver, na vida brasileira, a doçura andar de mãos dadas com a pujança e o amor fecundado pela grandeza.

## Humilhação

O Brasil continua a ser sociedade de pequenos déspotas e de suas vítimas -- no trabalho, na família e nas atividades do dia a dia. A humilhação é o estigma da vida brasileira: o mal secreto que tudo penetra e evenena.

Forças subterrâneas movimentam-se, porém, para derrubar os pequenos déspotas e para livrar os brasileiros da humilhação. Esse conflito ominipresente e invisível ajuda a decifrar nossa realidade e nossas possibilidades. O objetivo a que os políticos alegam dar prioridade agora -- crescimento econômico com inclusão social -- não se efetivará sem que consigamos traduzir em ação construtiva e em prática cooperativa o esforço nacional para acordar do pesadelo da humilhação.

A lógica das relações sociais no Brasil costumava e ainda costuma misturar dominação, troca e sentimento. Sua fórmula característica é a sentimentalização das trocas desiguais. E seu protagonista típico, homem branco de classe média que, inibido e frustrado em quase tudo, esbanja prepotência sobre a mulher negra que lava seus pratos e sua roupa. Submisso a seus superiores, arrogante para com seus subalternos, desconfortável em todas as relações que pressuponham igualdade de tratamento, o pequeno déspota, inseguro e postiço, sofre obscuramente enquanto faz sofrer.

A humilhação é a emoção que acompanha como sombra o pequeno despotismo. O desejo de escapar da humilhação é hoje a força mais poderosa no país. Quem entendê-la e servi-la falará pelo Brasil.

Todas as transformações mais marcantes que vem ocorrendo na prática e na consciência dos brasileiros representam episódios na revolta

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

nacional contra a experiência banal da humilhação. Derrotados e perplexos na tentativa de reimaginar e de refazer a organização do país, os brasileiros se refugiam em pequenos mundos sociais que servem de contra-modelos à estrutura e à cultura gerais do Brasil: mundos em que cada um descarrega os fardos da prepotência e da humilhação. E os movimentos religiosos constróiem narrativas que dão sentido a essa reorientação.

A revolta contra a humilhação exigiria, para consumir-se, que a conversão dos corações convergisse com a reconstrução das instituições. Um direito que conseguisse disciplinar o exercício do poder tanto na sociedade quanto no Estado. Um ensino que adotasse os alunos pobres mais talentosos e aplicados como herdeiros da República e os conduzisse às alturas da inteligência e da influência. Uma estratégia de desenvolvimento que ampliasse radicalmente os espaços em que os brasileiros pudessem cooperar e competir sem humilharem ou serem humilhados: portanto, o uso do poder do Estado para forçar a democratização do mercado.

E para que tudo isso? Para que, com mais frequência e com maior intensidade, brasileiros e brasileiras comuns descubram quanto de vida e de espírito guardam escondidos dentro de si.

Essa é a única tarefa digna de servir de foco hoje para a vida nacional: a única com o peso que teve a abolição da escravatura. Indiferentes à pequenez anti-heróica e antivisionária de nosso tempo, levantemos os olhos para o que nos pode fazer grandes.

### Auto-condenação

Nessa hora em que o esvaziamento abrupto das esperanças suscitadas pela eleição de 2002 agrava os efeitos de duas décadas de estagnação desmoralizadora, é preciso perguntar com renovada urgência: o que será do Brasil? Uma idéia domina hoje a discussão a respeito de nosso futuro. Está nas entrelinhas da maioria das declarações até mesmo dos que se opõem à política oficial. Plausível e sóbria, veste as roupagens do cosmopolitismo desiludido. Essa idéia, porém, é falsa. Temos de repudiá-la para soerguer o país.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

A idéia a repudiar se apresenta em duas partes. Na primeira parte, ela protesta que nossos governos deveriam defender com mais afinco os interesses do social, do trabalho e da produção: por exemplo, preservando os recursos da educação e da saúde e forçando baixa mais rápida dos juros. Na segunda parte, porém, ela admite ser estreita a margem de manobra de qualquer governo nacional nas circunstâncias atuais do país e do mundo. Nossa falta de dólares e nosso excesso de dívidas apenas reforçariam os constrangimentos impostos pelo triunfo da globalização e pelo malogro das ideologias. Da junção da primeira parte dessa idéia com a segunda resulta a lição constantemente repetida: temos de nos render, mas não precisamos exagerar.

Nada disso. O mundo assiste a grande transformação, vinda tanto de países mais ricos como os Estados Unidos quanto de países mais pobres como a China. As nações e os setores que maior êxito vem conseguindo são aqueles que ingressam seletivamente num rumo que não é nem liberal nem estatista. É experimentalista. O experimentalismo está sediado nas melhores escolas e nas melhores empresas mas de lá se pode difundir para toda a sociedade e toda a cultura. Seu traço marcante é privilegiar a inovação permanente. Empresas começam a se parecer com escolas. Escolas começam a se parecer com equipes de pesquisadores atuando nas fronteiras do conhecimento. E administrações públicas começam a se parecer com inventores, experimentando soluções variadas para descobrir quais funcionam melhor. Que movimento pode haver mais radical e fecundo do que esse -- os vivos tentando derrubar a ditadura dos mortos?

Como evitar que tais práticas experimentais se reduzam a apanágio de um vanguardismo isolado e elitista? Que instituições econômicas, sociais e políticas permitiriam propagá-las para aproveitar a energia de todos? As respostas dadas a essas perguntas introduzem universo de debates diferente daquele que a humanidade herdou do século 19. As opções ideológicas e institucionais não se estão estreitando. Estão expandindo. Apenas ainda não sabemos reconhecê-las. Faltam-nos conceitos e palavras.

O Brasil, com sua vitalidade desmesurada e seu pendor para o improvisado, estaria destinado a ocupar lugar de prola nessa tendência mundial. Se conseguíssemos equipar essa energia empreendedora e frustrada que rola pelo Brasil, transformaríamos radicalmente o país. Para

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

que isso aconteça, entretanto, temos de preencher dois requisitos. O primeiro é a construção de ensino analítico e capacitador que, ao levantar todos os alunos, ofereça oportunidades especiais aos mais talentosos e aplicados. O segundo é o rompimento da camisa-de-força que vestimos em matéria de política econômica: uma política que, tal qual o padrão-ouro do século 19, subordina as exigências da economia real às conveniências da confiança financeira.

Não é verdade que a realidade nos impõe a pequenez. Somos nós que a impomos a nós mesmos.

### Pensamento brasileiro

Todos têm o direito de formular desejo de ano novo. Meu desejo -- distante dos temas a que costumo dedicar esse espaço -- é que a inteligência brasileira responda com coragem e inspiração ao momento frustrante que ela vive. E que, repudiando as tendências intelectuais exauridas que predominam nos Estados Unidos e na Europa, prepare-se para dar contribuição própria ao pensamento universal. Só assim terá como contribuir também à demarcação do caminho do Brasil. Tentativas políticas de dar rumo original à nação continuarão frágeis enquanto o país não contar com tradições intelectuais mais independentes e fortes. Permaneceremos à mercê das modas importadas e da desesperança alheia.

Não significa nos refugiar em idiosincrasias nativistas que nos isolem das idéias em curso no mundo. Mas também não se reconcilia com o que nos tem pautado: a mera aplicação ao Brasil daquilo que se pensa alhures. Para ter o que dizer ao Brasil sobre o Brasil é preciso ter o que dizer ao mundo sobre o mundo. E a partir dessa visão universalizante, repensar o país. Propor tal obra quando a universidade brasileira está destroçada pode parecer extremo de ingenuidade. No reino do espírito, entretanto, as tarefas, abraçadas com fervor, geram as energias para forjar os instrumentos de sua execução.

Nas ciências sociais, inclusive as que maior influência exercem -- direito e economia, prevalece no Brasil de hoje a justaposição de duas tradições fatalistas. De um lado, um empirismo míope e conservador, trazido da academia americana, menospreza e trivializa a reconstrução dos

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

pressupostos institucionais e ideológicos de uma sociedade. De outro lado, o resíduo fossilizado das teorias deterministas de outra época, como o marxismo, distorce a natureza dessas estruturas ao apresentá-las como produtos de forças irresistíveis. Ciência social entre nós virou mistura desse duas maneiras de explicar a necessidade do que existe. A imaginação, porém, é antidesestino.

Para o Brasil, que só pode tornar-se o que quer ser inovando tanto nas instituições quanto nas idéias, o mais urgente é descobrir como desenvolver maneira de entender as sociedades que desmistifique as estruturas existentes, balizando o trabalho de reimaginá-las e de reconstruí-las. É mais fácil essa reorientação do pensamento social surgir na periferia do Ocidente do que em seus centros entediados.

Nas humanidades, não temos por que nos contentar com uma consciência que se resigna ao distanciamento entre o espaço público e o privado, abandonando aquele aos pequenos ajustes de interesses e entregando este às aventuras de uma subjetividade incapaz de reordenar o mundo no qual, no final de contas, todos temos de viver. Criticar velhas formas de consciência e de prática e inventar novas, reconhecendo que numa democracia a profecia há de falar mais alto de que a memória -- essa é a vocação das humanidades num país cuja alta cultura está drenada de vida e cuja cultura popular, cheia de vida, está carente de visão.

Teremos nós a grandeza -- mais moral do que intelectual -- para buscar dentro de nós mesmos as forças e as inspirações necessárias ao cumprimento dessa tarefa vivificante? Daremos a volta por cima dos desencantos que nos cercam? Que o façamos, sim, contra a lógica das coisas feitas e mortas -- esse é meu voto de ano novo.

### Soco em cara de americano

Se os brasileiros não sentíssemos o peso da humilhação nacional, se não desejassemos, com tanto ardor secreto e desorientado, ver o país ficar de pé, se não julgássemos intolerável o grau de dependência dos Estados Unidos em que o Brasil caiu, não teríamos apreciado com mal disfarçado espírito de vingança (também chamado de reciprocidade) a identificação de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

visitantes americanos e a prisão do piloto desafortado. Humano, humano demais.

O sentimento da humilhação pode abrir ou fechar caminhos. Quando, por exemplo, no final do século 19, a China começou a reagir contra as indignidades a que a sujeitavam as potências ocidentais, as emoções mobilizadas ajudaram a inspirar movimentos que desembocaram em república e revolução. No Brasil de hoje, ocorre, por enquanto, o inverso. Os gestos de revide -- bem mais custosos para os mandantes do que para os destinatários -- servem de compensação para nossas abdições. É como se disséssemos: já que os endinheirados comemoram o sepultamento da idéia de uma alternativa nacional pela agremiação política que supostamente a representava, já que a nação continua indiferente à cooptação das forças capazes de contestar as opções retrógradas do atual governo, já que a mensagem do Brasil para a humanidade ficou reduzida a usar lamentações a respeito das injustiças da globalização para tentar arrancar pequenas vantagens para nossos exportadores, já que a Alca, embora encolhida, bate à porta, já que, enfim, tudo isso custa tão caro, material e moralmente, ao povo brasileiro, que tal dar soco em cara de americano? Pagando tanto para nos render, por que não pagarmos um pouco mais para usufruir o prazer momentâneo da desforra?

Mais clarividente e corajoso seria reconhecer o problema de fundo nesses episódios miúdos: a movimentação internacional dos brasileiros em particular e das pessoas em geral. Formado como país de imigração, o Brasil não se consegue imaginar como o país de emigração que hoje, por conta da estagnação econômica e da opressão social, de fato é. Algumas centenas de milhares de brasileiros já trabalham ilegalmente nos Estados Unidos. Centenas de brasileiros correm nas caladas da noite na fronteira do México com o Texas, tentando escapar da falta de oportunidade e da falta de respeito no Brasil. Enquanto isso, nossos orfanatos continuam abarrotados de crianças (muitas abandonadas pelos pais) que os brasileiros não adotamos nem deixamos estrangeiros adotar. Preferimos aprisioná-las e escondê-las de nós mesmos a permitir que estrangeiros façam por elas o que não fazemos.

Essa problemática nos remete a tema vital para a humanidade. Nenhuma reforma da ordem global surtiria maior efeito igualizador e daria contribuição maior ao despontar de consciência humana universal do que o

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

fortalecimento gradativo do direito das pessoas de se movimentarem pelo mundo e de trabalharem onde quiserem. Nossos interesses materiais e morais mais profundos estão empenhados nessa causa. O Brasil deve estar à frente dela, aproveitando as oportunidades que os fatos não cessarão de produzir. Uma destas resulta da transformação dos Estados Unidos pelos fluxos migratórios, refletida na proposta do governo americano de facultar licenças temporárias de trabalho aos imigrantes ilegais.

Para reorientar o debate nacional nessa direção e enfrentar essas realidades, não basta brigar na esquina. É preciso ter grandeza -- ou querê-la.

### Dois países

Havia no século 19 dois países cujas histórias tinham sido semelhantes. Essas duas nações, entretanto, divergiram.

Chamemos uma delas de proto-neoliberal; logo ficará clara a justificativa da alcunha. Nesse país as elites do poder, do dinheiro e da cultura acreditavam que o progresso exigia convergência com as instituições e as práticas das nações mais adiantadas. A técnica para atrasado avançar era -- supunham -- imitar o que dera certo em países ricos e poderosos. Daí a veneração com que recebiam as fórmulas que emanavam da potência predominante daquela época, a Grã-Bretanha, desde que sua execução não lhes exigisse o sacrifício de seus interesses. Abraçavam o livre comércio absoluto. A tarefa do Estado era resguardar o direito de propriedade, abrir estradas e, se sobrasse receita, prover a instrução pública. Democracia só lenta, gradual e segura: para não despertar expectativas populares incapazes de serem satisfeitas nem substituir estadistas por demagogos. Vigia uma política de salão.

O outro país era muito mais, digamos, "nasserista". Nele os quadros dirigentes e os ideólogos mais influentes partiam do pressuposto de que nenhuma instituição ou prática estabelecida alhures podia prestar. Se prestasse teria sido inventada alí mesmo, não no estrangeiro. Queriam começar tudo de novo. A associação de qualquer proposta econômica ou política com a Grã-Bretanha bastava para suscitar a suspeita de ser ela

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

instrumento de subjugação. Adotavam protecionismo radical com o mesmo fervor com que o país proto-neoliberal seguia a cartilha do livre comércio. Em suas décadas iniciais de vida independente esse país foi governado por grupos que insistiam em mobilizar, em marcha forçada, por meio de alianças entre o poder público e a iniciativa privada, os recursos nacionais para o desenvolvimento. A política -- cheia de briga e balbúrdia -- misturava elitismo com populismo. Apesar da concentração da riqueza, os populistas conseguiram democratizar a agricultura e as finanças; aboliram os grandes bancos.

O país proto-neoliberal era o Brasil; o país “proto nasserista”, os Estados Unidos. Não há na história moderna duas nações enormes com origens tão parecidas como essas duas, fundadas no hemisfério ocidental sobre a base de povoamento europeu e de escravidão africana. De todas as divergências de rumo e de destino entre as duas, a mais importante é o contraste de atitude que minha fábula descreve.

A lição a depreender não é que devemos copiar a letra do que fizeram os americanos no século 19; cada tempo com suas tarefas e com seus meios para cumprí-las. A lição é que na história dos povos a obediência -- sobretudo a obediência intelectual -- não compensa. É ser tigre ou ser tapete. Para ser tigre, não basta rugir e mostrar garras; é preciso ter certa idéia de si. Há mais de vinte anos -- vinte anos de estagnação e desencanto -- prevalece no Brasil o discurso do "dever de casa", o catecismo do aluno passivo e submisso. Regredimos às abdições do século 19.

Cada terça-feira, neste espaço, proponho. Que futuro podem ter tais propostas se não houver entre nós levante de espíritos? Perseveremos, até que a indignação, a esperança e a clareza se encontrem.

### Três vezes acorrentado

A pseudo-ortodoxia que se convencionou chamar de neoliberalismo - o projeto de dar tudo pela confiança financeira na política macroeconômica, de insistir em reformas microeconômicas que nos façam mais parecidos com os países ricos e de aliviar a pobreza por meio de medidas compensatórias dirigidas só a pobres -- malogrou espectacularmente na região do mundo onde mais se aplicou. A América

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Latina virou campo de devastação. Por que então lhe tem sido tão difícil mudar de rumo? É por conta do efeito combinado de três constrangimentos. Para não repetir no futuro o desastre que se abate sobre o governo do PT, temos de compreendê-los e de enfrentá-los.

O primeiro constrangimento é a disciplina do capital. Trata-se de equivalente funcional ao padrão-ouro do século 19: faz com que o nível de atividade dependa do nível de confiança. Baixa poupança privada e pública; vínculo tênue entre poupança e produção; endividamento produzido por farra fiscal e agravado por extorsão financeira; liberação para as idas e vindas do dinheiro -- tudo converge para tornar governos nacionais reféns dos rentistas e dos bancos. Em vez de ser vista como problema, essa dependência passa a ser encarada como solução, porque impede os governos de embarcar em supostas aventuras populistas. O resultado é subordinar os interesses da economia real às exigências do capital financeiro. A maneira de romper esse constrangimento é exigir poupança compulsória progressivamente proporcional à renda de cada indivíduo, multiplicar meios de mobilizar poupança de longo prazo para investimento de longo prazo, promover renegociação ordenada da dívida pública e impor os controles cambiais que forem necessários para resguardar nossas reservas.

O segundo constrangimento é a confederação de privilégios que deixa o Estado à mercê de interesses privados e nega ao país o instrumento de transformação de que precisa. Só institucionalização de democracia de alta energia quebra esse constrangimento. Isso começa em enfraquecimento da influência eleitoral do dinheiro privado, em fortalecimento dos partidos políticos, em desfazimento dos oligopólios de mídia e em responsabilização dos governantes por organizações da sociedade civil, atuando em conjunto com procuradores e juízes.

O terceiro constrangimento -- e o mais forte -- são as ilusões da época. Nossa intelectualidade sintetizou, numa contemplação fatalista da "correlação de forças" no país e no mundo, o que sobrou do marxismo com o que aproveitou das ciências sociais americanas. Com isso, deu prestígio -- já que não pôde dar clarividência -- ao conformismo dos quadros dirigentes. O espírito que preside é o de Vichy: o fatalismo teórico justifica as atitudes neocoloniais que alimentam o ideário dominante em nossa vida pública. Supera-se esse constrangimento travando guerra dentro de cada ciência social e de cada profissão para ampliar a imaginação do possível,

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

aprofundando o entendimento da realidade.

Da maneira de superar esses constrangimentos depende o futuro do Brasil. Somente força -- intelectual, moral e política -- que os combata como três expressões do mesmo mal terá como lutar pelo poder em nome do grande projeto de democratização de oportunidades e de capacitação de energias que é hoje o sonho e a tarefa da nação.

### O Brasil vive

O que mais surpreende no Brasil agora é a tenacidade com que a nação conserva a idéia de sua grandeza. Dias de viagem e debate no país revelam em toda a parte resistência e vitalidade. Milhões de brasileiros constroem nova cultura de auto-ajuda e iniciativa, estudando à noite, lutando para abrir pequeno empreendimento, fundando, em meio à falta de emprego, de direito e de ordem, comunidades marcadas por relações de respeito. Milhões de mulheres, levadas ao heroísmo pelo amor, obrigadas a chefiar família, dividem-se entre trabalhar num bico e salvar os filhos. De tudo isso nasce esperança, já que a esperança é mais consequência do que causa da ação.

Nunca o país quis tanto mudar de rumo. Entristecido e contrariado, começa a reconhecer que, com esses que agora governam, não conseguirá. Muitos percebem o Presidente como homem bem intencionado, porém fraco. E reconhecem que, nos governantes, a fraqueza é uma espécie de maldade.

Saída? Essa nação operosa, desorientada e irrequieta não sabe ainda qual seja, mas confia que ela existe, e que não será feita nem de conformismo medroso nem de rupturas espectaculares, mas só do casamento da clareza com a coragem. Constato que brasileiros de todas as classes -- do grande empresário ao biscateiro -- entram com intensidade e sem preconceitos na discussão das alternativas nacionais, dispostos a passar horas a fio numa busca que supostamente só seduz elite de entendidos. É como se o país se sentisse obrigado a debater seu futuro para poder ter futuro. Fome daquilo que a clareza e a coragem podem juntos criar é o que esses brasileiros, pobres ou remediados, sofrem hoje. Votaram contra o

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

continuísmo. Votarão contra outra vez se encontrarem quem represente, com credibilidade, a causa do desenvolvimento com justiça. Não aceitarão a idéia de que a alternativa aos continuístas seja a eleição dos continuados.

Nem todos pensam e sentem assim. Uma minoria importante da classe média -- importante porque desproporcionalmente representada nos meios que formam opinião e cercam o poder -- assimilou a cultura do desencanto com a política e com os ideais de transformação. Em vez de decantar esses ideais, submetendo-os à lição penosa dos fatos, trabalha para sepultá-los. Ao deliciar-se com a desilusão, aceitou também, a despeito da experiência oposta dos outros países continentais em desenvolvimento, a idéia falsa de que a globalização nos enfaixou em camisa-de-força de que não nos podemos libertar. Não há argumentação que demova essas pessoas da prostração comodista a que se renderam. A ladainha fatalista dos desiludidos abafa a mensagem surpreendente da nação.

Nesse quadro, uma iniciativa política desassombrada pode surtir efeito sensacional. Não o surtirá, porém, sensacionalmente. A iniciativa que a circunstância exige é a confirmação, ainda antes das eleições municipais, de que o Brasil não terá de escolher em 2006 entre dois representantes do projeto que ele repudiou, e tentou substituir, em 2002. O efeito sensacional será o reencontro da energia subterrânea do país com sua vida pública. E a maneira não sensacional de se produzir, passo por passo, esse efeito sensacional correrá por conta do longo caminho e dos embates incontáveis que temos todos nós, os inconformados, pela frente.

### Espertos e "gozosos"

Nem tudo num país se resume a políticas, práticas e instituições. Também contam os temperamentos, as formas de consciência, as maneiras de ser.

Por que nos temos mostrado os brasileiros atraídos, até na escolha de nossos Presidentes recentes, por uma espécie de personalidade que, em outras nações, costuma ser vista com desconfiança e considerada imprópria para o desempenho de grandes tarefas? O tipo a que me refiro reúne duas séries de traços.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Em primeiro lugar, é antes de tudo um sobrevivente. Ambicioso e esperto, aprendeu a subir na vida, manobrando as fraquezas dos outros. Tem olho de águia para as fontes de facilidades e de oportunidades; como dizem os americanos, sabe qual lado da torrada está amanteigado. Abstrações e aspirações não lhe parecem pesar em comparação com as forças tangíveis do poder, do dinheiro e dos compadrios. Assemelha-se nisso aos malandros que protagonizam os romances europeus picarescos dos séculos 17 e 18. Embora ele se julgue um desiludido, de olhos abertos, tem algo de atávico.

Em segundo lugar, mestre em relações pessoais, prima pelo pseudo-intimismo, insinuando intimidades sem ter de aturá-las. Desacreditando na autonomia do espaço público, transporta para ele os modos e as metáforas da vida de família e dos círculos de amigos e de cupinchas. Isso empresta a seus atos calor e brilho paradoxais, já que a vida familiar e comunitária continua quase sempre a ser o imã de nosso fascínio e o consolo de nossa tristeza.

As duas séries de características juntam-se no deleite irresistível que esse anti-herói encontra nos requintes materiais mais vulgares. A natureza desse personagem é "gozosa".

Pode ter nascido pobre, mal contendo o grito do arrivista diante do botim: "cheguei". Ou pode ser sofisticado e cosmopolita, nascido na classe média. Mesmo nesse caso, porém, parecerá um "penetra" ao tratar com endinheirados, como se se sentisse inseguro na festa ou temesse perder a qualquer momento o condão de agradar os poucos embromando os muitos.

De onde vem o êxito calamitoso dessa figura em nosso meio? De uma travessia perturbada ou interrompida. A fórmula tradicional de uma sociedade como a nossa, forjada na escravidão e suavizada pela família, era a mistura, nas mesmas relações sociais, de troca, prepotência, e lealdade -- a sentimentalização das trocas desiguais. O Brasil rejeitou isso. Está sacudido por nova cultura popular de iniciativa e de auto-ajuda. Mas não conseguiu ainda institucionalizar a democratização das oportunidades nem consolidar o espírito e a prática republicanos. Nesse meio-mundo crepuscular e contraditório, esse tipo encontra vez.

Se há muito que nos torna vulneráveis às seduções desse aventureiro falante e charmoso, que tão habilmente exprime e explora um lado de nossa

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

situação, também temos recursos com que enquadrá-lo. Uma bifurcação inibidora tem prevalecido no pensamento brasileiro: registro de forças estruturais tidas por inexoráveis na vida prática, celebração eufórica ou sentimental de formas de consciência e de cultura. Nenhum dos dois lados desse binômio presta. Nenhum dos dois ajuda a terminar o reinado dos experts e "gozosos". Para compreender nossa realidade, precisamos imaginar as condições de sua transformação. Para mudar o Brasil, precisamos de coragem, iluminada por imaginação.

### Eleição é sobre o futuro

O assunto de qualquer eleição é o futuro, não o passado. É o que deve ser e, mesmo nas democracias mais falhas e nas sociedades mais desiguais, é o que é. Há duas indagações primordiais em eleição. Quais são as tarefas da próxima etapa? Quem, entre os elegíveis, pode melhor executá-las? Quando, como ocorre no Brasil, os partidos são frágeis, a televisão mais importante vive mancomunada com o poder, a comunicação eleitoral se faz com truques milionários e quase todas as correntes adotam o mesmo discurso açucarado e mentiroso de centro-esquerda, uma neblina encobre a política. O eleitor fica obrigado a exercer sua intuição para penetrá-la.

O passado, de cada candidato, de cada partido, ou de cada experiência nacional ou local, conta, porém só como indício, entre outros, do que possa acontecer no futuro. Um governante pode ser bem avaliado, ou até melhorar de avaliação, e ser contudo destituído sem cerimônia pelo eleitorado na próxima eleição. Basta que a maioria julgue que as tarefas do momento seguinte sejam outras e que haja outro melhor para executá-las. Assim fizeram os britânicos quando despediram Churchill logo depois de haver ele concluído vitoriosamente e com brilho ímpar uma guerra que pusera tudo em risco.

Errado supor que casos como esse sejam excepcionais; são manifestações dramáticas de regra geral. A política eleitoral das democracias não é rodada de cerimônias para distribuir prêmios aos que mostraram melhor desempenho; é luta a respeito do futuro. Disse Suetônio que a ingratidão para com seus grandes homens é marca dos povos fortes. A ingratidão para com os governantes, grandes ou pequenos, é marca das

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

democracias, ainda que relativas.

Tudo isso ajuda a entender as eleições municipais de 2004 e sobretudo a sucessão presidencial de 2006. As baixas expectativas do eleitorado, que parece conformado com o atual governo como mal menor, os acertos pecuniários entre os detentores do poder e os detentores do dinheiro, a frágil e estreita recuperação da economia, a desmoralização deliberada da idéia de alternativa nacional que reconcilie desenvolvimento com justiça e a cooptação de muitos dos partidos e das personalidades que poderiam representar a alternativa transformadora convencem muitos que está assegurada a reeleição do presidente.

Não está. Há imensa frustração no país. Oportunidade e direito são as duas grandes reivindicações -- entrelaçadas -- da nação. Oportunidade, de emprego, empreendimento e ensino, para dar vez aos esforçados. Direito para conter e mudar o ambiente de favoritismo, de conluio e de vale-tudo que corrompe nossa vida nacional. Todo o mundo sabe que é difícil construir força e candidatura que respondam a essas reivindicações. Nenhuma das duas grandes coalizões que dominam hoje nossa política tem credibilidade para fazê-lo. A independência, tanto da mídia quanto dos partidos, está comprometida. E é difícil, para pessoas ou para mensagens, se tornarem conhecidas em todo o Brasil.

A outra metade da história, porém, é que o país, aparentemente resignado a seu destino, quer outro destino. Quer muito. Quer tanto que está à busca de quem o ajude a sair desse. Não lhe tem faltado audácia. Que não lhe faltem audaciosos.

### Social-democracia

O discurso político dominante no Brasil hoje é o da social-democracia européia. Na Europa, porém, fica cada vez mais patente a insuficiência da fórmula social-democrata para lidar com os problemas atuais. Mais razão para concluir que está errado o subtexto da política brasileira. O que definiu a formação da social-democracia no curso do século vinte foi o abandono da tentativa de reorganizar o Estado e o mercado em favor da adoção de políticas de redistribuição econômica e proteção social. Políticas que humanizariam as instituições que os social-

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

democratas deixaram de contestar.

Começa-se a compreender que essa troca de passividade institucional por compensação social não funciona. E que, mesmo quando funciona, não basta. Se não funciona ou não basta para os europeus, muito menos pode funcionar ou bastar para nós, dadas as vastas desigualdades em que estamos afundados. Os europeus têm de reorganizar a economia e a política. Nós também, mas com maior urgência.

Em todas as social-democracias européias, a base social de acesso aos setores avançados da produção e do ensino se estreitou a tal ponto que só pequena minoria consegue ascender a eles. As maiorias, ainda quando protegidas contra a insegurança econômica, estão condenadas a empregos rotineiros, sem futuro. Um dos corolários é o ônus insustentável que se impõe às finanças públicas, obrigadas a atenuar as consequências de desigualdades estruturais avassaladoras. Seria preciso construir novo repertório de formas de colaboração entre os governos e a iniciativa privada para ampliar o acesso aos setores de vanguarda. E para difundir as práticas econômicas vanguardistas, marcadas por experimentalismo radical e inovação permanente.

Em todas as social-democracias européias, os vínculos entre os indivíduos se enfraquecem. As pessoas pertencem a quatro mundos que não se conhecem: o das empresas e das escolas mais adiantadas, o das antigas indústrias e dos pequenos empreendimentos tradicionais, o dos serviços que cuidam dos jovens e inválidos e o dos trabalhadores desempregados ou temporários, muitos deles estrangeiros sem direito e sem respeito. O compromisso social se reduz à obrigação de contribuir, por meio de impostos elevados, ao financiamento dos direitos sociais, como se transferências de dinheiro bastassem para assegurar coesão social. Para assegurá-la, todo adulto capaz, além de trabalhar no sistema produtivo, haveria de desempenhar tarefa social, ajudando a cuidar de quem não possa cuidar de si. Os mundos distanciados teriam de encontrar-se.

Em todas as social-democracias européias, a vida se apequena. Havia grandeza na guerra, misturada com selvageria. Agora na paz há comodidade com pequenez. Grandeza sem guerra? Só com educação que forme resistentes e construtores. E com Estado que ajude os cidadãos a atuar, como empreendedores, prestadores de serviços ou voluntários, em

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

todo o mundo. A globalização de atividades e de ambições abriria horizontes e intensificaria ambições, transformando a vida nacional das sociedades mais educadas e ricas.

A social-democracia européia é um ídolo de barro. Em vez de adorá-lo, tratemos de evitar seus erros. A política social serve para capacitar os cidadãos; ela não substitui a democratização do mercado e o aprofundamento da democracia. Não precisamos de açúcar. Precisamos de reconstrução.

### Lição americana

Hoje votam os Estados Unidos. Para o Brasil, a lição mais importante do pleito americano -- seja qual fôr o resultado -- tem a ver com fé no potencial transformador da política. Muitos americanos não crêem no Estado e muitos -- desinformados e inconscientes -- não votam. A metade do país que vota acredita, porém, até com intensidade, em vida pública. Acredita porque a experiência contemporânea confirma o quanto é decisivo para a trajetória da nação o desfecho das lutas políticas.

Dois grandes projetos marcaram os últimos três quartos de século de história americana: o de Roosevelt e o de Reagan. Ambos demonstraram o poder da política para mudar o país. Ultrapassaram a rotina das pequenas composições. Definiram rumo, inicialmente descartado como extremista: não uma planilha, mas a idéia de uma direção e dos primeiros passos. Apesar de ainda contar com a simpatia de metade da nação, o Partido Democrata não consegue reanimar o projeto de Roosevelt ou substituí-lo. Em vez de oferecer proposta que atenda os anseios da maioria trabalhadora, contenta-se em defender minorias e em suavizar a diretriz dos adversários. Já os Republicanos contrabalançam a antipatia criada por seus acertos plutocráticos recorrendo a estratégia de poder apoiada em três bases: a sensação de estar o país sitiado por mundo sobre o qual projeta seu poder, os ressentimentos contra o "liberalismo" dos Democratas em matéria de vida familiar e a desconfiança na eficácia do ativismo social e econômico dos governos.

Diferente é o que acontece em países europeus como a França e a

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Alemanha. Os governos social-democratas aderiram ao mesmo formulário neoliberal dos conservadores. No máximo, tentaram preservar, como última linha de defesa do modelo europeu, os direitos sociais. Nada -- nem mesmo os mercados financeiros -- os obrigou a essa rendição; simplesmente não vislumbraram alternativa. Falta de clareza ajudou a gerar excesso de medo. Não se entregou a esse ideário, porém, o eleitorado. Inconformado com a rendição dos governos, passou a repudiar todos eles. Desilusão com os governos favoreceu descrença na política. E deu vida à anti-política dos nacionalistas de direita.

E o Brasil? Reproduz-se em facção influente da classe média a descrença européia na política. O discurso que difunde esse derrotismo é uma fantasia pseudorealista. Lê-se nas linhas e nas entrelinhas de nossos jornais: os políticos são todos iguais; a idéia de projeto nacional é resquício romântico e salvacionista; conformemo-nos em cobrar modestas decências e eficiências. Não é a natureza eterna da política que empresta plausibilidade a essa mentira venenosa e servil: é a constatação circunstancial de que os que representariam a alternativa se renderam ao ideário de seus oponentes. E tanto é assim que ninguém no Brasil em 1889, 1930, 1945 ou 1964 se teria deixado enganar por essa cantiga de adormecer.

A solução é uma só: demarcar caminhos e lutar por eles. Temos de fazer, a nosso modo, o que fizeram os Estados Unidos em seus dois séculos de ascensão à primazia mundial: levantar escudo econômico, político e militar que proteja nossa insubordinação e nosso experimentalismo; acreditar na democratização de oportunidades como o grande motor do avanço nacional e ousar sermos diferentes para poder sermos nós mesmos. Para isso, é preciso reconhecer que política é destino: o destino que nos damos.

## Furtado e futuro

A melhor homenagem que se pode prestar a Celso Furtado é descrever a obra que nós, os sobreviventes, temos pela frente na reconstrução do pensamento brasileiro. Cada um dos elementos dessa

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

missão reconstrutora -- seus imperativos e seus paradoxos, suas luzes e suas sombras -- estão prefigurados nas idéias e na ação desse grande homem.

A preliminar é identificação com o Brasil. Na maioria dos países modernos a idéia da nação foi mais projeto dos quadros dirigentes do que iniciativa das massas. No Brasil -- que, segundo me advertiu Celso Furtado, surgiu menos como nação do que como acampamento -- inverteu-se essa tendência. As elites brasileiras pouco se identificaram com a nação; preferiram imitar seletivamente e obedecer sem rebuços os poderes da época. Foi a gente comum do Brasil que começou a se identificar com a idéia da nação e com o uso do poder do Estado para construí-la. A classe média -- o pivô do sistema -- costumou balancear entre dizer sim e dizer não a uma visão do Brasil. Quem quis dizer sim sempre teve de procurar como pensar o país dentro do mundo e o mundo a partir do país. E sempre se debateu com a insuficiência das idéias disponíveis.

A tentação dos que não se querem render aos rendidos tem sido apelar para um "caminho brasileiro", a ser demarcado por ideário nativista. A verdade, porém, é que não se resiste às idéias que irradiam das potências dominantes de uma época sem ter idéias pelos menos tão gerais e profundas quanto elas; só uma heresia universalizante se contrapõe com eficácia a uma ortodoxia universal. Haja ânimo em país como o nosso, sem os instrumentos de uma universidade consolidada, para estudar e repensar o mundo e para brigar com as concepções reinantes no pensamento político, econômico e social dos países que nos acostumamos a seguir. Não há, entretanto, alternativa. O trabalho é esse.

Há três descaminhos a evitar em sua execução. O primeiro descaminho é sentimentalizar nossas especificades culturais, usando-as para encobrir as realidades cruas de nossa sociedade. O segundo é mobilizar planilhas salvacionistas, quase sempre importadas, a serem impostas ao país por suposta vanguarda. A terceira é refugiar-nos em determinismos que expliquem por que as coisas têm de ser como são: os velhos determinismos Marxistas ou os novos determinismos das ciências sociais tal qual cultivadas nos Estados Unidos. A história do pensamento brasileiro é a história desses três descaminhos e da tentativa frustrada de superá-los. Não se escapa deles sem guerra de idéias, conduzida sem esmorecimento em todas as frentes ao mesmo tempo. Não se escapa deles sem maneira de pensar que aprofunde o entendimento da realidade

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

ampliando a imaginação do possível.

Antecipo a perplexidade dos poucos leitores dessas linhas. A eles parecerei eu como jogador de cartas que, ao perder cada rodada do jogo, supõe melhorar sua chance de ganhar a rodada seguinte aumentando sua aposta com cacife feito só de notas promissórias por ele mesmo assinadas. Minha defesa é que as tarefas não se apresentam na medida de nossas conveniências e capacidades. Somos nós que temos de nos exceder, de nos sacudir, de nos reinventar, até conseguirmos estar à altura delas.

### Brasil universal

Mesmo em alguns brasileiros que sempre tiveram fé na vitalidade e na originalidade do Brasil, detecto cansaço e desânimo. Antes pensavam que o Brasil poderia trazer luz e alento à humanidade. Agora, de tanto ver promessas de mudança convertidas em atos de rendição, dão por excessiva aquela esperança. Um pouco mais de decência e de competência, de cumprimento das leis e de respeito pelos talentos, já lhes parece o mínimo e o máximo a que podemos aspirar.

Nesse ambiente de desencanto é preciso reafirmar as razões que inspiram a esperança perdida e desautorizam as desilusões do momento. Estavam certos antes: não há país cujo soerguimento tenha mais potencial para descortinar alternativas de interesse universal.

Em primeiro lugar, não conseguiremos consertar o Brasil sem contribuirmos para a solução de problemas compartilhados por muitas outras nações. Nossa tarefa é multiplicar depressa oportunidades e capacitações. Há energia de sobra no Brasil; o que faltam são meios para aproveitá-la. Não podemos mais avançar só na base do trabalho barato e dos recursos naturais. Ainda não podemos progredir na base da alta tecnologia e do conhecimento aprofundado. A solução é descartar preconceitos ideológicos. E usar os poderes do Estado para potencializar a auto-ajuda individual e a iniciativa privada. Onde o mercado não faz ou não funciona, não convém aguardá-lo, nem suprimi-lo em favor de planilhas impostas de cima para baixo. Cabe criar, por iniciativa pública, fontes supletivas de crédito, de tecnologia e de conhecimento, observando princípios de autonomia decisória, concorrência e responsabilidade --

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

princípios que valem tanto para a organização do ensino quanto para a organização do crédito. Mostrar na prática como se faz isso é mostrar algo que se procura agora em todo o mundo.

Em segundo lugar, não democratizaremos oportunidades dentro do Brasil sem luta, ao lado dos aliados que cultivarmos, por reforma da ordem econômica mundial. Impedir que a promoção do livre comércio sirva de pretexto para impor uma única versão do seja economia de mercado. Eleger, como base de abertura econômica mundial sustentável e fecunda, o compromisso de organizar a convivência entre trajetórias diferentes de desenvolvimento. Fazer com que capital e trabalho ganhem juntos, em pequenos passos, o direito de correr mundo, em vez de negar ao trabalho qualquer parcela da liberdade que se dá ao capital. E ancorar essas iniciativas econômicas em entendimentos políticos entre as potências médias que ajudem a conter e a transformar a hegemonia dos Estados Unidos. O destino de nosso desenvolvimento nacional é indissociável de reforma desse tipo. E só com ela se completa.

Em terceiro lugar, a problemática central de nossa cultura é a mesma que hoje agita obscuramente o coração humano em toda a parte. Temos o fascínio da pujança -- de fartura, fertilidade, grandeza, audácia, arrebatamento. E o culto da ternura -- da misteriosa doçura que, irradiando da vida familiar, define, no meio de nossas crueldades, injustiças e violências, o outro lado de nosso espírito. A reconciliação da pujança com a ternura passa pela reorganização do Brasil. E faz dessa reorganização um experimento nacional que importa a toda a humanidade.

### O malogro do antiexperimentalismo

"Os experimentalismos fracassaram no Brasil." Essa proposição do Ministro da Fazenda exprime o ponto de vista dos que estão dirigindo o Brasil. Seria injusto atribuir a visão que ela sintetiza apenas ao governo Lula. É, pelo contrário, entendimento que contagia as elites do poder, do dinheiro e até mesmo do pensamento no Brasil. Não engradeceremos o Brasil nem libertaremos os brasileiros sem combatê-la, derrotá-la e substituí-la.

Seria difícil formular idéia mais desmentida pelos fatos do que essa

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

que nossos governantes abraçam. Distinguamos entre grandes e pequenos experimentalismos. O que possuímos de produção industrial e de independência econômica se deve ao último grande experimentalismo praticado entre nós: a resposta arrojada que a nação deu à crise mundial que foi do colapso de 1930 até as sequelas da Segunda Guerra. Produto de impulso experimentalista, o modelo construído naqueles anos acabou padecendo dos constrangimentos custosos que ele impôs a novas experiências.

Desde então só praticamos experimentalismos miúdos, destinados a manejar desarranjos da moeda e das finanças públicas. Alguns, como o confisco da poupança sob Collor, deram errado. Outros, como o Plano Real -- engenhoso na maneira de dismantelar a inflação -- não só deram certo como também construíram as bases do poder político anti-experimentalista que se consolidou no período subsequente de governo PSDB-PT.

Se o experimentalismo não tivesse sido em nossa vida nacional a condição de qualquer avanço, grande ou pequeno, o Brasil representaria misteriosa exceção a regra universal. Por exemplo, a potência hoje predominante, os Estados Unidos, distinguiu-se, durante todo o período de sua ascensão, pela insistência em adotar práticas e instituições originais, antagônicas às doutrinas que emanavam da Grã-Bretanha. E a China -- o país em desenvolvimento que mais tem crescido em décadas recentes -- é também o mais fértil em inovações institucionais no campo econômico. Falta de imaginação não dá futuro.

Como explicar a influência do anti-experimentalismo sobre nossos quadros dirigentes, mesmo sobre os que se pretendem socialmente progressistas? Entre as causas, duas parecem desempenhar papel preponderante. A primeira causa é a fragilidade de nossa vida universitária. No Brasil uma mistura de fatalismos oriundos do pós-marxismo e das ciências sociais americanas deixou a intelectualidade desorientada e abriu vazio que os apóstolos da obediência e da imitação preencheram. A segunda causa é a falta de força política que saiba construir projeto nacional rebelde sobre base social emergente: a massa de trabalhadores que, fiados em auto-ajuda e em iniciativa, quer emprego qualificado ou pequeno empreendimento em vez de esmola. Aliança fundada nos interesses do trabalho e da produção tem de tomar o lugar da aliança de rentistas e de desesperados que forma a base do poder hoje.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

O Brasil continua a ser caldeirão de energia desperdiçada. Não merece ser dirigido por gente que propõe levar o país diretamente da infância à senilidade. Não merece e não precisa.

### Novo consenso alternativo

Algo de surpreendente ocorre, ao mesmo tempo, nas universidades do primeiro mundo e em muitas das capitais dos principais países em desenvolvimento. Até agora prevaleceu, entre os próprios opositores do "consenso de Washington", o ideário neoliberal, a impressão de não haver alternativa clara e abrangente. O único caminho viável para os países que quisessem resistir seria juntar pedaços da suposta ortodoxia com inovações inspiradas pelas circunstâncias de cada nação. Numa luta desigual, heresias locais enfrentariam ortodoxia universal. Pela primeira vez, impõe-se a convicção de que existe outro rumo, sim, e que seus componentes não se reduzem a amontoado de adaptações locais.

O primeiro elemento desse caminho diferente é a constatação de que há de fato muito a ganhar com virada em direção à economia de mercado. Só que não é o mercado como se entende no neoliberalismo, a cópia das instituições econômicas estabelecidas nos países ricos. É o mercado no sentido amplo, o de descentralização do acesso às oportunidades e aos recursos da produção. Cresce mais e melhor quem dá mais vez à energia e à ambição de mais gente, sem impor privilégios ou planilha.

O segundo aspecto dessa estratégia é ser audacioso na maneira de dar realidade ao mercado, inovando em instituições e em práticas. É preciso combinar ativismo governamental, destinado a contrabalançar as inibições resultantes do atraso, com radicalização da concorrência: excitação do espírito empreendedor tem de conviver com mecanismo competitivo de seleção. É preciso dar primazia aos interesses da produção e do trabalho: enfoque em qualificação do trabalhador, em desenvolvimento ou transferência de tecnologia e em barateamento do custo do capital. É preciso garantir, por políticas salariais, creditícias e tecnológicas, que os benefícios dos ganhos de produtividade, alcançados em setores mais avançados da economia, difundam-se por toda a economia: base para mercado de consumo em massa.

A terceira parte dessa trajetória é assegurar as condições para

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

participar ativamente da economia mundial em termos compatíveis com essas orientações nacionais em vez de entender passivamente globalização como rendição. Um requisito -- defensivo -- é tratar com cautela os movimentos do dinheiro, não hesitando em lançar mão, quando conveniente, de controles seletivos e temporários. Outra exigência -- afirmativa -- é ampliar o leque de maneiras de canalizar poupança de longo prazo para investimento de longo prazo. Nenhum país enriquece com o dinheiro dos outros se não souber, antes, mobilizar seus próprios recursos.

Não descrevo minhas idéias; apenas resumo o consenso alternativo que emerge, mundo afora, em centros de pensamento e em centros de poder. Tudo muito distante ainda das preocupações quotidianas dos brasileiros. Tudo a exigir desdobramento em propostas e políticas que enfrentem o que há de singular em nossas realidades. Tudo, porém, imensamente importante em país como o nosso onde os quadros dirigentes ou pensantes continuam a resistir a iniciativas que não tenham sido antes abalizadas pela experiência ou pela doutrinação estrangeiras. Que o hábito da cópia sirva agora à causa da imaginação e da rebeldia.

### Mudança silenciosa

O rumo tomado pelo governo Lula oculta uma mudança profunda nas perspectivas do Brasil. Essa mudança resulta da convergência de dois processos distintos. O primeiro processo é o sinal dado pelo eleitorado na eleição de 2002 de que ele quer ver o país tomar outro caminho. O segundo processo é a remoção, gradual e progressiva, dos obstáculos econômicos e ideológicos que a situação mundial impunha à mudança pretendida pelo eleitorado. Só uma alternativa programática e política forte -- inteiramente diferente das que vêm sendo oferecidas à nação -- poderá dar efeito prático ao encontro desses dois processos.

Em 2002 os eleitores pretenderam dar novo rumo ao país: desenvolvimento com justiça, o produtivo de mãos dadas com o social. Os interesses financeiros deveriam ser enquadrados e a primazia passar a caber aos interesses do trabalho e da produção. Todos os candidatos principais à Presidência, inclusive o oficial, tiveram que apresentar-se como agentes da

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

transformação desejada.

Deu, porém, no que deu: em vez de servir de preliminar à reorientação, a luta para conter as fragilidades econômicas legadas pelo governo anterior serviu para radicalizar o projeto daquele governo. A única agenda de reforma institucional adotada pelo novo governo foi a agenda dos credores. Os brasileiros não mudaram de objetivo. Não sabem, contudo, como alcançá-lo: por meio de que instrumentos econômicos e com quais agentes políticos. O Presidente, usando seus improvisos para apresentar-se toda a noite no noticiário como bonachão chistoso e entendedor dos sofrimentos do pobre, continua muito popular. A exata medida de sua situação real, entretanto, é dada pela conjugação de duas frases. Uma é um provérbio turco: "Quando o machado entrou na floresta as árvores disseram -- O cabo desse machado é um de nós". A outra é o comentário de um grande banqueiro brasileiro: "Os ex-escravos dão os melhores capatazes". Nada como a pedagogia dos fatos e o aparecimento das alternativas surpreendentes para solapar uma popularidade dessas.

Não bastaria a manifestação mudancista do eleitorado se ela não estivesse sendo acompanhada pela derrubada dos obstáculos internacionais a uma mudança de rumo. Alguns aspectos dessa derrubada são lentos e fortes: a demonstração pela China e pela Índia de que não é preciso para crescer aceitar a seudo-ortodoxia econômica que nossos governos abraçaram e a desmoralização dessa seudo-ortodoxia nos centros de pensamento do Atlântico norte, em favor de idéias contrastantes. Outros aspectos são pontuais e dramáticos: é o caso das lições da rebeldia Argentina -- carente de estratégia positiva, mas, assim mesmo, superior à anti-estratégia da rendição nacional.

Quando em 2002 o povo brasileiro deu seu sinal de querer mudança, não se via com clareza a ocasião para fazer o que ele queria. Agora se vê. A vontade encontrou-se com a oportunidade. Agora só faltam clareza programática e instrumento político. Não menosprezo o quanto de esforço quase insano, de despreendimento, de coragem, de imaginação e de amor se contêm nesse "só faltam". Antecipo sem ilusões o jogo bruto que se fará para negar opção ao povo brasileiro e para desmerecer qualquer proposta, por mais modesta e fundamentada que seja, como aventura e desvario. Subestima o Brasil, porém, quem suponha que a luta acabará com essas trapaças previsíveis. Apenas começará.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### Da inconformidade à esperança

De onde vem a vontade para entrar em lutas desiguais e para resistir a forças avassaladoras? Como é que a descrença, a desilusão, o desencanto e o casanço que se vão acumulando por conta de reveses repetidos e de frustrações constantes cedem lugar à esperança e à vitalidade? De que maneira ocorre, de vez em quando na experiência de uma nação, que a política -- longamente abandonada pelos melhores como deserto de idéias e de virtudes -- de repente vira cenário de iniciativas surpreendentes e libertadoras? Precisa haver um trauma que sucuda as bases da vida de um povo ou de uma pessoa para que a mediocridade moral ceda lugar à aflição e para que a aflição estimule o engajamento e a reviravolta? Ou podem a imaginação e a inspiração dispensar a necessidade de trauma, fazendo o trabalho da crise sem que tenha de ocorrer crise?

São indagações que podem parecer inconsequentes. Têm, entretanto, tudo a ver com esse momento em nossa história. Duas emoções hoje lutam dentro do espírito do brasileiro: resignar-se ou inconformar-se. Da resignação, travestida de realismo, resultam as baixas expectativas que beneficiam o governo atual. Baixa expectativa facilmente se confunde com apoio, quando na verdade produz aceitação apenas condicional: concedida só até aparecer opção melhor. Da inconformidade, constantemente reavivada pelos absurdos, pelas injustiças e pelas crueldades da vida cotidiana no Brasil, nasce indignação surda e oculta. Ela costuma perder-se em sentimento de impotência.

Não é preciso milagre para que o espírito de inconformidade, mantido em sombra e silêncio, se liberte da convicção da inutilidade de resistir e passe a comandar os fatos. Só é preciso que apareça um movimento que reúna alguns atributos essenciais. Deve ser formado por homens e mulheres que credenciem o ardor com o despreendimento. Não precisam ser santos ou heróis; basta que se respeitem e que se sintam possuídos pelo compromisso com uma tarefa. Deve desenvolver prática organizadora e esclarecedora, dentro e fora de partidos políticos, construindo a convergência dos inconformados que falta ao Brasil. Deve aproveitar o imenso potencial das novas tecnologias de comunicação. E

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

deve apresentar idéia do rumo que se propõe ao país e dos próximos passos a tomar em direção a ela: medidas singelas, capazes de serem executadas com os instrumentos à mão, que nos permitam avançar na direção de assegurar primazia aos interesses do trabalho e da produção. E que ancorem, na democratização das oportunidades econômicas e educativas, a força motriz de novo ciclo de desenvolvimento brasileiro. Tudo apresentado em linguagem que seja ao mesmo tempo prática e profética.

Os brasileiros não buscam aventura. O que querem é alternativa -- concebida com audácia, sem homenagear fórmulas ideológicas, e com realismo, à luz das limitações mas também das oportunidades do Brasil de hoje: caldeirão de energia desperdiçada. Ao primeiro sinal de estar surgindo movimento com essas características e de estar ele penetrando as brechas na muralha do sistema partidário e mediático, muitos começarão a prestar atenção. Em poucos meses, com as armas pacíficas da organização, da persuasão e do voto, põe-se a muralha abaixo.

### Para não merecer apedrejamento

Suponha que você fosse cidadão de um país com imenso potencial: vasto em extensão e dotado de recursos biológicos sem par. Suponha que esse país fosse um dos mais desiguais da história. Suponha que apesar das injustiças que maculassem quase tudo nessa nação, ela fervilhasse de energia. E que nela houvesse despontado, no meio popular, nova cultura de auto-ajuda e de iniciativa, transformando silenciosamente as consciências de milhões de pessoas.

Suponha que o contraste entre o vigor frustrado do país e a mediocridade humilhante de sua vida pública houvesse minado a confiança de seus compatriotas em sua capacidade de desbravar caminhos não antes referendados pela experiência de outras nações mais exitosas. Suponha que, a despeito dessa insegurança moral enervante, a população oscilasse entre a resignação e o inconformismo, entre a descrença no poder transformador da política e a vontade de encontrar saída de qualquer jeito. Suponha que, nessa busca de saída, os eleitores tivessem repetidamente demonstrado pouco preconceito e muita audácia.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Suponha que entre os partidos políticos que resistissem, um houvesse ganho predominância sobre os outros, atraindo muitos dos melhores quadros do país e prometendo justiça para quem trabalha e produz, justiça para o jovem, a mulher, o negro. Suponha, entretanto, que, depois de campanha emocionante, o Presidente eleito por esse partido se houvesse dado por impedido, pelo acúmulo de constrangimentos práticos, de promover qualquer uma das mudanças que prometera. Suponha que, em vez de lutar por essas mudanças, ele tivesse assumido como sua a agenda de reformas -- antagônicas aos interesses do trabalho e da produção -- das forças que ele antes dizia combater. Suponha que essa rendição tivesse ocorrido no momento em que a agenda a que ele se rendera perdia credibilidade em todo o mundo. Suponha que lideranças intelectuais e religiosas vivessem, porém, a dar entrevistas, inventando desculpas para esse agachamento em vez de denunciá-lo como produto da mistura da confusão com a covardia.

Suponha que, não conseguindo esconder seu deleite com a bajulação que lhe dirigiam, aliviados, os interesses do dinheiro vadio e não percebendo o desdém mal-disfarçado que a acompanhava, o Presidente rendido procurasse dourar a pílula com falas chistosas e chorosas e com gestos de caridade vazios. Suponha que o esforço para açucarar amargura coexistisse com o achacamento sistemático dos maiores empresários do país, dentro do próprio palácio presidencial. E com a disposição do governo para comprar políticos, para desmoralizar partidos e para deixar submissa uma mídia quase falida.

Suponha que nessa nação você houvesse nascido na elite. E que os acidentes da vida o tivessem armado com a espada do conhecimento e com o escudo da relativa invulnerabilidade. Suponha que você tivesse identificado os primeiros passos de um caminho que permitisse ao país avançar na direção que ele almejava. Suponha, entretanto, que você dissesse: não é comigo; prefiro não me expor a incômodos e a vexames para lutar, à luz do dia e no mais amplo espaço que conquistasse, contra esse estado de coisas. Sua conduta seria ignominiosa. Contra você deveriam levantar-se, nas mãos de seus concidadãos, as pedras das ruas.

### O método da reviravolta

Como se podem mobilizar os brasileiros para mudar o Brasil? Para

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

qualquer cidadão inconformado com a situação nacional essa indagação tem primazia sobre qualquer outra.

A pergunta ganha sentido especial por causa de combinação de fatos peculiar e enigmática. Há no país insatisfação que beira revolta. Esse descontentamento encontra, porém, anteparo na convicção de que a vida pública se tornou deserto de virtudes, de idéias e de capacidades. O resultado dessa descrença na política é paradoxalmente conferir aos políticos o escudo das baixas expectativas do povo: um pouco de competência, sem boa fé, ou de boa fé, sem competência, basta para tornar um governante aceitável.

A convivência da insatisfação com a resignação é instável. O que pode deestabilizá-la é novidade, de mensagens e de mensageiros, sobretudo na sucessão presidencial. Não se pode inovar em mensagens e mensageiros, contudo, sem inovar também na maneira de lutar pelo poder e portanto nos métodos com que se mobilizam as pessoas para participar nessa luta.

Há dois modelos básicos de mobilização na política das sociedades contemporâneas. Nenhum dos dois nos serve. Um modelo é o dramático: escalada de protestos de massa e de rua, como nas repúblicas pós-soviéticas, para derrubar governantes predatórios. O outro modelo é o rotineiro, como nas democracias ricas: a política como espetáculo encenado na televisão, assistido passivamente por uma população que espera pouco e teme muito.

Nosso caso é diferente desses dois. O Brasil precisa mudar de rumo. Antigamente precisava mudar de rumo para transformar o crescimento que vivia na justiça que lhe faltava. Agora precisa de mudar de rumo para transformar a justiça que ainda lhe falta no crescimento que deixou de viver. Há anos o eleitorado busca saída. Aceita o risco e o novo. As mensagens e os mensageiros desafiantes, porém, mal conseguem penetrar o bloqueio do sistema partidário e midiático.

A solução é usar os instrumentos da política rotineira -- espaços de televisão e de internet, entrevistas, palestras, negociações partidárias e recrutamento de militantes. Usá-los, porém, de maneira surpreendente para produzir resultado ainda mais surpreendente: a alternativa nacional que os desiludidos dizem ser impossível surgir. Cada intervenção dessas precisa dizer na forma tanto quanto no conteúdo, na prática tanto quanto na

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

proposta: isso aqui é diferente. Aqui não se trata de açucarar; aqui há veneno para alguns e remédio para outros.

E de todas as surpresas a produzir por esse método de usar o convencional de maneira não convencional, a mais importante é a junção de duas atitudes supostamente irreconciliáveis. De um lado, ser sóbrio, realista e moderado nas propostas, defendendo pequeno elenco de medidas singelas e viáveis, capazes de reorientar o rumo do país na direção daquilo que se lhe nega: desenvolvimento com justiça. De outro lado, ser revolucionário em sinalizar algo que parece impensável no Brasil de hoje: a possibilidade de uma oposição que o dinheiro não possa comprar e que a intimidação não possa abater.

Reunidos esses atributos nas mesmas lideranças e nas mesmas iniciativas, tudo começará a mudar no Brasil. A nação se levantará.

### A divisória

Pode uma proposta de mudança do rumo do Brasil ser prudente e factível e, no entanto, contrastar com as idéias que estão no comando do país? Pode, sim, porque as duas forças políticas dominantes -- a que governa agora e a que governava antes -- de tal forma se identificaram com o mesmo ideário e com as mesmas práticas que tornaram fácil a tarefa de marcar a diferença indispensável.

Dediquei grande parte de minha vida a formular idéias que ajudem a reimaginar e a reconstruir as instituições das sociedades contemporâneas. Não confundo, porém, a ambição de pensador com a responsabilidade de cidadão. Sei que nenhuma inovação institucional será possível no Brasil se não cumprirmos tarefa mais urgente, capaz de reunir, para cumpri-la, brasileiros de todas as classes sociais e de muitas correntes de opinião.

O governo atual continua uma política que foi eleito para substituir. É orientação que há vinte anos atrás ainda gozava de prestígio em muitas nações, mas que agora, entre os países continentais em desenvolvimento, só o Brasil pratica. Abraça estratégia de crescimento econômico que prioriza a confiança financeira, mesmo quando o resultado é estrangular nossa produção e condenar nosso país a ser a primeira vítima da próxima crise de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

liquidez na economia mundial. Adota visão do social como conjunto de políticas compensatórias dirigidas só a pobres e financiadas com as sobras de um crescimento que nunca chega ao grau necessário para financiá-las. Demonstra complacência com uma vida pública que gira em torno de trocas de influência e de favor entre os detentores do poder e os donos do dinheiro.

Diante da constatação de que esse projeto antinacional só nos trouxe mediocridade e injustiça, uns, da oposição de direita, respondem dizendo que tudo melhoraria se diminuíssemos os gastos do Estado. (Mas como, sem subordinar ainda mais as necessidades do brasileiro comum aos interesses dos credores da dívida pública?) Outros, do governo, alegam estarem com as mãos atadas. (Mas não foram eles mesmos que ataram as mãos?)

A alternativa a tudo isso começa num ponto central. Crescimento econômico e justiça social no Brasil de hoje só se efetivarão quando tiverem a mesma base: democratização de acesso a oportunidades de trabalho e de ensino. É deixando de castigar quem emprega e incentivando a qualificação de quem trabalha; é persistindo no sacrifício fiscal mas usando as receitas que ele gera para investir em infra-estrutura e em gente; é tornando o Brasil atraente ao investidor porque nele se produz muito e se consome muito, não porque nele mandam banqueiro e rentista, e é criando escola pública boa bastante para que a classe média queira matricular os filhos nela que libertaremos a nação da camisa-de-força em que a colocaram. O social só prosperará quando estiver ancorado no produtivo: no modelo de desenvolvimento. E nada disso acontecerá sem limpar a política, mudando as regras e os costumes que hoje permitem a governantes aterrorizar endinheirados e a endinheirados comprar governantes.

No Brasil de hoje esse plano de soerguimento nacional é ao mesmo tempo modesto e revolucionário. Informam-me sabidos e desencantados que não adianta lutar por tal reorientação agora: as cartas estariam marcadas e o país, de olhos vendados. Melhor, porém, subestimar os obstáculos do que subestimar o Brasil.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### Brasil verde

Nos países ricos a causa ecológica costuma vir junta com desinteresse pelo crescimento econômico e sinalizar a chegada de uma política pós-ideológica, do gosto de populações entediadas com a agenda ideológica tradicional e amedrontadas com o que o futuro possa trazer. Esse ambientalismo com medo de futuro não tem futuro.

Conosco tem de ser tudo diferente. Até recentemente não entendi a importância da causa verde para a construção de novo modelo de desenvolvimento no Brasil, bom para nós e alentador para a humanidade. Tomara que minha conversão seja repetida por milhões de meus concidadãos.

Nosso maior recurso natural é a biomassa brasileira e o que ela pode gerar de energia para nossa economia, de empregos para nossa população e de segurança física e avanço médico para toda a humanidade. A maior reclamação que o mundo tem contra o Brasil é que não resguardamos nosso ambiente e sobretudo nossa Amazônia. Bom pretexto para o avanço de ambições casadas com preconceitos.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critérios de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico. Deve, nesse âmbito, promover o que convém em todas as áreas da economia: a multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes. Deve começar a comercializar os produtos dessas iniciativas em todo o mundo, sob nosso controle, não sob o controle de multinacionais, como resultados e recursos de um modelo de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos. Deve desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e auto-destrutiva mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional. Deve organizar a proteção do meio ambiente em todo o país fora dos parques nacionais para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

Nada será mais útil para induzir no brasileiro a confiança em sua capacidade de reagir e de resolver. E para ganhar do estrangeiro respeito pelo Brasil. Respeito pela nossa capacidade de preservar nosso singular patrimônio natural. Respeito pelo nosso direito e dever de rechaçar a estranha aliança de grande capital, de ativismo bem-pensante e de narcotráfico que nos gostaria de pôr sob tutela. Melhor ainda do que a confiança em nós mesmos e o respeito dado pelos outros é a promessa de viver para sempre num Brasil que, sendo sempre verde, será sempre brasileiro.

### Mistérios do coração

Nesse espaço costumo tratar de alternativa nacional. Hoje quero tratar de uma das forças que tornam alternativas possíveis. Força obscura, ambígua e tão impalpável que parece inconsequente em comparação com as estruturas poderosas da economia e da sociedade. Dela, porém, depende tudo: é o verdadeiro sustentáculo de nossas esperanças. A força a que me refiro é o espírito do povo brasileiro.

Quem como eu anda viajando pelo país, debatendo nossos problemas e nosso rumo, depara-se com espetáculo assombroso: um povo destituído das mais elementares condições de acesso a oportunidades de trabalho, de produção e de ensino; abandonado ao descaso e à falta de lei; afundado nas trevas da falta de informação e de educação; regido por governantes que, antes de serem ineptos, desonestos e confusos, são sobretudo levianos e despossuídos de uma idéia de tarefa. E, apesar de tudo isso, capaz, quando

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

lhe é dado a mais modesta condição, de prodígios de energia construtiva, de tenacidade e de vigor, tanto mais impressionantes por serem despreziosos.

Vivemos momento de desalento que pode suscitar dúvida sobre a dimensão de nosso destino nacional. Olhemos em volta para a grandeza que nos cerca de todos os lados, não só no palco natural da vida brasileira mas também e sobretudo na vitalidade, aparentemente inesgotável e inexplicável, dos homens e das mulheres comuns do Brasil.

Imprescindível compreender-lhes o espírito para medir os recursos com que pode o Brasil reagir contra a desmoralização de grande parte da classe política corrompida e da classe endinheirada corruptora. E para interpretar a reação popular a esse naufrágio. Engana-se quem, ao ler pesquisas de opinião que indicam a persistência da popularidade pessoal do Presidente, imagine que cobrança de moralidade seja apanágio da classe média, sem valia para a maioria popular. Engana-se porque numa sociedade tão desigual e tão desigualmente informada quanto a nossa, a mudança da consciência popular ocorre lentamente, em graus sucessivos. Engana-se também porque a população julga o Presidente com realismo. Vê-lo como o "homem mediano sensual" que ele é: inteligente, caloroso e conhecedor do sofrimento popular, porém fraco e tragicamente aquém da tarefa de que os acidentes da vida e da história o encarregaram.

Os trabalhadores compreendem intuitivamente que moralidade pública não é luxo; é requisito de sobrevivência nacional num país em que nada pode progredir enquanto o governo continuar no bolso dos ricos. A moralidade popular é implacável mas não é estúpida. Por não ser estúpida, não quer substituir os governantes malfeitores e toscos de hoje pelos governantes malfeitores e aveludados de ontem.

O problema agora é ao mesmo tempo simples e difícil de ser resolvido nas condições reais da vida brasileira. Há no país um desejo avassalador de sair de tudo isso. Sair de tudo isso significa virar as costas para toda essa gente -- os que governam e os que governavam. Como, porém, encontrar a porta da saída sem cair nas mãos de mais um impostor? Como, quando se apagam as luzes e não se consegue identificar quem é quem?

E nisso está o Brasil -- sofrendo imensamente, querendo a mais não

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

querer uma vida diferente e maior e guardando nos segredos do coração o prenúncio de seu engrandecimento.

### Uma visita ao México

Dois dias de discussão no México com o Presidente Fox e seus colaboradores revelam um governo que descobre a diferença entre ganhar a admiração dos americanos e dos europeus e conseguir desenvolver e democratizar o México. A eleição de Fox, um momento de ressurreição nacional, impôs ao país e a seu governo uma tarefa para cuja execução escasseiam tanto idéias claras quanto forças organizadas.

O projeto empunhado pelo presidente e seus ministros mais arrojados tem três vertentes: armar a cidadania com meios para fazer guerra contra o clientelismo e a corrupção; promover uma revolução no ensino público que entusiasme e capacite o país; e reorientar o crescimento econômico, ampliando sua base social e seu potencial produtivo.

Organizações da polícia e do ministério público, espalhadas por todo o país, receberiam denúncias de corrupção e passariam a investigá-las, com independência do governo. Centros de assistência jurídica popular dariam aos mexicanos os recursos para conhecer e defender seus direitos.

Na educação, não basta universalizar a escola secundária. É preciso, também, substituir a decoreba por um ensino seletivo, analítico e capacitador. Impõem-se um programa maciço de treinamento de professores e um federalismo flexível. União, estados e municípios se associariam para vigiar e cumprir mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola.

Na economia, trata-se de superar o modelo "maquilador", das indústrias montadoras, com pouco de componente mexicano ou de vínculo com o resto do sistema produtivo. Reinventar um processo de substituição de importações que multiplique oportunidades e que seja compatível com a abertura para o mundo. E empregar a parte mais pobre da população em grandes frentes de trabalho que associem o governo com a iniciativa privada na construção de casas, escolas e estradas.

Acuado pela desaceleração da economia americana, Fox sabe que terá de virar Roosevelt para não acabar como Hoover. Seu drama, porém, é

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

não contar com uma crise grave o bastante para forçar o México a abandonar a mediocridade.

Os aliados potenciais são as dezenas de milhões de mexicanos que, à margem de uma estrutura corporativista decadente, aspiram à condição de pequenos empreendedores e trabalhadores qualificados. É preciso organizá-los em torno das iniciativas em economia e educação. E criar um partido de centro-esquerda que sustente o novo rumo e provoque a reorganização de todo o espaço partidário.

No gabinete do Presidente, o retrato de Madero -- profeta e mártir da Revolução Mexicana -- lembra a fragilidade de qualquer projeto que não se apóie numa idéia que a nação compreenda, compartilhe e defenda. De todos os milagres de que precisa o México, o mais importante é a transformação das consciências por uma visão do futuro nacional.

Um grande país se pode construir com noventa e cinco por cento de pragmáticos entre seus quadros dirigentes. Não com cem por cento de pragmáticos. Os cinco por cento de visionários fazem falta ao México -- e ao Brasil.

### Melhor do que Quixote

A crise do governo Lula chega a seus limites. O presidente e seus correligionários animam-se novamente com a possibilidade da reeleição. A nação política redescobre o óbvio: o significado dos acontecimentos atuais depende do que possa acontecer em seguida. É da antecipação imaginativa do próximo passo que vem, retrospectivamente, a luz.

A crise confirmou o que já se sabia: do jeito que se organizam o financiamento eleitoral e a representação política, a corrupção é quase inevitável. E é quase inevitável que ela continue a produzir seu efeito mais nefasto: negar ao país o espaço para identificar ou para construir novas mensagens e novos mensageiros e, por meio delas e deles, encontrar uma saída.

É muito simples. A trajetória abraçada, em nome do realismo modernizante, por tucanos e por petistas frustrou o dinamismo da nação.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Junto com a maior parte da América Latina e ao contrário dos outros países continentais em desenvolvimento, o Brasil, sob seus governos, abraçou projeto que o vem lentamente arruinando e desmoralizando: privilegiar a confiança financeira e a ela subordinar os interesses do trabalho e da produção; propor as reformas institucionais que agradam nossos credores e tutores estrangeiros; tratar a política social, à míngua de recursos, como espécie de açúcar compensatório, a ser ministrado só aos mais pobres e aceitar como naturais os arranjos corruptos entre governantes e endinheirados.

Esse sistema não produziu, e, na ausência de revés na economia mundial, não produzirá, queda dramática. Produziu algo pior: uma mediocridade persistente, desperdício, de energias e de vidas, em escala raramente vista na história contemporânea de qualquer povo. O Brasil e seus vizinhos sofreram nos últimos vinte e cinco anos o maior rebaixamento de posição relativa de qualquer região do mundo, com a conivência da maior parte de seus quadros dirigentes e de suas elites pensantes. Em nome do bom senso do "dever de casa", entregaram-se à insensatez do conformismo e da falta de imaginação.

E agora? Na política brasileira, a linha de menor resistência depois da crise é a mesma que a linha de menor resistência antes da crise. O Brasil arrisca ter de escolher mais uma vez entre o rumo tucano-petista (difícil dizer se uma de suas duas vertentes é mais corrupta e nociva do que a outra) e um esquerdismo isolado e carente de proposta.

O instrumento político com que providenciar a solução ainda não está disponível. Terá de ser fabricado no meio da confusão, não com as pessoas e com as forças que gostaríamos que existissem mas com as que de fato existem. O ruim disso é a anarquia partidária, a desorientação dos políticos, para as quais só há conserto no curso de uma articulação audaciosa -- para redimir o país da mediocridade -- que vire aos poucos um movimento nacional. O bom disso é que a nação continua a oscilar entre o desalento e a inconformidade. Busca alternativa em meio à escuridão.

Tratemos, portanto, de alcançar o necessário por meio do improvável, reunindo as forças que resistem às opções inaceitáveis da política atual, persistindo, contra a maré, na proposta indispensável, e livrando-nos do preconceito e do medo. Não basta dá uma de Quixote. É

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

preciso fazer algo mais interessante: enfrentar a realidade como ela é. Melhor para o país. E melhor para a alma também.

### Auto-transformação

Uma parada no incessante discurso de proposta com que custumo ocupar esse espaço. Um intervalo para refletir a respeito de sentimentos que bloqueiam o caminho de nosso engradecimento nacional.

Dentro da minoria que dispõe de meios para se ocupar da vida pública no Brasil, predominam três estados de espírito. A consciência característica dos políticos profissionais é medir cada iniciativa da carreira eleitoral por um cálculo de risco e retorno, de custo e benefício. Se todos se pautassem por tais critérios, nunca haveria, na vida das nações, grandes revelações e transformações, a não ser aquelas que lhes fossem impostas pelos traumas do colapso econômico ou da derrota militar. Nada de verdadeiramente inovador pode acontecer na experiência política de um povo se todos seus líderes forem meros calculistas, incapazes de trabalharem, com convicção, contra as tendências instaladas e as necessidades aparentes.

Ao calculismo dos políticos se contrapõe, entre nós, a indignação dos idealistas. No fundo, desesperam da mudança. O que querem é que alguns se disponham a praticar um ritual de purificação: clamando no deserto contra os calculistas, honestos ou corruptos, sem se misturar com os personagens reais da política e com as forças reais da sociedade. Postura estéril, tanto moral quanto politicamente. Esses indignados recebem estímulo discreto de um grupo, muito maior, que não lhes compartilha a seriedade: o das elites bem pensantes que, zelosas em administrar suas imagens, nunca quadram o círculo da ação; não conseguem reconciliar o que rende prestígio, de acordo com preconceitos arraigados, com o que com é capaz de mudar corações e realidades. Preferem ficar com o prestígio.

Assiste ao embate entre os pequenos realistas da poder e os clamantes no deserto um coro tristonho: o dos observadores da política, sobretudo na imprensa. Atrelados ao fatalismo, que é a atitude característica dos que não atuam, e próximos demais dos políticos para

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

desconhecer-lhes as mazelas, narram os acontecimentos à luz de um roteiro implícito: os que estão no palco do poder não prestam porque se renderam e os que estão fora do palco, reclamando, não prestam porque se dividem entre fingidos e irresponsáveis. Falta aos integrantes desse coro um ingrediente indispensável da imaginação, a esperança.

Todos esses grupos -- os calculistas, os puristas e o coro dos desenganados -- bebem do mesmo veneno, que é a falta de idéias sobre alternativas, de organização e de consciência. A falta de idéias abre espaço para a falta de caráter; a coragem, primeira das virtudes cívicas, desorienta-se, e afinal definha, por cegueira.

O que é preciso? Recusar os padrões dos três grupos. Meter-se no meio da confusão e bater a cabeça contra a parede, com o bom humor possível. Ver cada força e cada indivíduo pelo que é, sabendo ser mais fácil mudar um país do que mudar uma pessoa. Participar da luta pela persuasão e pelo poder, procurando aliados e apoios reais, não talhados de acordo com os preconceitos da mesma gente que sufoca, em mediocridade compulsória, a vitalidade do país. Atuar, contudo, sem perder a noção do rumo e dos limites. Casar a coragem com a clareza. Credenciar o ardor com o sacrifício. Sob a disciplina penosa dos fatos, deixar-se levar por um arrebatamento despojado e esperançoso, sem o qual nada de grande se faz nesse mundo.

## Renasce o confronto ideológico

Vivemos os momentos iniciais de uma virada no eixo do conflito ideológico na humanidade. Pouco entendida em qualquer lugar, essa virada é distante dos termos em que ainda se trava o debate brasileiro. Compreendê-la, porém, é apossar-se de instrumento indispensável para a definição de nosso futuro nacional.

Cito as três ideologias que dominaram os debates políticos dos últimos dois séculos. Todas as três encontram-se em apuros, desorientadas na identificação de seu norte.

O liberalismo se destinaria a engrandecer o indivíduo, capacitando-o para resistir às opressões. Em todos os países contemporâneos, entretanto,

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

mesmo naqueles que são muito mais ricos e igualitários do que o nosso, a sociedade continua dividida em classes. E a maioria, mesmo quando salva da pobreza, não tem como viver vida ambiciosa e realizadora -- vida que se torne maior, não menor, com a passagem dos anos. É assim mesmo, pela própria natureza das coisas, ou devem os liberais reconstruir as instituições e transformar a cultura para serem fiéis a seu ideal libertador?

O socialismo teria por objetivo emancipar o potencial da cooperação entre as pessoas dos constrangimentos que lhe são impostos pelas desigualdades e valorizar o encaminhamento de soluções coletivas para os problemas coletivos. Mas qual o instrumento? O manejo estatal dos meios de produção mostrou-se inconfiável. E a suavização das desigualdades graças a políticas sociais compensatórias revelou-se insuficiente.

O nacionalismo abriria caminho para a invenção de expressões coletivas novas de vida e de consciência. Mas cadê os as formas de organização política e social que dariam realidade a esse sonho, dotando os povos de meios para desbravar rumos antes desconhecidos, mesmo sem contarem com a provocação de guerras e colapsos econômicos? Sem tais meios, o nacionalismo ameaça virar engodo, facilitando a mobilização das frustrações para cruzadas opressoras.

A trajetória de cada uma desses ideários revela o ponto secreto da divisão ideológica que surge. De um lado, estão aqueles -- liberais, socialistas ou nacionalistas -- que dão de barato que a vida é assim mesma, que a grandeza será sempre bem reservado a elite de talentosos e de sortudos e que o horizonte da reconstrução institucional se fechou. De outro lado, colocam-se aqueles -- liberais, socialistas ou nacionalistas -- que insistem em querer engrandecimento para porção mais ampla da humanidade, por meio de transformação das instituições e das consciências, sem ter guerra ou ruína como pré-condição da mudança.

Tudo isso pode parecer irrelevante para uma nação em que a imensa maioria se esforça para conseguir o essencial, a média de escolaridade pouco passa de cinco anos e os decentes sentem nojo pela política. Engano. Se há país que não deva deixar de enfrentar e de superar a exaustão das ideologias, é o Brasil. Participar da vanguarda dessa renovação ideológica no mundo é, para nós, imperativo de salvamento nacional; a forma herdada do debate ideológico deu-nos algo pior do que a estagnação econômica: o

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

sentimento de que não há o que fazer. Lutemos para traduzir a imaginação das alternativas em palavras e em iniciativas capazes de esclarecer e de inspirar cada brasileiro.

### Redistribuir a renda?

Se há algo sobre o qual quase todos parecem concordar no debate brasileiro, é a necessidade de redistribuir a renda. Nada mais natural num país que é um dos mais desiguais do mundo. Há, porém, um problema: o aparente consenso esconde uma ambiguidade. E a ambiguidade ajuda a ocultar um engano. Enquanto não resolvermos a ambiguidade e superarmos o engano, não avançaremos naquilo que mais reivindica a nação: desenvolvimento com justiça.

Redistribuição de renda pode ocorrer de duas maneiras diferentes. Uma maneira é por transferências compensatórias de recursos. O governo tributa e usa a receita pública, quer para transmitir dinheiro diretamente aos mais pobres, como nos casos da Aposentadoria Rural ou da Bolsa Família, quer para financiar políticas sociais que lhes melhorem o padrão de vida. Contrariamente ao que se supõe, a forma mais eficaz dessa transferência compensatória de recursos, tal como praticada, por exemplo, nas social-democracias européias, não depende da tributação progressiva: aquela que incide sobre os mais ricos para beneficiar os mais pobres. Por mais desejável que seja essa tributação progressiva, ela nunca consegue dar conta do recado: causa muita confusão econômica para relativamente pouca receita. É por isso que mesmo os países mais igualitários acabam por se socorrer em peso de uma forma de tributação -- o imposto sobre o valor agregado -- que incide, em última instância, sobre o consumo de todos. Tem uma enorme vantagem: permite muita arrecadação em troca de relativamente pouco desincentivo econômico. O que se perde, de efeito redistribuidor, na hora de arrecadar, ganha-se em dobro na hora de investir mais dinheiro no social.

A outra maneira de redistribuir a renda é por meio da democratização de oportunidades econômicas e educativas. E de todas as mudanças institucionais que contribuam, direta ou indiretamente, a esse efeito. Por

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

exemplo, ampliar o acesso dos empreendedores emergentes ao crédito e à tecnologia; melhorar a qualidade do ensino público; tomar medidas, como a supressão dos encargos sobre a folha de salários, que deixem de castigar quem empregue e qualifique o trabalhador.

A lição da experiência mundial é inequívoca. A transferência compensatória de recursos é útil e até imprescindível, porém como acessória da democratização de oportunidades econômicas e educativas. A democratização de oportunidades é sempre a base. A transferência compensatória é só o complemento. Compreender isso é revolucionar a discussão nacional e abrir caminho para outro futuro.

### Nosso futuro

Dizem versos em sânscrito, escritos há mais de dois mil anos: "A esperança é uma corrente que nos amarra uns aos outros. Maravilha de corrente. Os acorrentados correm longe. Os desatados ficam mancos."

Nada no desalento e nas desilusões do momento nos deve fazer esquecer que o Brasil reúne condições para ser grande país. Vasto território, ainda pouco povoado, com recursos hídricos e biológicos inigualados. Facilidade para semear e para colher o ano todo. Distanciamento, inveterado e convicto, de guerras e de hegemonias. Ausência de ódios arraigados e de divisões insanáveis. Povo mais capaz de assimilar e de misturar etnias e culturas do que o americano, que dessa capacidade sempre se vangloriou. Flexibilidade de espírito e pendor para o improvisado. Fé, combatida porém ainda viva, na possibilidade de reconciliar a pujança com a ternura.

Contra tudo isso de promissor levantam-se três ameaças a nosso futuro. A primeira é ensino público incapaz de equipar a energia frustrada do país. A segunda é vida pública -- e sobretudo sistema partidário -- que desmoralizam ou suprimem as alternativas, de projeto e de poder, de que precisa a nação. A terceira é falta de identificação de nossos quadros dirigentes com o futuro do Brasil. Por conta dessa falta, ainda não se consolidou entre nós o desejo de lutar para afirmar, dentro da humanidade, nossa originalidade coletiva e para transmitir mensagem que seja universal

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

justamente por ser singular.

Não começaremos a aproveitar aquele potencial e a superar estas ameaças se continuarmos, depois da eleição, as rivalidades e as confusões de antes da eleição. Também não o faremos pelo caminho de governo de união nacional que sacrifique a consenso gelatinoso e conservador a dialética de idéias e a inovação de rumo vitais ao país.

Todos nós que queremos construir o desenvolvimento com inclusão e tirar a política da sombra corruptora do dinheiro nos precisamos unir. Lutar para que o novo governo, que , por veredicto da maioria pobre, será o do presidente reeleito, atue como agente desse projeto. E providenciar, junto com a mudança nas regras da política, o instrumento partidário adequado. Para que o Brasil mude de rumo, o presidente terá de ousar. Alguns de seus adversários de ontem terão de ser seus aliados de amanhã. O debate nacional terá de contar com mais, não menos, contraste de posições. E a nação toda terá de encontrar dentro de si os recursos, de magnanimidade e de clarividência, necessários a seu engrandecimento.

### Mania de pequenez

Dedico esse espaço à discussão e à defesa de alternativa nacional. Não se esgota essa alternativa em mudança de instituições. Exige também mudança de mentalidade. O maior problema de nosso país hoje não é estagnação econômica, desigualdade opressora, despreparo educativo ou desmoralização partidária. É que os brasileiros se sentem pequenos e se conformam com o apequenamento do Brasil. Nenhum país ascendeu sem deixar-se comover e inspirar por concepção alta e exigente de suas possibilidades.

Como entender a calamitosa modéstia de nossa visão de nós mesmos? Cito quatro fatores que ajudam a explicá-la.

O primeiro fator é a fragilização econômica e espiritual da classe média. Os grandes momentos de inflexão na história brasileira ocorreram quando parte da classe média se desgarrou da plutocracia cosmopolita e colonialista e protagonizou nova idéia do futuro nacional. Hoje, a classe

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

média tradicional se sente bloqueada e perdida. A classe média dos emergentes ainda não encontrou voz política.

O segundo fator é a falta de tradições fortes e independentes de pensamento. Não se faz futuro sem idéias. Onde estão as nossas? Confundimos abertura para o que se pensa fora do Brasil com licença para não pensar, de maneira rebelde e original, dentro dele. Se o Brasil se engrandecer sem antes haver construído grandes universidades, será caso sem precedente na história moderna.

O terceiro fator é não se haver forjado nossa nação, como foram forjadas quase todas as grandes nações, em meio à guerra. Ainda bem: a paz é boa aventura. Ela nos nega, porém, o que outros países tiveram: o desafio das crises de vida e morte, que arrancam as pessoas de suas rotinas amesquinadoras. Teríamos de aprender a ver nossa combinação de estagnação, desigualdade e despreparo como a que crise provocadora que nos falta.

O quarto fator é nos encontrarmos numa época em que as populações cultas dos países que nos acostumamos a tomar como referências se desiludiram da política. Elas talvez se possam dar esse luxo. Nós não. Nós ainda não nos libertamos. Temos de passar pela desilusão da desilusão.

Explicar não é esmorecer. Nenhuma dessas causas de nosso apequenamento tem de ficar sem remédio. Todos os remédios, entretanto, exigem um pouco daquilo que mais nos falta: grandeza. Por isso, o círculo vicioso precisa ser rompido primeiro dentro de algumas consciências. Cada um que propuser e encarnar outra idéia do país valerá um governo e uma revolução.

### Honra ao mérito

Nada hoje no Brasil surtiria efeito mais libertador do que travar guerra sem trégua em prol da supremacia do mérito sobre o favor, o apadrinhamento e a herança. Não há reorientação desenvolvimentista e democratizante que possa vingar enquanto formos sociedade em que a transmissão hereditária das vantagens econômicas e educativas e a trama

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

das relações de parentesco e de compadrio falarem mais alto do que o valor do indivíduo, demonstrado na comparação de seu trabalho com o trabalho de seus pares.

Dois pecados originais estigmatizam nossa civilização. Um é a escravidão africana, cujos efeitos duradouros continuam a corromper quase todos os aspectos de vida social entre nós. O outro é se haver formado o Brasil sob a sombra dos favores e das heranças. Os que podem protegem os seus. Os que não podem assistem, impotentes, ao triunfo do favorecimento sobre o merecimento.

Esse triunfo repousa sobre duas bases principais: o poder quase irrestrito da transmissão hereditária da propriedade para organizar nossa economia e a incapacidade do ensino público entre nós para criar contraelite de mérito, capaz de se impor ao cartel de herdeiros e de apadrinhados que ainda possui o país.

A maioria das grandes empresas brasileiras são até hoje negócios de família. Quem sobe graças ao talento acaba por esbarrar nos filhos do dono. (Estes, os supostos beneficiários, devem também ser contados entre as vítimas, engordadas para depois entregar sua liberdade existencial no altar do dinheiro.) O canal que o setor público oferecia para a ascensão meritocrática da classe média estreitou-se por conta das privatizações e do enfraquecimento das carreiras de Estado. E algumas das grandes empresas que seriam exceções ao nepotismo reinante servem de palco para aproveitadores descontrolados tanto pelo mercado como pelo Estado.

A educação não resolveu porque não houve. Enquanto a escola pública fôr só para pobre, ruim demais para atrair a classe média, não prestará para ninguém. Não servirá para ensinar a nação a derrubar o sistema dos meus sobre os teus.

Elejamos a luta para colocar o regime do mérito no lugar do regime dos herdeiros e dos compadres como uma das diretrizes do próximo período de nossa vida nacional. Luta a ser travada na política, na economia, na cultura e na família. O Brasil está pronto. Já formou, de baixo para cima, novo espírito de esforço, auto-ajuda e iniciativa. Falta cortar o laço que nos estrangula.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

### Contra o desencanto

Qualquer brasileiro sabe que os brasileiros estão desencantados com a política. Não é sentimento exclusivo nosso. É hoje regra no mundo.

Esse desencanto deita raiz em descompasso entre o que nossas idéias nos ensinam a exigir da política e a maneira como as mudanças de fato ocorrem. Nossas idéias mais prestigiosas a respeito da democracia levam-nos a ver na política democrática o instrumento privilegiado da transformação social.

Só que na história moderna acontece diferente. As transformações costumam nascer por meio do fórceps das crises: guerras e colapsos econômicos. No Brasil, escassearam as guerras mas não os colapsos, que ofereceram oportunidades para as reorientações do país.

Espera-se da política o que ela só costuma providenciar quando tem por aliado o trauma. A solução, porém, não é ficar parado e frustrado, aguardando a próxima calamidade. É começar a reconstruir nossas instituições, práticas e idéias para que a mudança dependa menos da ruína.

Tudo isso pode parecer muito teórico. Tem, porém, sentido direto para o Brasil. A Dinamarca, onde também há desencanto com a política, está com a vida arrumada. Pode dar-se o luxo de esperar a próxima crise. Nós estamos com a vida desarrumada. Não nos podemos dar esse luxo.

Reduzido a seus termos mais simples, a solução é aproveitar o que temos. E o que temos de sobra é o recurso mais importante: vitalidade. O grande projeto nacional é criar condições para surgirem milhões de projetos, não do Estado brasileiro, mas dos brasileiros, na vida econômica, social e cultural do país.

A ideologia conservadora ou neoliberal usa esse vocabulário de libertar as forças de baixo. Propõe, porém, formulário institucional que, em sociedade tão desigual e dividida como a nossa, deixa a maioria a ver navios.

O caminho é usar os poderes do Estado para produzir

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

democratização radical e irreversível das oportunidades para trabalhar e produzir, o que pressupõe assegurar aos interesses de trabalhadores e de produtores primazia sobre os interesses de rentistas. É criar as instituições de democracia mais mudancista e participativa do que as democracias refesteladas do Atlântico norte. E é construir ensino experimentalista e analítico que transforme o improvisado inculto dos brasileiros em flexibilidade preparada. Ao tornar para sempre a mudança menos dependente da crise, usaremos a imaginação para matar o desencanto.

### Inteligência brasileira

Qual é hoje a vocação maior do pensamento brasileiro? O caminho a evitar é o percorrido pelas ciências sociais e pelas humanidades nos países do Atlântico norte. Nas ciências sociais, a começar por economia, prevalece lá a racionalização do estabelecido: explicar o que existe de maneira a confirmar a necessidade, a naturalidade ou a superioridade das instituições estabelecidas e das soluções triunfantes. Nas disciplinas normativas -- a filosofia política e a teoria jurídica -- a humanização do inevitável: a justificativa da redistribuição compensatória e da idealização do direito como meios para suavizar estruturas que não se sabe como reimaginar ou reconstruir. Nas humanidades, a fuga da vida prática: divagações e aventuras no campo da subjetividade, desligadas do enfrentamento da sociedade como ela é.

As três tendências fingem brigar entre si. Aliam-se, contudo, na submissão à realidade atual. A mensagem é sempre a mesma: aceitar o existente, cantar acorrentado. Cortam o vínculo, indispensável à razão, entre o entendimento do existente e a imaginação do possível.

No Brasil estamos, em matéria de alta cultura, a reboque disso. A tendência racionalizadora predomina, feita, por sua vez, de três vertentes que confluíram para o mesmo fatalismo supersticioso. Um neomarxismo que perdeu confiança tanto em seus dogmas quanto em suas esperanças acabou como discurso para explicar porque nada muda no Brasil, a não ser para assegurar a impossibilidade da mudança. As ciências sociais americanas foram apropriadas para explicar que o Brasil precisa fazer o que

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

lho mandam fazer. E o velho determinismo culturalista de nossos ideólogos conservadores foi reanimado para enfeitar com folclore o receituário do conformismo e da falta de imaginação.

Já passou da hora de jogar tudo isso fora. Para compreender nossa experiência nacional, temos de executar obra de pensamento de valor universal. Identificar as estruturas, de organização e de consciência, que moldam nossa vida. Reconhecer-lhes ao mesmo tempo o peso e a contingência. Expor as contradições, as anomalias, as brechas que fornecem oportunidades transformadoras. Mostrar como nos podemos organizar para diminuir o poder do passado sobre o futuro e a necessidade da crise para a mudança.

Dirão que nada disso pode acontecer no pensamento brasileiro antes de termos universidade séria e condições para o trabalho intelectual. Os renascimentos da inteligência, porém, nem sempre esperam os meios; às vezes os antecedem. É o espírito, escreveu Goethe, que faz o corpo.

### Qual futuro?

Para os países, tal qual como para as pessoas, há um caminho de menor resistência. É o rumo demarcado por tendências predominantes e por hábitos arraigados: a trajetória que menos exige auto-transformação. Nunca é a via do engradecimento, pavimentada com as dores da reconstrução de nós mesmos.

O que, por esse caminho de menor resistência, será o Brasil em meados desse século já se define com clareza que nos deve perturbar. Potência média no Atlântico sul, vista com simpatia por todas as outras nações, porém não considerada por qualquer delas fonte de inspiração.

Sociedade cheia de vida, tolerante, violentamente desigual, com visão modesta de si mesma, ainda habituada a imitar os países de maior poder e prestígio, com algumas dezenas de famílias riquíssimas, com muitos pobres e com classe media insegura, descrente do Brasil e voltada para seus afazeres privados.

Economia montada sobre esplêndida base de recursos naturais, e um

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

dos grandes produtores de grãos do mundo, com muitas ilhas de excelência em matéria de indústria e de serviços, mas basicamente ocupando o papel de seguidor em quase tudo (menos no setor de energia), com multidão de iniciativas empresariais, pequenas e grandes, prontas para compensar, graças a força de trabalho ainda relativamente barata e quase sempre flexível e engenhosa, sua relativa falta de conhecimento avançado e de tecnologia de ponta.

Cultura sedutora, sobretudo em sua expressão popular, porque sem rival na capacidade de encarnar o esforço para reconciliar a grandeza pagã com o amor cristão, por nós vistos como pujança e ternura, porém sempre arriscada de virar folclore inconsequente, desfalcada de movimentos de pensamento original, ainda que contando com alguns artistas e cientistas de primeira ordem, sem universidades capazes de rivalizar com as grandes universidades do mundo, com sistema educacional que mal consegue chegar à média mundial e com predisposições hostis às rebeldias visionárias e vazias de esperança transformadora.

Basta isso? Não basta. Quem abraça como suficiente essa mediocridade trai o Brasil porque dele desespera. Seja esse o momento em nossa história nacional em que decidimos partir para outra, em que abandonamos algo de nosso mundanismo e de nossa falta de imaginação, em que começamos a nos Quixotizar um pouco e em que, determinandos a dar instrumentos à energia que fervilha, frustrada, no país, dissemos um grande não, para poder dizer um grande sim.

## A questão nacional

Uma questão ultrapassa em importância todas as outras no Brasil de nossos dias: a questão nacional. Para que o país se construa e alcance o tipo de desenvolvimento que quer, afirmando dentro da humanidade personalidade própria e desbravando rumo certo, precisamos superar o que tem sido nossa maior fraqueza. É a mentalidade de Vichy, que predomina - e que quase sempre predominou -- entre nossas classes abastadas e imperantes.

No Brasil, quem inveteradamente se identificou com a nação foi o

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

povo pobre, trabalhador e mestiço. A classe média oscilou entre a rebeldia nacional e o espírito de rendição. E os ricos e ilustrados, em grande maioria e em todas as épocas da história brasileira, inclusive a atual, nunca creram na originalidade do Brasil. Viram o país muitos, e o vêem hoje, como lugar onde a doçura e o atraso vivem casados. Segundo eles, com os indispensáveis préstimos e heranças pode levar-se no Brasil vida agradável, porém atribulada por atraso em consolidar os hábitos e as instituições de países mais exitosos e menos suaves.

Essa falta de identificação com o Brasil por parte dos que podem e sabem não é apenas desastre, é também anomalia. Na história dos grandes países modernos, a afirmação nacional tem sido comumente projeto das elites, sobretudo das elites do poder e do pensamento. A tal projeto só depois se costumam converter as majorias. Entre nós, as majorias não precisaram ser convertidas. E não conseguiram converter os endinheirados, os letrados e os mandões.

A forma característica do descomprometimento com o Brasil hoje é cosmopolitismo frívolo, comodista, acovardado, orgulhoso de sua desilusão e, sobretudo, ignorante. Ignorante do papel decisivo que a confiança na originalidade coletiva e a busca de caminho novo desempenharam na formação dos países a que esses mesmos desiludidos se curvam. O colonialismo mental encontra pretextos no discurso da globalização e instrumentos nos fatalismos que proliferam nas ciências sociais.

É hora de fazer guerra contra a doutrina da rendição perpétua. Nunca se reuniram tantas condições favoráveis à vitória da tese nacional acalentada pela maioria. O Brasil está a um passo de construir as bases de desenvolvimento socialmente incluyente. A ascensão da China e da Índia nos cria mais oportunidades do que dificuldades. O governo central não está mais em mãos de gente que desacredita no país. Os fatalismos estão intelectualmente desmoralizados. A nação fervilha, espera e exige.

### O que aconteceu com o neoliberalismo?

Escoraçado de quase toda a parte, o neoliberalismo refugiou-se no Brasil. Como doutrina para os outros -- os subdesenvolvidos, a proposta

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

neoliberal sobrevive hoje em quatro redutos: economistas, formados nos Estados Unidos nas últimas décadas do século passado, que estudaram o desenvolvimento como mero campo de aplicação das idéias reinantes em economia; o setor do governo americano que ensina a outros países o que fazer, ajudado por seus agregados no FMI e no Banco Mundial; os meios financeiros de elite; e a imprensa internacional de negócios.

A essência da doutrina neoliberal foi e é a identificação arbitrária de uma idéia abstrata -- a superioridade da economia de mercado -- com uma fórmula institucional concreta -- a necessidade, para os países atrasados, de adotar as instituições dos países ricos do Atlântico norte, sobretudo em sua vertente americana. A estabilização monetária e a prudência fiscal seriam meros precursores da indispensável convergência institucional. Daí a importância dada à agenda descrita como "microeconômica": por exemplo, organizar mercados de trabalho e de capital tão parecidos quanto possível com os mercados dos Estados Unidos. Caberia à política social a tarefa residual e compensatória de cuidar dos pobres, construindo "redes de proteção social".

O mundo repudiou esse ideário. Repudiou sem ainda ser capaz de demarcar, em termos universais, uma alternativa. Repudiou em favor de uma série de dissidências nacionais. Essas heresias que deram certo têm certos traços em comum: inovar na maneira de produzir e de organizar-se, resguardando, porém, a produção existente; associar o Estado com a iniciativa privada da forma mais descentralizada e menos corrupta possível para poder superar as inibições do atraso; e, uma vez acalentada a febre empreendedora, impor a ela duas disciplinas -- a radicalização da concorrência e a democratização das oportunidades. Tudo muito mais parecido com o que os americanos fizeram em sua própria história do que é o neoliberalismo.

O projeto neoliberal malogrou na região que o adotou com mais fervor -- a América Latina. Só o Chile -- país pequeno, dependente de exportações primárias e pronto a praticar algumas heresias pontuais -- escapou ao fracasso geral, embora à custa de desigualdade crescente. Fatal para os principais países latino-americanos foi a combinação de dois constrangimentos festejados como virtudes pelo neoliberalismo: deixar de mobilizar recursos nacionais que lhes permitissem não depender de dinheiro de fora e deixar de cultivar idéias rebeldes que lhes mostrassem como divergir da cartilha dos que querem mandar no mundo.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Aí está a história do Brasil de hoje -- caldeirão reduzido a marasmo, governado no regime tucano-petista por gente que junta a covardia com a falta de imaginação. Para sair disso, é preciso mudar, ao mesmo, tempo o poder e as idéias. Quem disser que sabe como reunir hoje os recursos humanos, materiais e partidários exigidos por essa campanha transformadora estará mentindo. Ninguém ainda sabe como. Cada dia, entretanto, aumenta o número dos que procuram descobrir. Hoje a vitória desses inconformados, ainda dispersos, pode parecer impossível. Não tardará o momento em que ela começará a parecer inevitável.

### A obra

Pensar pequeno parece hoje no Brasil marca de realismo. Pensar pequeno, porém, é incompatível com as iniciativas necessárias para soerguer o país. Proponho dois raciocínios que convergem para o mesmo desfecho.

As renovações mais bem-sucedidas do século passado ocorreram na Europa sob o nome de social-democracia e nos Estados Unidos sob a égide do "New Deal" de Roosevelt. A experiência do "New Deal" é exemplar tanto pelo que se fêz quanto pelo que se deixou de fazer. Garantiu os americanos contra os extremos da insegurança social produzida pela instabilidade econômica. De nada teria adiantado o compromisso social, porém, sem a recuperação econômica. E o que recuperou a economia americana, dobrando o PIB em quatro anos, não foi qualquer política econômica. Foi a guerra. A mobilização guerreira dos recursos nacionais juntou-se à socialização seletiva da economia para democratizar e desenvolver o país. Não temos guerras à vista. Bastaria essa diferença para demonstrar a impropriedade de uma estratégia nacional que se contente em imitar a social-democracia dos países ricos. Daí por que me venho batendo por um projeto que ao mesmo tempo mobilize os recursos nacionais -- economia de guerra sem guerra -- e ancore o compromisso social na democratização das oportunidades para estudar, trabalhar e produzir.

O segundo raciocínio vai na mesma direção. Em quais dos países latino-americanos teria o neoliberalismo -- a imitação das instituições da

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

economia de mercado dos países ricos e sobretudo dos Estados Unidos -- os maiores benefícios e as menores desvantagens? A resposta paradoxal é: Costa Rica e Cuba, dois pequenos países tornados mais igualitários, num caso por um capitalismo pequeno-burguês e no outro por um estatismo despótico. E em quais seria a orientação neoliberal mais prejudicial e ineficaz? Nas nações latino-americanas maiores e mais desiguais -- o Brasil e o México. Nesses países, a orientação neoliberal predominante continuará a ser o que é agora: o rótulo de nova divisão social, excluindo a maioria da população de capacitações e de acessos. A economia de mercado não cria seus próprios pressupostos. Floresce em ambiente marcado por descentralização de oportunidades de estudo e trabalho e pela atuação de um Estado relativamente independente de influências plutocráticas. O mercado é impotente para preencher seus próprios requisitos; num quadro de grandes desigualdades, precisa ser reinventado, em sua forma institucional, para poder, de fato, existir para a maioria. É por isso que luto por um projeto que democratize a economia de mercado entre nós e construa as bases desse mercado democratizado: instituições econômicas que associem o Estado e a iniciativa privada para vencer as inibições do atraso e multiplicar acessos a crédito, tecnologia e conhecimento; instituições políticas que inaugurem democracia de alta energia, capaz de romper os vínculos entre o poder e o dinheiro, estimular o engajamento cívico e facilitar as mudanças estruturais; ensino analítico e capacitador, que dê braços e asas a nosso engenho.

O maior obstáculo ao avanço dessa campanha transformadora não é econômico nem político. É a idéia apequenada que fazemos de nós mesmos. Destruir essa idéia e substituí-la por outra, de grandeza, é nossa tarefa e minha obsessão.

### Pequeno e grande

O indivíduo, capaz de resistir, de imaginar e de surpreender, faz a diferença entre o aproveitamento e o desperdício de oportunidades históricas.

Três fatores na consciência das minorias politizadas e informadas

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

que manobram a vida pública brasileira explicam porque elas menosprezam o papel da grandeza individual nas transformações que a nação procura. O primeiro fator é o predomínio, sobretudo no pensamento de esquerda, de conceitos que tratam o indivíduo como joguete de forças coletivas. O segundo fator é a cultura do desencanto político, que nossa classe média importou, tão fora de hora, das democracias fartas do Atlântico norte. O terceiro fator é a fraqueza entre nós de tudo o que não renda benefícios palpáveis porque não se assente nas realidades tangíveis da família, da propriedade e do poder. Orientar-se a ideais distantes e a idéias abstratas costuma ser visto no Brasil como evasão romântica; render-se a influências imediatas, como realismo. Nenhum país se engrandeceu sob a direção de tais concepções amesquinadoras. Nada que preste se faz com esse rebaixamento de espírito.

Nunca o país precisou tanto da afirmação intransigente de nossas possibilidades coletivas. E nunca essa afirmação dependeu tanto também de altivez, magnanimidade, audácia e imaginação em nossos líderes.

O tom dominante no Brasil de hoje é dado pela semelhança psicológica entre o Presidente atual e seu predecessor, por si só uma demonstração da insuficiência de categorias sociais para explicar a conduta individual. Insinuantes, charmosos, palavrosos, espertos, flexíveis, descrentes, mundanos, hedonistas, vidrados na correlação de forças dentro e fora do país e cegos para qualquer outra possibilidade -- os dois são tudo o de que não precisamos agora.

Em 2002 as sondagens eleitorais qualitativas demonstravam que boa parte do eleitorado, determinada a ver o país mudar de rumo, chegou a contragosto ao voto em Lula. Funcionava o preconceito dos trabalhadores contra o ex-trabalhador: temia-se que seria facilmente envolvido e manipulado pelos doutores. Só depois de destruídos ou auto-destruídos os outros candidatos de oposição é que a maioria se resignou a votar no ex-metalúrgico. À luz do aconteceu nesses dois anos de governo submisso a uma cartilha importada e ruinosa, há o perigo de que resurja o preconceito superado; muito tempo passará antes que o povo brasileiro eleja outro operário Presidente.

Lula, porém, não se entregou porque nasceu pobre. Entregou-se por ser pequeno demais para o desempenho da tarefa a que os acidentes da vida

A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

e da história o alçaram. Não é selecionando líderes por classificações sociológicas que mudaremos esse quadro. É vendo cada um pelo que é, independentemente de origens, estilos e maneiras. É procurando grandeza a serviço de alternativa clara: força que venha de dentro, não extroversão sedutora. Força que inspire, ilumine e energize.

Os brasileiros estamos cansados de tanta infidelidade conformista e covarde, travestida de realismo. A esse meu país exausto e enjoado, proponho iniciativa e luta. Na sucessão presidencial de 2006, teremos de fazer o necessário por meio do improvável, construindo alternativa, de projeto, de poder e de pessoa, onde há hoje apenas esperteza sem limite e tristeza sem fim.

## FAZER A ABOLIÇÃO DE NOVO

Façamos a Abolição outra vez. Essa Segunda Abolição é uma das condições para que possa o Brasil ser útil à humanidade e a si mesmo. Tenhamos claros o problema, o perigo, a tarefa e a oportunidade.

O problema é que a injustiça racial continua a campear entre nós. Ao campear, envenena tudo em nossa vida nacional. Negros ganham muito menos do que brancos. Ocupam, com grande desproporção, os lugares mais subalternos e humilhantes na sociedade brasileira. A única coisa que sempre foi, e continua a ser, barata no Brasil é o trabalho de negro ou de negra. Pouco adianta discutir se são menos remunerados apenas porque ocupam as funções mais baixas ou também porque são tratados desigualmente mesmo quando desempenham as mesmas funções que seus pares brancos. A desigualdade dos acessos aos meios da qualificação é tão radical que permite à discriminação -- quase sempre evasiva e ambivalente entre nós -- esconder-se atrás do disfarce da isonomia.

Claro que essa injustiça se manifesta de maneira diferente de como se manifestaria em países que evitaram a miscenagação racial e o sincretismo cultural. Como a fórmula tradicional dos relacionamentos entre as pessoas no Brasil foi a sentimentalização das trocas desiguais -- a mistura insistente da troca, da prepotência e da afeição --, as relações entre raças foram também banhadas nesse elixir. Para o bem e para o mal.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

O perigo é que nos deixemos seduzir por duas respostas erradas à problemática da Abolição inacabada. O primeiro erro seria interpretar o peso da miscegenação e a autoridade da tolerância no Brasil como êxito em alcançar a democracia racial. Democracia racial é projeto, não realidade, do povo brasileiro.

O segundo erro seria seguir o caminho dos Estados Unidos ao desvincular a reação contra a injustiça de raça da luta contra a injustiça de classe. O resultado dessa separação lá foi uma política que ajudou a construir uma burguesia negra mas que deixou a massa de negros pobres e desqualificados sem meios, sem lideranças e sem rumo. Imitar no Brasil esse exemplo dos Estados Unidos significaria contentar-nos com a coexistência de movimentos negros que se deixam marginalizar, em troca de concessões que mantêm intocada a estrutura econômica do país (como são as migalhas distribuídas aos quilombos), e uma sociedade branca que prefere homenagear o politicamente correto a mudar o Brasil.

Melhor exemplo é o que, no Sul derrotado, os Estados Unidos tentaram fazer logo após a Guerra Civil, só que por pouco tempo e sem suficiente respaldo político: vincular a superação da discriminação racial a esforço de reconstrução econômica.

Nossa tarefa é dar conteúdo prático a tal vinculação agora no Brasil. E fazê-lo graças à combinação de duas linhas de ação: uma, superficial e contestadora; a outra, profunda e reconstrutora. A contestação é para atacar o mecanismo que faz da distribuição desigual de oportunidades econômicas e educativas o meio para a reprodução da injustiça racial: usar o direito e os tribunais para exigir primeiro das maiores escolas e das maiores empresas, e depois de empresas e escolas menores, que recrutem brasileiros negros e mestiços. E que ajudem, quando necessário, a qualificá-los. A falta de candidatos qualificados, longe de servir como justificativa define uma tarefa que as maiores organizações privadas do país devem compartilhar com o Estado brasileiro.

A reconstrução é para mudar na raiz as instituições e as práticas que impedem o aprofundamento da igualdade de oportunidades. Limito-me a exemplos que dizem respeito à reforma do ensino. O mesmo princípio aplica-se, porém, à reforma da economia. Organizar procedimentos para consertar, por meio de iniciativa conjunta do governo federal, dos Estados e

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

dos Municípios, redes de escolas locais que tenham caído, repetidamente, abaixo do mínimo aceitável de qualidade. Identificar entre as crianças pobres, desproporcionalmente negras, as mais talentosas e esforçadas. E dar a elas apoios econômicos abrangentes e chances acadêmicas extraordinárias. Fazer delas vanguarda, baseada no mérito, de uma maioria que se agitará para seguir-lhes o caminho. E ir ao encontro dos milhões que se mostrarem incapazes de responder a esses incentivos -- muitos aprisionados dentro de famílias desestruturadas e desesperadas. Para isso, acrescentar aos programas sociais de transferência de recursos (como a Bolsa Família) ações destinadas a capacitar os indivíduos e a organizar as comunidades.

A oportunidade que a Segunda Abolição abre para o país resulta de duas circunstâncias. Uma vem de longa data. A outra representa marca do Brasil de nossos dias. O fato duradouro é nosso pendor para o sincretismo: a mistura de gente guarda continuidade com a junção de culturas. Nosso equívoco tem sido confundir o sincretismo com solução, quando é apenas instrumento. O fato contemporâneo é a transformação do país por obra de uma classe média que emerge de baixo, como beneficiária da mobilidade social e portadora da disposição para arriscar e para empreender. Um país que combina sincretismo cultural e mobilidade social tem tudo para fazer a Abolição de novo. E, ao fazê-la, para exemplificar o que o mundo todo busca.

Nosso país está predestinado a engrandecer-se sem imperar. Para que esse destino se consuma, porém, terá a nação de unir-se. E, para unir-se, aprender a enfrentar, sem medo nem rancor, e por sucessivos atos de despojamento e de desassombro, o legado da escravatura africana. Se fizer isso, o povo brasileiro fará justiça a si mesmo. Passará a aceitar-se pelo que é e pelo que pode vir a ser. Deixará de temer sua própria grandeza.

### Leonel Brizola e o futuro do Brasil

Perdoem-me os leitores dar a esse artigo cunho pessoal. Quando eu era criança, ouvi muitas de vezes de meu avô, Otávio Mangabeira, uma história a respeito de Rui Barbosa. Otávio e seu irmão mais velho, João, que viria a fundar o Partido Socialista Brasileiro, eram discípulos diletos de

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Rui, que tratavam como encarnação da República. Contou-me meu avô que certo dia, pouco antes da morte de Rui, entrando na biblioteca dele no Rio de Janeiro, encontrou-o desolado com o Brasil e com os frutos, aparentemente escassos, de sua vida de luta. "Minha tristeza é mortal~" disse ele a meu avô. Quando, ainda em minha infância e adolescência, comecei, por mãos de meu avô, a conviver com os velhos chefes liberais -- sou talvez o único brasileiro de minha geração a haver privado com eles -- encontrei um grupo de homens que parecia haver resolvido um dos maiores enigmas da existência humana: como participar intensamente dos combates de seu tempo sem perder a nobreza: arrebatamento despojado, magnanimidade incapaz de ser corrompida pela vitória ou abatida pela derrota, força interior inquebrantável diante das pressões e das decepções do mundo.

Já adulto, conheci aquele que viria a considerar o maior dos brasileiros vivos. Era em quase tudo diferente de Rui e dos apóstolos republicanos que em Rui se inspiraram: diferente, na origem social, nascido de pobres lavradores, não da alta burguesia profissional; diferente na cultura, feita de intuições e manifesta em histórias exemplares, não em doutrinas eruditas; diferente, na orientação programática e social, voltada para a afirmação da independência e da originalidade do Brasil e para o destino dos trabalhadores brasileiros, não para o esforço de compatibilizar o Brasil com o formulário liberal. Igual a Rui, porém, no culto ao regime republicano e no ardor da identificação com o Brasil. E, no final da vida, como Rui, enojado e indignado com o que via a sua volta e querendo mais -- mais força, mais vida, mais tempo -- para lutar. Para um homem público, talvez para qualquer pessoa, ter isso é ter tudo.

Formada nas teorias sociais dos últimos dois séculos, nossa intelectualidade sempre teve dificuldade em compreender haver algo ainda mais importante do que classes e ideologias; a natureza moral do indivíduo: o indivíduo que, ao tornar-se adulto, recebe da sociedade um roteiro ditando-lhe como pensar, atuar e sentir, mas que, surpreendentemente, para viver e fazer viver, joga esse roteiro fora e escreve outro. Esse é o momento da grandeza; essa é a hora da imaginação.

A diretriz da atuação política da Brizola foi a idéia de refundar o Brasil, formado no cadinho da escravatura, da exclusão, do desrespeito e da ilegalidade, na valorização dos interesses do trabalhador e no fortalecimento das capacitações do trabalhador. Para isso, era necessário afirmar a independência nacional, rejeitando tutelas, sobretudo mentais.

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

Aumentar radicalmente a participação do salário na renda nacional. Associar o Estado com a iniciativa privada para democratizar oportunidades e para instrumentalizar energias. Desenvolver um ensino público que, livre de mistificações, redimisse a criança, sobretudo pobre, das indignidades e das inibições de seu meio. Impedir o esvaziamento do regime republicano e preservar o espaço constitucional para a reviravolta econômica e social. Convencer o brasileiro, principalmente o pobre e o negro, de que ele é grande e que o Brasil pertence a ele. Se faltou algo ao desdobramento desses compromissos, foi a imaginação institucional e a prática organizadora, que faltam a quase tudo e a quase todos em nosso país.

Para qualquer homem, por maior que seja, os compromissos que o guiam passam pelo prisma de uma trajetória moldada pelas forças de sua época e pelos acidentes de sua vida. Para Brizola, foi a época Vargas e o sistema Vargas e sobretudo o antigo PTB como sua vertente partidária mais progressista e fecunda. Brizola identificou-se com essa tradição e com suas raízes jacobinas e republicanas no Rio Grande do Sul. Criticou-a, porém, e ajudou a reconstruir como só podem fazer os que se identificam com uma obra histórica. Pouco a pouco, o PTB que surgiu da era Vargas purgava-se de suas mazelas quando caiu no abismo da ditadura militar. Resgatar e reinventar esse trabalhismo nacional é a obra que ocupou Brizola na última fase de sua vida e que ele deixou inacabada.

Tragicamente para o Brasil, os intelectuais mais influentes entre nós interpretaram essa ação pública sob o rótulo de categorias obtusas, vagas e enganadoras como "populismo": como se, num país com maiorias desorganizadas e organizações frágeis, pudéssemos contentar-nos em representar apenas os interesses já organizados e por isso mesmo relativamente privilegiados. O resíduo prático desse embuste ideológico foi a promoção, a partir das últimas fases da ditadura militar, de uma esquerda que parecia "moderna" porque era também "corporativista": fundada sobre as organizações sindicais e religiosas e portanto parecida com a esquerda supostamente respeitável e responsável que marcara a história européia.

O resultado desse equívoco -- monstruoso e previsível -- está hoje diante de nossos olhos no governo Lula. A representação da minoria organizada dentro da massa popular e de classe média foi apenas a escada

## A transformação da experiência: idéias, atitudes, emoções.

para chegar ao poder, jogada para o lado depois de usada. Os que subiram perderam-se, sem a luz que pudesse vir do passado, da tradição dos conflitos sociais e políticos do último século de nossa vida nacional, ou do futuro, da visão de outro rumo, definido pela aliança do regime republicano com os interesses do trabalho e os valores da independência nacional. Agora é preciso começar de novo, retomando o fio partido da história brasileira.

Nos últimos meses, minhas conversas incessantes com Brizola eram dominadas por um único tema: como livrar o país de ter de escolher em 2006 entre duas coalizões políticas -- uma organizada em torno do PT e do presidente atual; a outra, em volta do PSDB e do presidente anterior -- que representam o mesmo projeto ruinoso -- o projeto que o povo brasileiro tentou, e não conseguiu, substituir na eleição presidencial de 2002. As discussões com Brizola tiveram desfecho num plano audacioso -- inteiramente fora dos cálculos -- de intervenção na sucessão presidencial, a ser debatido e revisto e sujeito aos contratempos de qualquer ação empreendida contra a corrente. Brizola pediu-me que memorializasse por escrito essa proposta. Assim fiz em longa carta, entregue, quando ele já não a podia ler, em 21 de junho, dia de sua morte.

Agora estamos todos nós, os inconformados, muito mais sós. Falo por muitos quando digo -- dizendo o que sinto, não o que devo dizer -- que nunca me senti tão obrigado a atuar e tão faltoso de meios de ação. E juro perante meus concidadãos: "Inveniemus viam aut faciemus": encontraremos um caminho ou faremos um caminho.